PLAYLIST: ABEL CAMARGO (HIBRIA) ‹› PÔSTERES: EZO (EZO) E KREATOR (HATE ÜBER ALLES)

ROADIE CREW

Met & Class ock

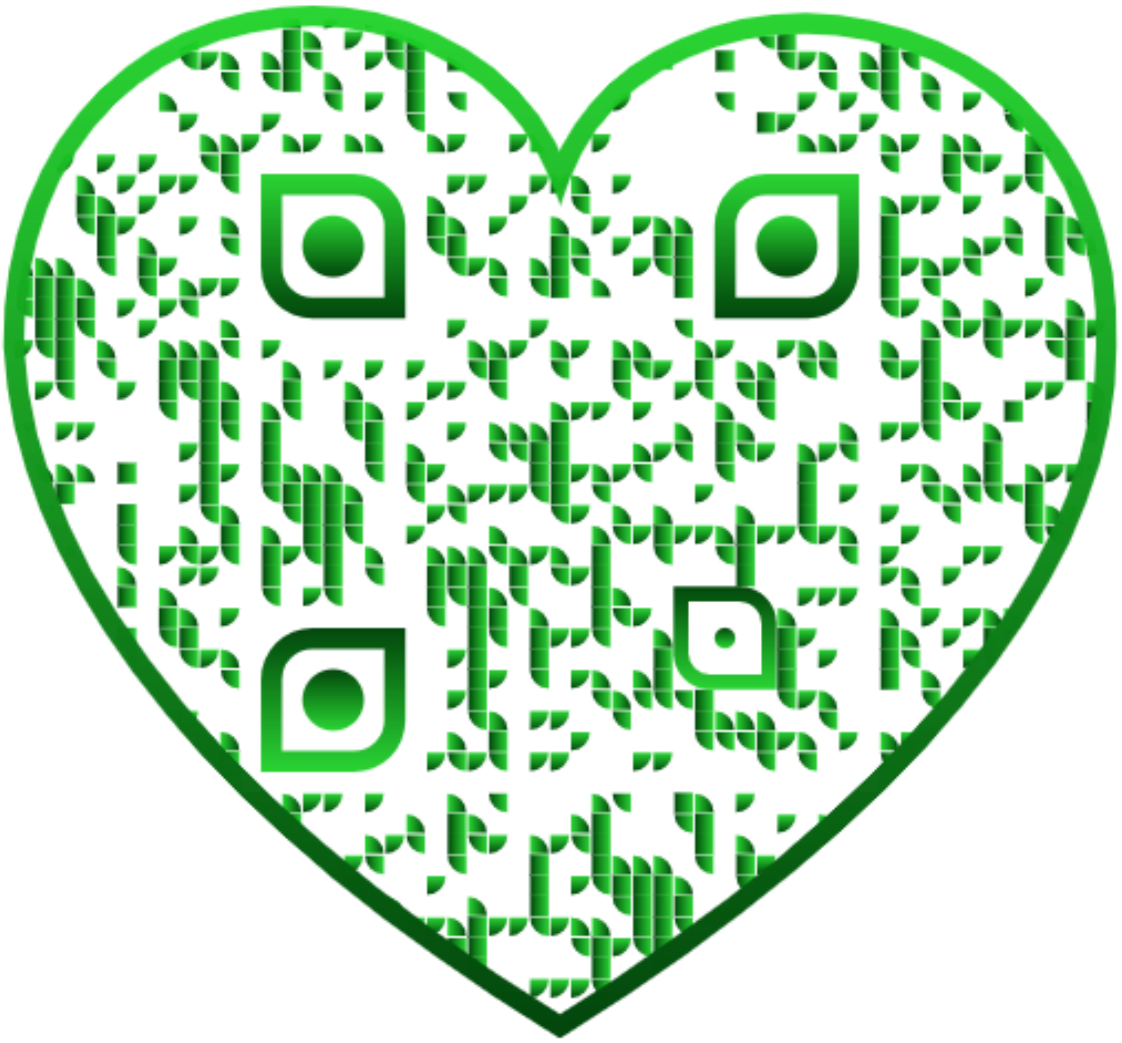
lamb of god

THRASH, GROOVE E HARDCORE: A FÓRMULA VENCEDORA

ENTREVISTAS:

ARCH ENEMY ‹› GRAVE DIGGER
VENOM INC. ‹› THUNDERMOTHER
CANDLEMASS ‹› RAZOR ‹› SOEN
BLOODBATH ‹› MISS MAY I
ELEINE ‹› HOODED MENACE

A NOVA ONDA DO SKID ROW



OUTONO MUSIC

APRESENTA

JUNIOR CARELLI

SCHOOL OF ROCK

ELISA C. MARTIN

CULTURA TRES

SUPERNOISE

BRUXAX

DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify deezer YouTube Music

DISTRIBUIÇÃO UNIVERSAL UNIVERSAL MUSIC

@OUTONO.MUSIC

Shinigami 死神 Records

2022 FOI ASSIM...

ATOMIC FIRE

8 KALAKAS
FRONTERA

AMORPHIS
HALO

AT THE MOVIES
THE SOUNDTRACK OF YOUR LIFE VOL. 01

AT THE MOVIES
THE SOUNDTRACK OF YOUR LIFE VOL. 02

CORELEONI
III

ELEINE
ACOUSTIC IN HELL

EPICA
THE ALCHEMY PROJECT

HEART ATTACK
NEGATIVE SUN

HELLOWEEN
UNITED ALIVE IN MADRID

INCITE
AWAKE UP DEAD

LACRIMOSA
LEIDENSCHAFT

LESSMANN VOSS
ROCK IS OUR RELIGION

MESHUGGAH
IMMUTABLE

MICHAEL SCHENKER
UNIVERSAL

MYSTIC CIRCLE
MYSTIC CIRCLE

OPETH
SORCERESS

OUT OF THIS WORLD
OUT OF THIS WORLD

POWER PALADIN
WITH THE MAGIC OF WINDFYRE STEEL

PRIMAL FEAR
PRIMAL FEAR
DELUXE EDITION

SEVENTH STORM
MALEDICTUS

SINNER
BROTHERHOOD

SKULL FIST
PAID IN FULL

SONATA ARCTICA
ACOUSTIC ADVENTURES
VOLUME ONE

SONATA ARCTICA
ACOUSTIC ADVENTURES
VOLUME TWO

UDO DIRKSCHNEIDER
MY WAY

arte: www.jduartedesign.com

www.ShinigamiRecords.com.br

11 3719-0993

@shinigami.records.br

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 PORTAL RC
18 LAMB OF GOD
24 PLAYLIST
Abel Camargo (Hibria)
26 MISS MAY I
28 HIDDEN TRACKS
Darkseed
30 SKID ROW
34 GRAVE DIGGER
38 COLLECTION
Septic Flesh
40 RAZOR
44 VENOM INC.
46 RELEASES
49 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Brasil - Ratos de Porão
51 ROCK AVERAGE
Opeth - In Cauda Venenum
54 HOODED MENACE
56 CANDLEMASS
60 BLIND EAR
Igor Pödrão (Mutilator)
62 SOEN
64 THUNDERMOTHER
66 ELEINE
68 ETERNAL IDOLS
Manny Charlton (Nazareth)
70 BACKGROUND
Dorsal Atlântica (Parte 2)
74 CLASSICREW
Deep Purple, Karisma, Sepultura e Rush
76 ARCH ENEMY
80 BLOODBATH
82 PROFILE
Edgard Britto (Tuatha de Danann)

FOTOS:
Lamb of God: Divulgação • **Skid Row:** Jenny Risher

BEHIND THE STAGE

A cada início de ano, o nosso meio costuma fazer um resumo do que passou, eleger os melhores trabalhos, shows e músicos nas tradicionais votações, além de relembrar os ídolos que perdemos e fazer uma previsão do que teremos pela frente. E vem um novo ânimo, a energia renovada e, claro, muita expectativa para os novos lançamentos e shows que passarão pelo Brasil, incluindo o aguardado retorno dos grandes festivais dedicados à música pesada, já que temos diversos outros musicalmente ecléticos.

No campo da expectativa, temos alguns lançamentos agendados para os primeiros meses, começando pelos novos de Obituary, Uriah Heep, Steve Vai, Atrocity, Katatonia, Riverside, In Flames, Godsmack, Steel Panther, Enslaved, Bury Tomorrow e Holy Moses. Todos merecem destaque, mas ver uma banda veterana como o Uriah Heep com ânimo, chegando ao seu 25º disco de estúdio, é notável. Da mesma forma que buscamos conhecer novas bandas e promessas, devemos louvar o fato de que pioneiros e referências seguem produzindo material novo – Ozzy, Scorpions, Saxon, Nazareth e outros soltaram discos de inéditas no ano passado.

Em 2023, também saberemos se o Kiss irá mesmo cumprir a sua promessa, já que anunciou que encerraria a "End of the Road World Tour" com um show em sua cidade natal, Nova York. Com datas adicionadas à turnê, muitos começam a duvidar se isso irá mesmo ocorrer. É, passada mais uma Copa do Mundo, dá até para lembrar os muitos jogadores que adiaram a aposentadoria dos gramados. Seja como for, vale curtir o momento, pois o Kiss (banda e marca) é eterno.

Nesta edição, temos nos destaques de capa duas atrações confirmadas para a primeira edição do festival "Summer Breeze" no Brasil. A primeira é o Lamb of God, em um papo interessante com o vocalista Randy Blythe que, além de falar de curiosidades, gostos pessoais e sobre o mais recente álbum, *Omens*, ainda explicou sobre a iniciativa 'Rewilding', através da qual ajudou a reflorestar uma área no Equador. Outro é o Skid Row que, após muitos anos tentando, finalmente conseguiu êxito na fase pós-Sebastian Bach com a entrada do ex-H.E.A.T. Erik Grönwall e o lançamento de *The Gang's All Here*.

A ed. #272 também traz entrevistas com Grave Digger, Razor, Venom Inc., Miss May I, Hooded Menace, Candlemass, Soen, Thundermother, Eleine, Arch Enemy e Bloodbath. Nas tradicionais seções, destaques para a segunda parte do Dorsal Atlântica no "Background", "Playlist" com Abel Camargo (HIBRIA) e o "ClassiCrew" com duas grandes obras do nosso metal, *Sweet Revenge* (Karisma) e *Chaos A.D.* (Sepultura). Boa leitura.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 272
JAN-FEV/2023
ANO 25

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com
Valtemir Amler - valtemir.amler@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Écio Souza Diniz, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite , Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior e Thiago Prata

Fotógrafos: Roberto Sant'Anna, Rafael Andrade, Leonardo Benaci e Leca Suzuki

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

O SHOW ESTÁ CHEGANDO!

Slipknot

EM DEZEMBRO NO BRASIL

WARNER MUSIC BRASIL

facebook.com/WarnerMusicLegends
instagran.com/@warnermusicbr
warnermusic.com.br

Se prepare ouvindo a discografia completa.

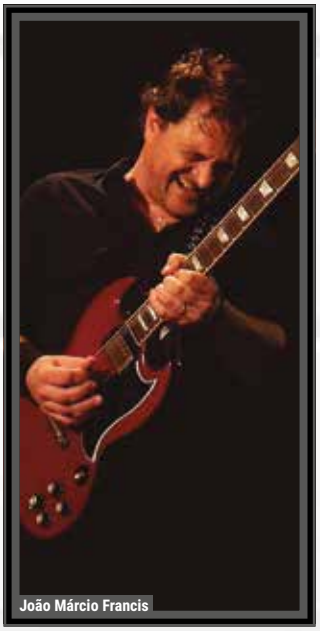
ELECTRIC SKY

EX-INTEGRANTES DO ATTOMICA EM OUTRA PRAIA

Todo headbanger que se preze conhece a banda paulista Attomica, que registrou seu thrash em cinco discos desde seu surgimento, em meados dos anos 80. Pois três de seus ex-integrantes, o vocalista Fabio Midgard e os guitarristas e irmãos João Paulo Francis e João Márcio Francis lançaram-se agora em um novo projeto, cuja sonoridade vem focada no rock dos anos 70 e 80. Sob o nome Electric Sky e completo por Sandro Costa (baixo) e Sergio Melo (bateria), o grupo lançou seu excelente disco de estreia autointitulado numa jornada que teve suas atribulações. Fabio e os irmãos Francis contaram como tudo aconteceu.

João Paulo Francis

Fabio Midgard


João Márcio Francis

Fotos: Divulgação

Fábio, João Paulo e João Marcio são conhecidos desde os tempos do Attomica, um dos principais nomes do thrash metal brasileiro. Assim, não deixa de ser uma surpresa ouvir o Electric Sky e perceber que a banda mantém o peso do metal, mas foca principalmente no hard rock. O hard sempre foi uma paixão de vocês?

João Paulo Francis: Achei interessante a sua pergunta porque logicamente nossa imagem está ligada ao Attomica, principalmente pelo disco *Disturbing the Noise* (1991), que teve repercussão até mesmo mundial, mas, voltando no tempo, eu e João Márcio morávamos em Brasília na década de 70 e a gente via aquele programa Rock Concert na Globo e ganhamos um compacto do Sweet. A gente ficou apaixonado pelo Sweet, foi a primeira banda que levou a gente para o rock'n'roll. Depois meu pai nos presenteou com LPs de Rush, Deep Purple, e um primo nosso chegou com o *Let There Be Rock* (AC/DC, 1977), disco maravilhoso... Então a gente era Kiss, AC/DC, Led Zeppelin, Deep Purple, Sabbath... Essa é a nossa raiz. E o Fabio é a mesma coisa, se você for perguntar, ele vai te falar mesmo que eu falei. O thrash veio com a evolução, a gente começou a entrar naquela onda dos quatro grandes da Bay Area, a gente teve uma grande influência deles, mas a nossa raiz, a nossa paixão está anos 70 e 80.

Além do hard rock, dá pra perceber outras influências na música do Electric Sky, como o classic rock e o stoner. E até o logotipo da banda remete a um estilo, no caso o rock psicodélico. Tudo isso faz parte, de fato, da música de vocês? E o que mais além disso?

Fabio Midgard: A ideia da gente foi fazer um som meio baseado nas nossas influências, como já foi dito. A gente sempre ouviu basicamente a mesma coisa: hard rock dos anos 60 e 70, metal dos anos 80, thrash, e acabou virando um amálgama de tudo isso aí. E como talvez eu seja o único mais voltado para outros estilos, como punk e grunge, acabei incorporando alguns desses elementos também quando eu escrevi as letras e criei as melodias de voz. Quando à questão do psicodélico, isso vem permeando a nossa história de como fãs de rock. Acho que nenhum de nós foi muito ligado em psicodelia especificamente, mas achei interessante passar essa ideia no logo da banda porque a gente está querendo fazer um projeto mais experimental mesmo, dentro das influências do que a gente curte (N.R.: Fábio é o autor do logo do Electric Sky).

Eu comentei na resenha que fiz do álbum de vocês que um bom rock começa com um riff bacana e um refrão grudento, o que tem de sobra no repertório do Electric Sky. Então, imagino que vocês concordem com essa teoria. Vocês deram atenção especial a esse aspecto nas composições?

João Márcio Francis: Concordo! Na verdade, pelo fato de a gente compor as músicas usando um software, a gente teve mais noção de arranjos. A gente já determinava o que seria introdução, o que seria verso, ponte, refrão... Isso ajudou muito na definição dos mapas das músicas. E a gente sempre se preocupou com isso durante o processo de composição, a gente queria que os refrãos fossem marcantes e toda música a gente começou por um riff. O riff foi o pontapé inicial das composições do disco.

Quem mixou o disco foi Mauricio Cersosimo e ele deu tratamento bem diferente ao som de vocês antes de mixar para dar uma textura setentista ao som do álbum. Como se deu esse processo?

João Márcio: Isso foi muito interessante e foi ideia dele. Depois que ouviu a pré-produção, ele disse que queria fazer isso pra ter uma textura dos anos 70 e 80. Então, ele passou as pistas por uma fita de rolo e depois voltou para o computador. No caso das guitarras, ele mandou o sinal puro para um amplificador, microfonou esse amplificador e colocou no programa de áudio. Então, foi como se eu e meu irmão tivéssemos tocado lá. Foi muito interessante essa ideia dele porque quando se escuta o resultado final do álbum dá pra perceber que tem algo especial na sonoridade.

Uma história bastante forte envolvendo o disco diz respeito a João Paulo Francis, que contraiu covid e teve que ser colocado em coma induzido e entubado. De acordo com o que contam, a música *Live Ain't Easy* foi tocada na UTI para ele. João Paulo, você se lembra dessa música tocando enquanto estava internado? Você se recuperou plenamente da covid?

João Paulo: Foi legal você perguntar isso... Essa foi uma das piores experiências que tive na vida. E foi muito grave, tive duas paradas cardíacas, dezoito sessões de hemodiálise... Mas isso é passado, hoje estou bem e as sequelas foram mínimas. Quando eu tive alta não aguentava nem segurar a guitarra, era muito pesada, mas consegui gravar o disco. Então para mim foi um desafio muito grande porque que todo mundo estava muito afiado e a gente tinha que gravar. E eu tive que me concentrar muito e praticar muito para manter a pulsação da banda na mão direita. Sobre a pergunta que você me fez, *Live Ain't Easy* foi tocada na UTI porque o pessoal da banda e minha esposa queriam me animar. E a médica foi muito solicita, eles pediram e ela disse 'vamos tocar'. E rolou a música na UTI! Eu não me lembro exatamente de ter ouvido, mas acredito que ela entrou na minha cabeça e me deu mais força ainda. E foi a primeira música que eu ouvi depois de acordado e eu até chorei, cara, porque é muito emocionante ouvir algo que você fez depois de tanto sofrimento. Mas é isso aí, o título diz tudo: 'a vida não é fácil', mas estamos aí, prontos para o próximo.

Fabio: A questão do João Paulo foi um hiato que nós tivemos no meio da gravação. Foi um período muito complicado porque paralelamente a isso a gente descobriu que minha esposa estava com câncer de mama. Então foi durante esse período atribulado de esposa fazendo tratamento, João Paulo internado no hospital e o mundo com covid que eu escrevi a letra de *Live Ain't Easy*. Depois, surgiu a ideia de botar a música pra ele ouvir pra dar um suporte. E então nosso grande riffman voltou e continuou o processo! E tá aí o Electric Sky.

Antonio Carlos Monteiro

ALYIRIA
DANDO VIDA A HISTÓRIAS

Fãs de RPG e de heavy metal, os músicos piauienses Icaro Allysson, João Arthur e Leonardo César resolveram unir suas duas paixões com o objetivo de dar vida às histórias que criavam nas mesas de RPG. Assim foi criado o Alyiria, banda que começou a desenvolver músicas conceituais ambientadas em "um universo fictício sóbrio e extremo", como eles próprios definem. Agregando posteriormente a vocalista Bruna Soares e o compositor Matheus Vilarindo, e firmando uma parceria com a escritora americana J.J. Kimmorist, o grupo (que prefere se definir como projeto) criou uma identidade bastante particular, que Icaro nos explica na conversa a seguir.

O trabalho do Alyiria tem forte relação com o jogo de RPG. Como surgiu a ideia de unir esses dois mundos?

Icaro Allysson; Todos os membros fundadores do Alyiria são grandes fãs tanto de RPG de mesa quanto no formato de videogame. A ideia de juntar o conceito dos dois veio da vontade de tornar nossas aventuras em algo mais do que apenas uma coisa pessoal, além de unir com nossa outra paixão, que é o metal. Sendo músicos, já havia a ideia de criarmos uma banda juntos. Criar letras conceituais apenas juntou o útil ao agradável.

A ligação entre metal e RPG é algo que existe há tempos. O Blind Guardian, por exemplo, é um grupo que trabalha isso. As bandas que fazem essa fusão RPG/heavy metal são influência para vocês? Se sim, quais seriam essas elas?

Icaro: A ligação entre RPG, algo bastante ligado à ficção e à fantasia, e o metal é algo bem forte em subgêneros como o power metal, porém menos visto no metal extremo. Por mais que conheçamos algumas bandas influenciadas pelo trabalho de Tolkien dentro do death/black metal, eu diria que o estilo de música conceitual que mais influenciou o Alyiria foi o do King Diamond. O Rei faz álbuns conceituais de terror com maestria e captura uma atmosfera bem mais sombria e macabra do que as bandas mais clássicas que associam o RPG ao metal estão acostumadas. Outra banda de que tiramos inspiração no estilo de escrever letras foi o Carach Angren, essa já bem inserida no metal extremo e lançando álbuns conceituais de terror de qualidade ímpar! Nossa ideia é juntar elementos do terror com um lado mais grotesco da fantasia no mundo de Alyiria.

Vocês dizem que o Alyiria seria um 'projeto' e não uma 'banda'. Por quê? E qual a diferença que vocês entendem que existe entre os dois conceitos?

Icaro: A ideia de separar projeto e banda veio porque, na visão dos membros, Alyiria não é apenas um ato musical. O mundo em que se passam as histórias está sendo desenvolvido como algo bem mais complexo do que apenas a música poderia trazer. Vão existir materiais feitos para o 'cenário Alyiria' que não serão relacionados com a música. Em resumo, é como se a Banda Alyiria fosse parte de algo maior chamado Projeto Alyiria.

Vocês criaram uma parceria com a escritora americana J.J. Kimmorist. Por favor, apresentam-na aos leitores.

Icaro: J.J. é a escritora das histórias nas quais nossas letras são baseadas. Ela é especialista nos gêneros de fantasia e terror com algumas obras já publicadas. Ela mora em Nashville e você pode encontrá-la em seu canal no YouTube (JJ Metalhead), em que ela discute como a música e a narrativa andam de mãos dadas e ler suas histórias no seu website.

De que forma se efetivou essa parceria com J.J. Kimmorist?

Icaro: Assim que decidimos que seríamos um projeto conceitual, resolvemos que queríamos as histórias das letras narradas na forma de contos, e precisávamos de alguém com experiência para isso. Um dos integrantes já conhecia o canal da J.J. no YouTube, entrou em contato com ela através das redes sociais, explicou a proposta do projeto e ela concordou com a parceria após algumas reuniões. Desde então temos cooperado de forma constante.

Vocês dizem que a ideia é não se limitar à música, criando, entre outras coisas, projetos audiovisuais como curtas metragens. Seria o caso de transformar a música do Alyiria em trilha sonora desses projetos? Nesse caso, a música não passaria para um segundo plano, o que, de certa forma, seria algo até incoerente em se tratando da iniciativa de um grupo musical?

Icaro: A ideia do projeto é que a música sempre tenha o destaque. Dessa forma, uma mídia audiovisual sempre viria ou de forma complementar à música ou de forma independente. A maioria dos elementos que pretendemos explorar irá girar ao redor, de alguma forma, da face musical do projeto.

Já foi feito algo em relação a esse projeto de expandir o trabalho para além da música?

Icaro: Desde antes do lançamento do nosso primeiro single, *Banner of Blood*, já tínhamos colaborado com artistas locais e nacionais para criar imagens conceituais para o cenário de Alyiria. Nas nossas redes sociais estamos usando essas referências para construir um universo solidificado que, futuramente, organizaremos na forma de livro para cenário de RPG. Além disso, o livro de contos da J.J. será lançado simultaneamente com nosso primeiro álbum *Heiress* em 2023. Temos colaborado com outros criadores, como o artista conceitual Abyssun Dark Fantasy, para produzir conteúdos mais diversos no futuro. No momento, o foco será lançar e divulgar nosso primeiro álbum.

Vocês pretendem levar o trabalho do Alyiria para os palcos? Em caso positivo, imagino que não seria como num simples show de rock. Como se daria isso?

Icaro: No momento, realizar shows não é uma prioridade para o projeto, além de a distância geográfica entre os membros exigir bastante planejamento antes de uma performance. Mas futuramente não descartamos a ideia! Planejamos um show bem teatral como os realizados pelo King Diamond com as performances e figurinos exagerados do Behemoth. Algo que refletisse o significado e as histórias das músicas.

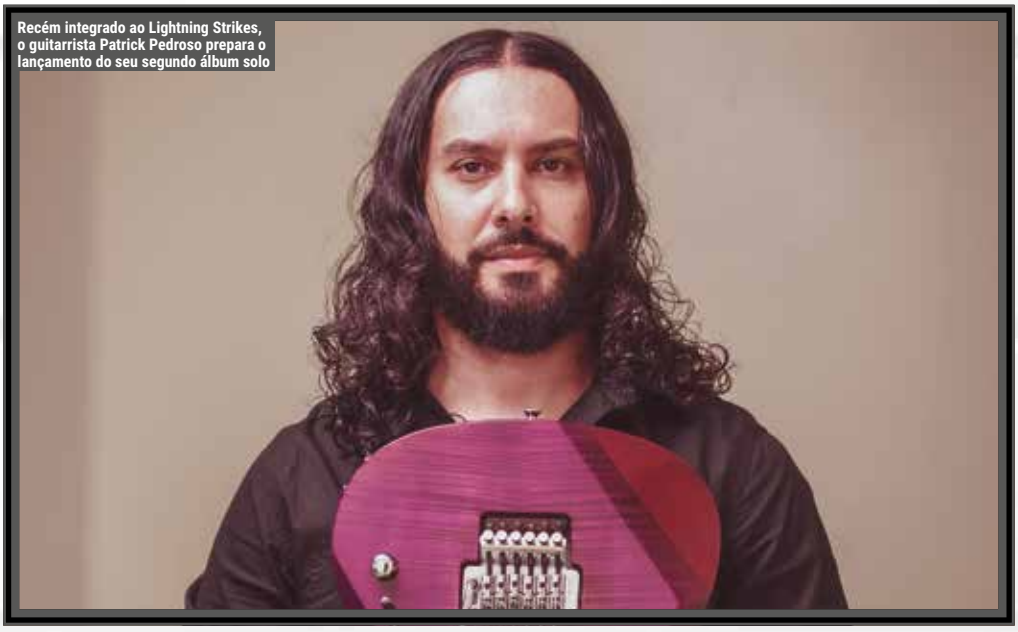
Em vez de uma foto com os músicos, vocês trabalham com uma ilustração algo demoníaca que definem como 'imagem conceitual da banda'. Qual o significado dela?

Icaro: Essa imagem, de autoria do nosso amigo Abyssun Dark Fantasy, foi criada como ilustração complementar da história da música *Saints of Sin*. Faz parte de uma ideia dos membros de divulgar mais artes relacionadas às histórias no universo de Alyiria do que dos integrantes em si. Acreditamos que dessa forma melhoramos a imersão do nosso ouvinte no cenário.

Antonio Carlos Monteiro

PATRICK PEDROSO
QUANDO SONHOS SÃO LEVADOS A SÉRIO

Reza a lenda que basta você começar a levar seus sonhos a sério para que mil comecem a dizer que eles são impossíveis. Patrick Pedroso começou a tocar guitarra aos 15 anos, uma idade que muitos consideram já avançada para um instrumentista de primeiro nível iniciar na arte. Porém, se alguém fez objeções, ele sequer deu ouvidos, e hoje, além de professor de guitarra, é um músico reconhecido que se prepara para lançar seu segundo álbum solo, ao mesmo tempo em que trabalha com a banda Lightning Strikes. Confira nossa conversa com o guitarrista.



Recém integrado ao Lightning Strikes, o guitarrista Patrick Pedroso prepara o lançamento do seu segundo álbum solo

Divulgação

Consta que você começou a tocar guitarra aos 15 anos, o que alguns guitarristas diriam que é uma idade já avançada para iniciar no instrumento. Porém, você se desenvolveu muito rapidamente e se tornou professor de guitarra. Sabendo que continua ministrando aulas, não poderia começar esta entrevista de outra maneira: qual o seu conselho para os interessados em tocar um instrumento que se sentem um pouco acanhados por conta da idade? Isso de fato faz tanta diferença?

Patrick Pedroso: Bem, eu acredito na frase que diz: nunca é tarde pra fazer o que se gosta. Então, meu conselho é: se você tem um sonho, corra atrás dele e não deixe ninguém dizer que é tarde ou que você não consegue; dedique-se muito e tenha persistência, pois uma hora você vai conseguir. Eu mesmo dediquei muitas horas da minha vida por vários anos e assim tenho realizado meus sonhos.

Também consta que suas primeiras influências vieram da música instrumental e de bandas de metal. Você poderia nos dizer quais bandas/artistas foram e como cada um deles ajudou a forjar o seu estilo?

Patrick: As minhas primeiras influências foram Sepultura e Pantera, depois vieram Slayer, Metallica e Megadeth. Os solos sempre me chamaram a atenção e foi aí que fui buscar a música instrumental. Lá minhas primeiras influências foram Joe Satriani, Steve Vai e Tony MacAlpine. Cada um deles foi muito importante para eu moldar meu estilo: o peso do thrash e os grooves do Pantera, os solos do Megadeth e as loucuras do Steve Vai e tantos outros que vieram depois. Cada um foi me influenciando de um jeito único.

Você lembra com que idade começou a participar de bandas e fazer os seus primeiros shows? O que pode nos contar sobre esses primeiros dias de carreira na música?

Patrick: A minha primeira banda foi aos 15 anos com alguns amigos. Comecei a fazer as aulas e já queria pôr em prática o que tinha aprendido, claro que as músicas não saíam 100%, mas a vontade de montar uma banda era grande, já influenciado pelos grupos de metal. E também fui convidado a tocar em uma banda de música cristã, foi aí que tive mais contato com shows e eventos, foi com essa banda que saí para tocar em outras cidades e estados, na verdade foi ali que minha carreira começou e esse momento foi muito importante para o meu desenvolvimento musical.

Pelo que entendi, suas primeiras bandas eram basicamente cover e você abandonou esse caminho pela independência de uma carreira solo autoral. Bem, essa não é uma decisão fácil, especialmente pelo lado financeiro, certo? Como funcionou essa transição para você?

Patrick: Pra mim foi bem tranquilo. Não pensei muito na grana ou algo assim, o que eu queria era pôr minhas ideias pra fora e até hoje é o que mais importa. Não sigo muitas regras tipo 'você tem que fazer isso ou aquilo', simplesmente faço o que tenho vontade e se um dia me der vontade de fazer um disco totalmente diferente, vou fazer. Faço o que meu coração manda.

O primeiro resultado dessa carreira solo veio com *Labyrinth*, em 2015. Você poderia nos falar um pouco sobre aquele registro, como foi concebido e o resultado que conseguiu no cenário em geral?

Patrick: Foi um disco muito importante pra mim no sentido de pôr a mão na massa. Fiquei com um pouco de receio por causa das composições, não sabia se eu ia ser bem aceito, mas vi que precisava fazer para saber. Foram minhas primeiras composições e curto muito elas. Até o nome do disco, 'labirinto', tem a ver com as ideias musicais, cada música tem vários caminhos e por isso o disco tem esse nome. Foi muito bem aceito pela mídia e pelos amigos, fiz vários eventos tocando essas músicas e o disco abriu muitas portas tanto como professor quanto como músico.

Você recentemente se uniu à banda Lightning Strikes. Como tem sido esse retorno ao formato banda e quando deveremos ouvir novo material de vocês?

Patrick: Foi uma alegria muito grande entrar para essa banda de que eu já era fã. Estamos trabalhando em músicas novas para um novo disco em 2023 e as músicas estão ficando sensacionais.

Paralelamente ao trabalho com a Lightning Strikes, você tem trabalhado em seu novo álbum solo. Quando começou a compor o repertório que estará nesse novo registro?

Patrick: Comecei a trabalhar nele em 2019. No começo ia lançar um EP e aos poucos foram saindo mais uma música e mais outra, e quando vi estava com o disco pronto. Esse trabalho tem sido um desafio porque tive que pensar nos temas das letras e nas melodias, mas estou muito feliz com o resultado.

Uma das diferenças que o novo trabalho deve trazer é a presença de vocais em algumas músicas. O que o motivou a incorporar esse elemento extra e sobre quais temas serão as letras dessas canções?

Patrick: Gosto de experimentar coisas novas e nesse disco quis me desafiar como um compositor mais completo na questão de letra e melodia. Pedi ajuda a um amigo que é vocalista pra dar uma mão nas letras e nas melodias. As letras tratam dos nossos vários sentimentos, como raiva, amor, tristeza, nessa linha, por isso o nome *Faces*, ele fala das nossas várias faces.

Todo o trabalho de gravações e mixagem já foi feito? O que nos conta sobre o time que te acompanhou em *Faces*?

Patrick: As faixas estão sendo mixadas e estão quase prontas. Nesse disco tive a alegria de ter a participação de grandes músicos que admiro, como Aquiles Priester, Leandro Caçoilo, Pedro Campos, Pedro Tinello, Johnny Mazza e Humberto Sobrinho, entre outros. Cada um deu o seu melhor e ficou muito bom.

Já existe um planejamento para o lançamento do álbum? Quando o disco deve sair e quais os próximos passos da sua carreira solo? Um grande abraço, e obrigado pela entrevista!

Patrick: Acredito que para o primeiro semestre de 2023 o disco esteja saindo. O próximo passo vai ser agendar shows e workshops para divulgar o trabalho. Muito obrigado à ROADIE CREW por acreditar no meu trabalho, um abraço pra todos da equipe.

Valtemir Amler

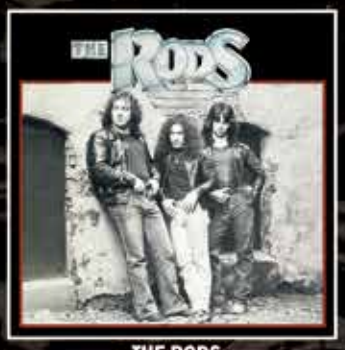
LANÇAMENTOS CLASSIC METAL RECORDS

- KILLERS -
Murder One - 1992

- KILLERS -
Menace To Society - 1994

- KILLERS -

Banda de Paul Di'Anno, ex Iron Maiden e Cliff Evans, Tank. Heavy Metal de primeira, tendo esses dois trabalhos sido muito elogiados pela mídia especializada da época!



- THE RODS -
The Rods - 1981

- THE RODS -
Heavier Than Thou - 1986

- THE RODS -
The Official Bootleg Box Set / 1981 - 2010

- RIOT -

Digipacks duplos com gravações raras dos anos 80 e 90. Contém booklets com a história cronológica da banda no período de cada título! IMPERDÍVEIS!

- RIOT/Vol. 4 -
CD 1 - Live At Manchester, Apollo 1981
CD 2 - Live At Ipswich, Gaumont 1981

- RIOT/Vol. 5 -
CD 1 - Live At Agora Ballroom, Ohio 1981
CD 2 - Live At Long Island, NY 1982

- RIOT/Vol. 6 -
CD 1 - Paramount Theater, Staten Island 1983
CD 2 - Osaka, Japan 1990

www.jccvdesign.com

- ZONA MORTA -
Nômades - 1989
Clássico do Death Metal nacional!
Pela primeira vez em CD
com bônus tracks inéditas da época.

- HELLWAY TRAIN / HELLGUN -
Haunted Trip - 2022
Split com duas bandas da nova geração do Heavy Metal Nacional!

- ALEX MEISTER -
Rock And A Hard Place - 2022
Carreira solo do guitarrista brasileiro de Hard Rock!

- SWEET DANGER / BITER -
Danger At First Bite - 2022
Split com duas bandas da nova geração do Heavy Metal Nacional!

Classic Metal Records
www.classicmetal.com.br
sac@classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado, entre em contato no e-mail: sac@classicmetal.com.br / WhatsApp (12) 98269-2446

LIFEFORCE
ODE AO FIM DOS TEMPOS

A banda capixaba Lifeforce iniciou sua trajetória nos idos de 2005 pelas mãos do guitarrista e compositor Alexandre Lopes. O grupo gravou um disco e, por conta daquelas voltas que o destino dá, encerrou atividades. Retornou tempos depois com Julliano Barcellos (vocal), Junior Comper (guitarra), Matheus Cutini (teclado), Diego Skda (baixo) e Gustavo Bride (bateria) – ou seja, sem Alexandre Lopes. Só que ele continua totalmente ligado ao grupo. Além de ser o compositor (sozinho ou em parceria) de todas as faixas do novo disco, *Apokalipsis*, ele também é o manager da banda. Eventualmente, ele também responde algumas entrevistas, como foi o caso desta.

Matheus Cutini, Júnior Comper , Juliano Barcellos, Gustavo Bride e Diego Skda

Divulgação

O Lifeforce foi criado em 2003, lançou o primeiro disco em 2005 e só agora, 17 anos depois, soltou novo trabalho. O que aconteceu durante esse tempo que gerou um hiato tão grande entre os dois lançamentos?

Alexandre Lopes: Eu encerrei as atividades da banda em 2011, mais ou menos. Foi uma época muito estranha... Eu estava mudando de atividade profissional, comecei a viajar muito a trabalho. Quando eu procurava os outros membros da banda, eles estavam tocando fora do Estado. Foi um desencontro total! Depois de mais alguns meses, não deu. Eu tinha acabado de voltar de São Paulo com uma demo de *Apokalipsis* com treze músicas. Todos elogiaram muito, mas não consegui o aporte financeiro que pretendia. Parei totalmente com a música por mais de dez anos, minhas guitarras viraram enfeites de escritório...

Você não é mais músico do Lifeforce, mas hoje atua como manager da banda. Apesar de não ser algo inédito (a vocalista Angela Gossow fez o mesmo caminho no Arch Enemy), não deixa de ser curiosa essa mudança de atividades. O que te levou trocar o palco pelos bastidores?

Alexandre: Costumo dizer que sou um funcionário do Lifeforce. No que precisarem de mim, lá estarei. Na verdade, quando a banda voltou em 2019, eu disse a eles que estava parado há muito tempo, mas que poderia ajudar. Cedi as músicas e o nome a eles, só que quando eles pediram pra regravar o álbum que não lançamos em 2011, eu disse que estaria por perto pra ter certeza que também ficaria satisfeito com o resultado. Terminadas as gravações, o baixista Hugo Maciel, que era músico convidado, não pode continuar e tínhamos um mês e meio pra fazer o Showlivre em São Paulo. Isso foi em junho de 2020. Comprei um baixo, treinei depois de mais de dez anos parado, ensaiamos uma semana e fizemos um programa totalmente ao vivo. Foi uma loucura! Hoje estou fazendo os contatos e quando as perguntas são bem elaboradas e específicas como estas, eu respondo! (risos)

A gravação de *Apokalipsis* foi atribulada, tendo havido a troca de três vocalistas durante o processo, entre outros problemas. Por que isso ocorreu e como chegaram, enfim, ao atual titular do posto, Julliano Barcellos?

Alexandre: Quando retomamos o projeto em 2019, o Julliano já estava com a gente. Antes de as gravações começarem, eu e ele tivemos um desentendimento. Trouxemos um cara muito talentoso do interior do Espírito Santo pra fazer as gravações e entrar pra banda. Mas chegando na capital eu não sei o que houve com ele. O cara se perdeu!! (risos) Em seguida, chamamos um cantor bastante conhecido na cena metal daqui. Ele regravou tudo, porém como o processo acabou sendo muito mais demorado do que o esperado, começamos a ter problemas de relacionamento e, apesar de ele ter feito um ótimo trabalho técnico, por questões de convivência não foi possível manter a formação da banda. O Julliano, além de amigo e colega de trabalho do Matheus, ainda é padrinho da filha dele. Então sempre havia uma conversa pra ele voltar, mas eu dizia que a gente precisava se acertar primeiro. Quando enfim houve a conversa não demorou nem quinze minutos e o resto é história. Giramos o mundo e o cara certo pra gravar o álbum estava do nosso lado o tempo todo. Professor, arranjador, regente, não dava pra escolher melhor. Já disse que agora ele só sai da banda morto! (risos)

O Lifeforce é anunciado como uma banda de prog metal, mas em músicas como *New World Order*, por exemplo, percebe-se uma forte influência de hard rock. Você concorda com isso? O que mais faz parte do som de vocês?

Alexandre: Você está correto. Tanto no primeiro quanto no segundo álbum essa veia hard é metade do que sou – a outra é o metal. Gosto de definir o Lifeforce como uma banda de heavy metal que tem influências de hard, heavy e thrash. Algumas pessoas preferem nos definir como prog metal, mas essa é apenas uma de nossas muitas facetas. Mas desde que as pessoas gostem do álbum, não me preocupo muito com a forma como vão chamar.

***Apokalipsis* é um disco conceitual falando sobre o apocalipse. Há algum fundo religioso na escolha desse tema? O que levou vocês a escolhê-lo?**

Alexandre: O tema me fascina desde a infância, com toda aquela destruição e as criaturas bizarras! E o problema era justamente esse: como usar esse tema sem partir pra parte dogmática religiosa? Dividimos o livro do Apocalipse em doze partes e cada música está dentro do enredo bíblico. Mas aí foi a grande sacada: imaginamos um cara vivendo naqueles tempos e ele faz uma narrativa em primeira pessoa do que está vendo. Quem está familiarizado com o texto bíblico vai reconhecer as passagens; para quem não está, é apenas uma história apocalíptica fantástica. O álbum não tem qualquer viés religioso e na narrativa não é emitida qualquer opinião pessoal ou julgamento de valor, aproveitamos apenas a História.

Com exceção desse personagem que vocês incluíram na história, no álbum vocês se limitam a contar o que está na Bíblia ou colocaram algum elemento próprio na narrativa?

Alexandre: A história por si só é complexa, cheia de figuras bizarras e com uma linguagem pesada que eu tinha que democratizar. Então, não senti necessidade de incluir elementos. Escolhi informações periféricas. Por exemplo, *Son of Desolation* é a forma que o profeta Daniel se referia ao Anticristo. Pra fazer esta letra, me baseei mais em Daniel do que no texto apocalíptico atribuído a João de Pátimos.

O mercado musical mudou drasticamente nos últimos tempos. Vocês estão lançando *Apokalipsis* em formato físico ou apenas virtual?

Alexandre: Você tem razão total! E o mercado continua mudando! (risos) Estamos agora vendo como daremos sequência na divulgação do álbum. Se vamos lançar em mídia física, se vamos lançar vinil, ainda não sabemos.

E para a estrada, quando a banda pretende ir?

Alexandre: Como toda banda, temos o projeto de crescer e ganhar a estrada. Planejamos uma carreira internacional, vencer distâncias gradualmente... Minha maior ambição é gravar com uma grande estrutura e fazer o álbum chegar às mãos das pessoas.

Antonio Carlos Monteiro

TOCANDO O DEBUT ÁLBUM NA ÍNTEGRA
LANÇAMENTO DA TOUR NACIONAL

SINISTRA

CLASH BULLDOGS

CARRO BOMBA

29 DE JANEIRO - SÃO PAULO - 17H

CARIOCA CLUB - RUA CARDEAL ARCOVERDE, 2899 - PINHEIROS

VENDAS: CLUBEDOINGRESSO.COM

Fotos: Ruben Sales (SNT) Rapha Costejon (Bomba) Caike Scheffer (Clash) arte: www.jduartedesign.com

KALLIMAH
SOBREVIVENDO NA ERA DO MEDO

Às vezes as coisas são tão simples quanto podem parecer. O leitor que é fã de cinema certamente já atentou para 'Kallimah', e provavelmente imaginou que o nome tem algo a ver com os antigos filmes do Indiana Jones. E foi isso mesmo, pois após atuar vários anos sob o nome Thundersouls, como resultado direto de uma guinada de objetivos e formação, a banda mudou seu nome para o atual, influenciados justamente pelos filmes. Com sua tríade inicial de singles lançada, a Kallimah ainda decide se preparará um álbum ou permanecerá no caminho dos singles independentes. Confira mais na entrevista que segue.

Divulgação

Collins Freitas, Fernando Ornellas, Luiz Poleto, Renan Cardoso, Marcelo Olecram e Diego Badaró, prontos para novos desafios após primeira trilogia de singles

Quando vocês já estavam com o nome novo e com planos de gravação definidos, chegou o vocalista Luiz Poleto. Digamos que ele chegou com o 'cronograma apertado', mas vocês diriam que ele conseguiu imprimir sua marca própria na interpretação ou basicamente seguiu orientações naquele primeiro momento?

Diego: Quando passamos a procurar um novo vocalista, cogitamos vários nomes. Todos os cogitados são exímios músicos e cairiam bem no trabalho da Kallimah. Algumas pequenas considerações foram feitas quanto aos nomes sugeridos e isso fazia com que pensássemos: ainda não é o nome que queremos. Quando vimos o Poleto em ação (vimos um clipe dele atuando em outra banda autoral), todos pararam e falaram: 'Quem é esse cara? Em que banda ele está?' Ninguém mais quis saber de procurar outra voz. Fizemos o convite e quando ele viu que se tratava de um trabalho 100% autoral, respondeu: 'Era isso que eu estava procurando.' É bem verdade que quando ele chegou *The Age of Fear* já estava pronta. Foi uma missão bem complicada pra ele, mas a ideia era deixá-lo à vontade. Queríamos que ele imprimisse as marcas dele na música. E o que ele melhor sabe fazer, além de cantar, é expressar sentimentos, interpretar, atuar e escrever. E assim foi. Ele chegou, mexeu no que achou necessário e disse: 'Vamos gravar.' O resultado não poderia ter sido melhor.

Ainda sobre o 'novo' vocalista, o quanto ele agregou ao som de vocês desde a chegada? Sentem que um novo leque se abriu a partir das possibilidades oferecidas pela voz dele?

Diego: Sem sombra de dúvidas a chegada dele deu à Kallimah a alma que precisávamos. O Poleto tem uma capacidade de interpretar, emocionar, transmitir nas palavras e frases em sua voz o total sentimento e mensagens que queremos passar nas músicas. Tê-lo no time é ter a certeza de que iremos ter o exato direcionamento das mensagens que a banda quer passar. É ter também o plus de um interprete que fará com que as músicas possam ser ouvidas como se fosse possível enxergar os sentimentos através de cada acorde.

Falemos agora dessa primeira gravação de vocês, *The Age of Fear*. Vocês poderiam nos falar um pouco mais sobre ela, especialmente sobre o seu conceito?

Diego: *The Age of Fear* foi uma música composta há bastante tempo pelo Badaró. Ele sempre disse que essa música precisava transparecer um ambiente de guerra, que os ouvintes pudessem ter até mesmo a sensação de ver um exército marchando. A ideia sempre foi contar a história de um personagem forte. Não forte fisicamente, mas no quesito emocional. Que pudesse aguentar quantas pancadas viessem. Que fosse alguém que carregasse o mundo nas costas. A soma deste contexto casa perfeitamente com a ideia de um exército marchando em direção à batalha. Esse som precisava passar raiva, indignação, mostrar que o mundo é injusto, que tem gente que é obrigada a aguentar mais do que é capaz e que não tem alternativa a não ser encarar cada pancada que recebe, cada punhalada que lhes proferem, tenham elas êxito ou não. Esse foi um som bem conceitual.

O próximo passo foi a gravação de outro single, *Regret*. Parece haver uma conexão entre as canções, vocês poderiam esclarecer esse ponto?

Diego: Com certeza elas são ligadas. O que acontece com quem aguenta mais pancada do que é capaz? Sucumbe. Ninguém aguenta! O que difere é que cada um tem o seu limite. Mas no final, aguentando muito ou não, todos caem. E quando caem, o que acontece? A depressão. *Regret* trata disso. O personagem que aguentou tudo que podia e mais um pouco, agora sucumbiu e não sabe o que fazer. Ele foi empurrado para o fundo de um poço escuro e está cercado de medos, receios, dúvidas e sem forças. *Regret* fala sobre tudo isso, sobre o quão escuro é um poço. Sobre como é difícil sair de lá. E você cai neste poço quando tenta enfrentar tudo sozinho. Quando absorve mais do que seus próprios limites.

O ano de 2021 marcou grandes mudanças para a banda, por conta de tudo o que ocorria no mundo. Como foi o trabalho para mantê-la viva e reestruturá-la diante de todas as restrições?

Diego: A palavra que define isso é amizade. Antes de sermos músicos, antes de tocarmos juntos, antes de sermos uma banda, somos amigos. Somos confidentes, buscamos apoio um no outro, falamos sobre nossas vidas um ao outro. Somos um time repleto de desafios pessoais em nossas vidas. Isso nos torna muito humanos. Nosso lado 'humanidade' foi sendo sempre aflorado e cada vez ficamos mais ligados. Temos um lado racional também, mas ele surge mais quando falamos em metas, prazos, negociações e afins. Temos uma humanidade muito grande fluindo em cada um de nós. Quando um se distanciava, outro ia lá e o trazia de volta. Quando um trazia à tona um drama pessoal, os outros o abraçavam, entendiam o problema e no final todos se ajudavam. E a música estava com a gente. O amor incondicional por esta arte, por nossos instrumentos e o objetivo em comum de fazer acontecer. Esses foram nossos combustíveis para manter essa união.

Por fim, temos o novo single, *Uncertain Miracle*, que novamente parece denotar uma ligação com as canções anteriores.

Diego: Mais uma vez, você está correto. Há um provérbio que diz 'não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe'. Assim é a vida. E foi isso que quisemos contar em *Uncertain Miracle*. Queríamos mostrar que aquele personagem que carregou o mundo nas costas mas entrou em depressão por ter que suportar tanto, só tinha dois caminhos: ficar no fundo do poço ou ressurgir, renascer, tirar forças de onde não tinha, mergulhar em circunstâncias incertas e começar de novo. Não tem como saber se o que planejamos na vida vai dar certo, mas se não tentarmos, nunca saberemos. E essa música fecha essa história. Ela mostra que o personagem, entre se entregar ou recomeçar, opta por tentar o recomeço, mesmo sem saber se daria certo.

Valtemir Amler

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

foto: Thiago Keiji Nakamura anúncio: www.jduartedesign.com

ADULFE – DECADÊNCIA

A história que começou na adolescência se transformou em um valioso trabalho no qual episódios marcantes e surpreendentes se concretizou no EP Decadência.

ADULFE É UMA BANDA DE METALCORE NO QUAL EXPRESSA EXPERIÊNCIAS REAIS VIVIDAS POR 5 JOVENS SONHADORES E DETERMINADOS A LEVAR ADULFE A GRANDES LUGARES.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METAL AGENCY

Spotify DEEZER amazon prime music Available on iTunes

MS METAL RECORDS

ADULFE
ESPERANÇA & RESISTÊNCIA

A história nem sempre é a mesma, mas ela se repetiu um bocado ao longo da história do rock: um grupo de amigos, que compartilha o mesmo gosto musical, resolve montar a sua própria banda para tocar as músicas de que gosta e, de preferência, de sua própria autoria. Se alguns desses 'amigos' forem irmãos, tanto melhor, não faltam exemplos de sucesso. A Adulfe segue partes desse mesmo roteiro, e com o lançamento do seu primeiro EP, *Decadência*, começa a buscar o seu lugar ao sol. O passo a passo dessa jornada você confere a seguir.

Divulgação

Com Matheus, Otávio, Rodrigo, Bruno e Marcos Phelipe, o Adulfe é mais um dos nomes que buscam seu espaço no metalcore nacional

Vamos começar pelo início: quando a Adulfe foi formada e como chegaram à formação ideal para este momento da banda?

PH: Bom, vamos lá... O sonho de criar uma banda surgiu desde pequenos. Matheus e eu somos irmãos e, por influência dos nossos pais que participavam todas as semanas de reuniões na igreja, o contato com a música foi logo na infância. 2009 foi o momento em que começamos a dar os primeiros passos com banda e após anos de inúmeras tentativas, finalmente encontramos uma formação sólida. Ela se completou com Otavio, nosso irmão mais novo, e mais dois amigos, Bruno e Rodrigo, para quem foi apresentada a proposta de fazer músicas autorais e letras falando de situações da vida. Todos se sentiram na mesma página e estamos há quatro anos batalhando e correndo atrás do sonho de infância.

Quais foram suas principais referências musicais e como elas ajudaram a moldar o caráter musical de vocês?

PH: É uma mistura de vários artistas renomados que cada integrante da banda escuta. Mas, em se tratando de bandas nacionais, temos John Wayne, Project 46, Aurora Rules e Pray for Mercy, que são nomes que nos inspiram a continuar na batalha e a cada dia mostrar mais o nosso trabalho a mais pessoas. No lado internacional, temos bandas como Killswitch Engage, Chelsea Grin, Bullet for My Valentine, Avenged Sevenfold etc.. Todas essas bandas tiveram um começo difícil e corrido, e a persistência do trabalho deles foi importante para ajudar a gente a moldar nossa forma de pensar, agir e se comportar em cima e fora dos palcos.

Desde o início já tinham em mente o trabalho em composições próprias ou chegaram a atuar como banda cover?

PH: Como todo início, nós começamos tirando músicas de bandas conhecidas, isso ainda lá em 2009. E com pouco conhecimento musical a gente corria atrás da ajuda de tablaturas e cifras, e nisso concluíamos se era fácil ou difícil tocar as músicas. Foi bom porque ali nós começamos a descobrir como aconteciam as coisas e como era ter uma banda. E falando sobre composições, não nos recordamos do que era a letra, mas acho que falava sobre algo pessoal (risos) e não foi algo que deu muito certo, nossa noção musical era bem rasa.

O primeiro registro de vocês foi o EP *Decadência*, certo?

PH: Sim, *Decadência* foi nosso primeiro projeto autoral. Foi um processo divertido, porque juntamos várias ideias para construir as músicas, nos reuníamos todos os sábados nos dois primeiros anos com essa formação e tocávamos por três horas. Nesse período a gente desenvolvia muita música, algumas pareciam loucuras e outras eram bem sólidas, mas a gente juntou experiências pessoais das quais surgiram as letras – a parte instrumental foi criada com o estudo de cada um. Ao finalizar as músicas do EP, nós ensaiamos por mais alguns meses para entrar no estúdio e aplicar tudo que montamos.

Uma das primeiras coisas que chama a atenção no EP é a capa, algo que sempre atrai os fãs de metal.

PH: É muito legal a capa! Quando finalizamos a música já tínhamos decidido que o nome seria *Decadência*, porque é uma música que fala sobre pessoas que tentaram frustrar nosso sonho no mundo da música. Entramos em contato com Carlos Fides, que é um artista renomado que fez a capa de vários artistas de peso do Brasil, como Edu Falaschi, Aquiles Priester e Vitalism, entre outros, e apresentamos a ideia de uma pessoa praticamente destruída saindo de um túmulo. Isso representa qualquer pessoa que tenha um sonho e que luta mesmo que sozinha para vencer na vida e conquistar o espaço e objetivo que queria, ou seja, 'mesmo que tentem enterrar meu sonho, eu não vou desistir'.

Vamos comentar algumas canções do EP. O que podem nos dizer sobre a faixa-título?

PH: Como disse anteriormente, nossa ideia era bater com os dois pés no peito das pessoas que não viam em nós um projeto promissor. Então, foi uma forma de dizer: 'Ei, estamos aqui! Lembra da gente?' Sempre em nossas conversas nós batíamos na tecla do feeling e da agressividade, e com isso decidimos que teria que ser algo agressivo e que desse a sensação de que estamos saindo do fundo do túmulo para a vida. Já a parte instrumental foi devido à influência de bandas que a gente ouviu ao longo das nossas vidas na música. E todo estudo resultou nessas linhas melódicas e agressivas que vocês ouvem hoje.

Gostaria também que comentassem *Esperança*, que traz uma letra que conclama a ação além da esperança.

PH: Como todas as músicas têm uma conexão entre eles, *Esperança* é a certeza de que estávamos no caminho certo, porque diante de muitas dificuldades para estarmos na música a gente encontrava uns nos outros o apoio, além do que tudo aconteceu nos 45 do segundo tempo e a gente entendia que se deu certo é porque estamos no caminho correto.

Com essa mesma pegada lírica, *Resistência* também chama a atenção. O que podem nos contar sobre a música e a letra que emolduram essa canção?

PH: Então, essa música digamos que é a mais sentimental do projeto, porque ela trata um momento muito difícil de um dos integrantes quando perdeu os pais. Passamos um período dolorido e todo nosso apoio e força foi dado pra ele naquele momento de luto. Então, tudo o que ele sentia e pensava foi se transformando nessa música.

Quanto ao futuro, vocês já pensam no trabalho que sucederá esse primeiro EP? Talvez um álbum completo no futuro? Como está o trabalho para o futuro da banda no estúdio e nos palcos?

PH: Nós temos material separado para os próximos trabalhos, sejam eles singles, EP ou CD. Estamos avaliando as ideias e escrevendo todas elas. Nós finalizamos uma turnê do nosso EP e preparamos um show enérgico de forma que o público ficasse vidrado do começo ao fim, e foi muito divertido passar por cidades e conhecer novas pessoas que chegavam pra gente animadas em nos conhecer e falar das músicas que fizemos. Tudo isso nos animou para criar novas músicas e surpreender mais ainda nossos fãs.

Valtemir Amler

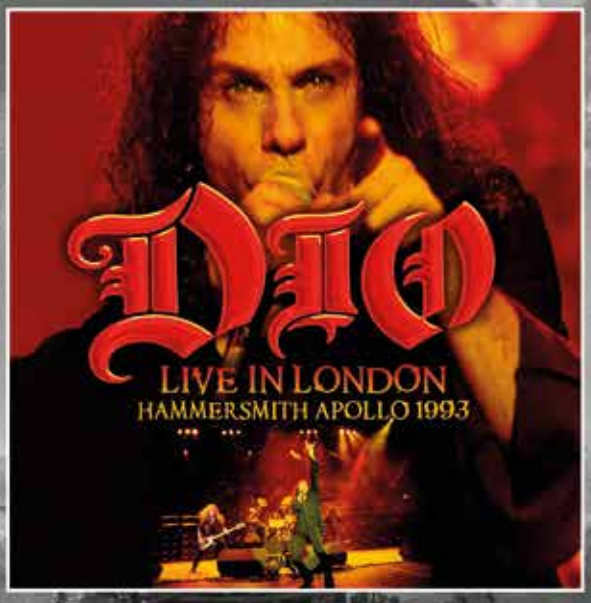
SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

TARJA – *BEST OF LIVING THE DREAM*

1ª coletânea "Best of" da deusa finlandesa com raridades, versões alternativas e a música inédita "Eye of the Storm". Participações especiais de BJORN "SPEED" STRID (Soilwork, The Night Flight Orchestra), ALISSA WHITE-GLUZ (Arch Enemy) e JASON HOOK (ex-five Finger Death Punch).



DIO – *LIVE IN LONDON*

Ao vivo em Londres, Hammersmith Apollo 1993 é um filme-concerto da então recém-reformada banda Dio na turnê europeia de divulgação do álbum Strange Highways. Ronnie James Dio (vocal), Vinny Appice (bateria), Jeff Pilson (baixo) e Tracy G (guitarra). Além das faixas do álbum "Strange Highways", o show contou com outros clássicos de Dio e alguns da carreira de Ronnie com Black Sabbath e Rainbow.

RAINBOW
LIVE IN JAPAN

LOUDNESS
SUNBURST

URIAH HEEP
OFFICIAL BOOTLEG VOL. 2

SKID ROW
THE GANG'S ALL HERE

6º ÁLBUM DE ESTÚDIO da lendária banda americana de HARD ROCK/HEAVY METAL. Estreia do vocalista ERIK GRÖNWALL (ex-H.E.A.T e vencedor da edição de 2009 da versão sueca do programa Idol).

STRATOVARIUS
SURVIVE

16º álbum de estúdio, e 1º de inéditas em 7 anos, dos gigantes finlandeses do METAL SINFÔNICO. Abordando o meio ambiente e o futuro da humanidade, tema importante e recorrente na música da banda.

H.E.A.T
FORCE MAJEURE

7º álbum de estúdio da banda sueca de AOR/Hard Rock, marcando o retorno de Kenny Leckremo, vocalista original que gravou os dois primeiros trabalhos da banda.

LONG DISTANCE CALLING
ERASER

Imersivo, criativo e cheio de melodias sensacionais. O melhor álbum progressivo de 2022!

arte/foto: www.jdantesdesign.com

ENTREVISTA
DAN REED NETWORK
Funk, hard e metal reinam juntos

Fotos: Divulgação

A história do que se convencionou chamar de funk metal passa por nomes como Extreme, Faith No More e Living Colour, todos mais conhecidos do grande público, mas uma das principais sementes do mercadológico rótulo musical atende por Dan Reed Network. Dan Reed (vocal), Brion James (guitarra), Melvin Brannon II (baixo) e Dan Pred (bateria), a formação original da banda americano, lançaram o terceiro álbum desde a volta, em 2012, e Daniel Dutra conversou com Reed sobre o ótimo *Let's Hear it for the King*: "O disco todo é irônico! (...) Mas, no fim, tem uma mensagem positiva para mim, porque ainda tenho fé na Humanidade. Ainda acredito que poderemos virar a página um dia". O longo e franco bate-papo, aliás, incluiu uma viagem de volta aos altos e baixos do hard rock/heavy metal nos anos 1980 e 1990. Confira!

ENTREVISTA
SUNROAD
Sunesthesia

São mais de vinte anos de estrada, mais de dez lançamentos entre álbuns completos, EP, trabalhos ao vivo e coletâneas. Contando com um vocalista francês, Steph Honde (Hollywood Monsters), e com outras mudanças na formação, o grupo goiano Sunroad voltou aos palcos e agora mira shows no exterior. O baterista e fundador Fred Mika explicou em detalhes o momento atual da banda, que se prepara para divulgar o novo trabalho, *Sunesthesia*, que sucede *Walking the Hemispheres* (2021).

MEMÓRIA
RC #173

"O nosso tipo de música não tem muito a ver com isso, mas eu cheguei a ter algumas aulas para entender o estilo de gente como Van Halen e Yngwie Malmsteen, e curti bastante", Jerry Cantrell (Alice In Chains).

DOCUMENTÁRIO
ANDRE MATOS
2ª parte

Os fãs que se emocionaram com o primeiro episódio do documentário "Andre Matos - Maestro do Rock", devem se preparar, pois o segundo episódio será lançado no dia 29 de abril de 2023, no festival Summer Breeze Brasil.

ASSINATURAS
E números atrasados

Para números atrasados ou fazer a assinatura para receber a ROADIE CREW em casa, acesse: www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo whatsapp: (11) 96380-2917.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Autograph - *Beyond*
Razor - *Cycle of Contempt*
Xentrix - *Seven Words*

Antonio Carlos Monteiro (Redator)
Carro Bomba - *Migalhas*
The Cult - *Under the Midnight Sun*
Blues Pills - *Holy Moly!*

Leandro de Oliveira (Editor de Arte)
Joe Lynn Turner - *Belly Of The Beast*
David Readman - *Medusa*
Kissin' Dynamite - *Not The End Of The Road*

Luis Evandro Cavalheiro Moreira (Leitor)
Patria - *Hexerei*
Sigh - *Shiki*
Blind Guardian - *The God Machine*

Álvaro Negro Lima (Leitor)
Avantasia - *A Paranormal Evening with...*
Grave Digger - *Symbol of Eternity*
Def Leppard - *Def Leppard*

Luciano Lázaro Júnior (Leitor)
Architects - *For Those that Wish to Exist*
Sepultura - *Quadra*
Beartooth - *Below*

METAL RELICS

ORGULHOSAMENTE APRESENTA

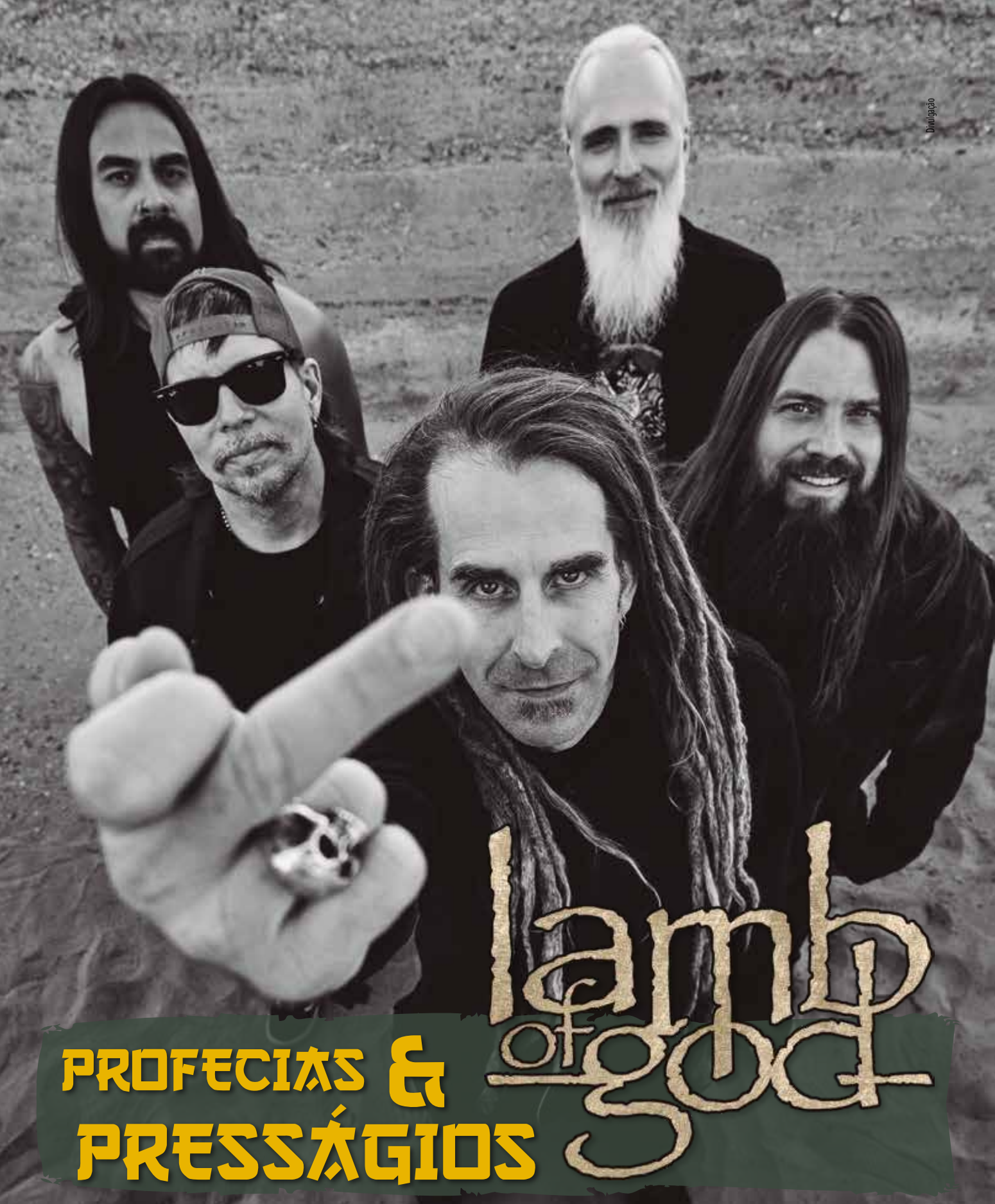
WIZARDS

arte: www.burnartworks.com

DEPOIS DE 12 ANOS UMA DAS MAIORES BANDAS DO HEAVY METAL NACIONAL
ESTA DE VOLTA COM UM INCRÍVEL ÁLBUM DE INÉDITAS.
WIZARDS - SEVEN , QUE BRINDA OS FÃS COM UM DISCO EMPOLGANTE, MELÓDICO
E CHEIO DE REFRÃOS MARCANTES QUE SÃO A MARCA REGISTRADA DA BANDA.
UM LANÇAMENTO ESPECIAL EM DIGIPACK COM 6 ABAS E BOOP BRILHO COM UMA
BELÍSSIMA ARTE CRIADA PELO RENOMADO ARTISTA ALCIDES BURN.

www.metalrelics.com.br

MetalRelics metalrelics



PROFECIAS & PRESSÁGIOS

Em *Omens*, banda da Virgínia mantém sua evolução musical, mas sem abandonar o crossover e o groove/thrash

Por Valtemir Amler

É um exagero quase mal-intencionado afirmar que o heavy metal e seus subgêneros mais tradicionais morreram nos EUA durante os anos 90, mas é impossível deixar de perceber que a música pesada vivia um momento conturbado por lá naqueles dias, especialmente se compararmos com a efervescência do cenário das décadas anteriores. Pois bem, foi justamente em um momento de retraimento que Randy Blythe (vocal), William Adler e Mark Morton (guitarras), John Campbell (baixo) e Chris Adler (bateria) se uniram pela primeira vez, originalmente sob o nome Burn the Priest. Apostando todas as suas fichas em uma mistura "perigosa" de groove metal, que se tornava dominante na época pelas mãos de Pantera e Machine Head, com a energia vibrante do hardcore, o Burn the Priest foi aos poucos conquistando seu espaço. Lançou um belo álbum de estreia *(Burn the Priest*, 1999), mas, naquele mesmo ano, mudou seu nome para Lamb of God e foi então que o jogo subiu definitivamente de nível. Hoje, mais de duas décadas depois e com nove álbuns completos de estúdio lançados (contando apenas aqueles que saíram como LoG), eles até tiveram uma mudança na formação (o baterista Art Cruz substituiu Chris Adler em 2019), mas a atitude musical ao mesmo tempo aberta e brutal, a energia contagiante de sua performance insana nos palcos e principalmente a qualidade inegável que ajudou a forçar os holofotes do cenário a se voltarem novamente ao cenário americano continuam as mesmas. A ROADIE CREW teve uma ótima conversa com uma das principais razões do sucesso da banda de Richmond, o vocalista Randy Blythe, que se mostra muito mais do que "apenas" um grande vocalista de rock'n'roll. Aprecie a conversa enquanto aguarda o retorno da banda aos nossos palcos, com um show que promete ser memorável no Summer Breeze Open Air, em abril próximo.

Para começar essa conversa, gostaria de recordar um dia em especial: em 26 de junho de 2017 o Lamb of God tocou aqui em São Paulo ao lado de Test, Heaven Shall Burn, Carcass e King Diamond, e aquela foi a última vez que se apresentaram por aqui. Sei que vocês sempre tiveram uma agenda muito cheia, mas você ainda recorda algo dessa apresentação?

Randy Blythe: Ah, cara, mas é claro que lembro daquele show, lembro muito bem! Como poderia esquecer? Foi uma apresentação memorável, para o bem e para o mal (risos gerais). Sim, eu lembro muito bem, éramos parte do cast de um festival (N.R.: Liberation Festival) e pegamos uma plateia especialmente difícil (risos). Cara, foi até engraçado, porque não foi nossa primeira vez em São Paulo e em todas as outras as pessoas foram absolutamente incríveis e receptivas do início ao fim do nosso show, mas nessa noite em especial tivemos que suar em dobro para conseguir um bom resultado. Na verdade, eu sei a razão de termos encontrado uma plateia difícil e acho que você recorda também, né? Lembro de você na primeira fileira, foi uma das únicas camisetas do Lamb of God que vi naquela noite (risos gerais).

Sim, a casa estava absolutamente lotada por fãs de King Diamond, que era a atração principal do evento com seu show especial celebrando o clássico *Abigail* (1987). Eu mesmo estava ansioso por aquele show (risos).

OMENS
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Randy: Todos estavam, até nós (risos). Ficamos ainda mais ansiosos quando entramos no palco detonando e percebemos que algumas pessoas estavam bem putas de nos ver no palco (risos). Lembro especialmente de algumas garotas que estavam na primeira fila que usavam maquiagens iguais à do King Diamond. Acho que, se elas tivessem a oportunidade, teriam me jogado para fora do palco, o olhar dizia tudo (risos). Mas, depois de algumas músicas, começamos a perceber que não estava tão ruim quanto parecia, havia muita gente agitando nas fileiras mais afastadas, nossos fãs estavam ali também.

No fim das contas, eu não era o único.

Randy: Não, você levou alguns amigos (risos gerais). Mas, falando sério, foi realmente estranho no começo, pois foi diferente daquilo que estávamos acostumados. Fizemos o show imediatamente anterior ao do King Diamond, então o público dele estava bem à frente do palco, por volta da quarta música a maior parte das pessoas já estava agitando e foi um show bem interessante, com várias vibrações em momentos diferentes (risos). Foi muito legal e esperamos poder tocar por aí em breve, já faz muito tempo, sem dúvida.

Principalmente porque tem sido uma relação duradoura essa de vocês com os palcos brasileiros, certo? Pelo que lembro, a primeira vez de vocês por aqui foi em 2010, na turnê do álbum *Wrath* (2009).

Randy: Sim, acho que foi isso mesmo. E aquela foi uma época bem interessante para nós, muitas coisas estavam acontecendo.

Como o que, por exemplo?

Randy: Bem, nós empurramos alguns limites muito adiante quando lançamos *Wrath*. Quer dizer, com essa banda sempre buscamos fazer a música em que acreditamos e à nossa maneira, mas algumas pessoas que nos acompanhavam desde os tempos de *New American Gospel* (2000) ou *As the Palaces Burn* (2003) estavam um tanto quanto descontentes com os álbuns que vieram antes de *Wrath*. Então, quando lançamos aquele novo álbum, todas as primeiras resenhas destacavam como a sonoridade geral de *Wrath* era mais crua. Acho que, de maneira geral, ele agradou muito mais os fãs do nosso primeiro álbum, *New American Gospel*. Logo, os fãs de *Sacrament* (2006) não estavam tão satisfeitos (risos). É assim que funciona, não existe um equilíbrio, e por isso escolhemos sempre fazer o que acreditamos.

E logo após *Wrath* vocês lançaram *Resolution* (2012), um álbum que até hoje figura entre os meus favoritos de todos os tempos.

Randy: Obrigado. Pois é, e ele foi outro que pareceu conectar-se muito bem com os fãs dos nossos primeiros discos, especialmente de *As the Palaces Burn*.

Acho que podemos imaginar o quanto canções como *The Undertow*, *Ghost Walking*, *Visitation* e *Terminally Unique* têm a ver com isso.

Randy: É verdade. Acho que aquilo é o que podemos chamar de Lamb of God clássico. Você sabe, desde os primeiros dias nós sempre procuramos evoluir, álbum por álbum, canção por canção. É por isso que seguimos em frente. Mas, não

importa o quando avancemos, o núcleo do nosso som é sempre o Lamb of God clássico, então você sabe o que esperar.

Sim, e essa é a graça de um álbum como *Resolution*, pois ao mesmo tempo que tínhamos *The Undertow*, também havia *King Me*, que é outro universo.

Randy: Sim. E essa música representa muito para nós, em vários níveis. Pra começar, diria que não existe nenhuma regra escrita de como uma música nossa deve soar, simplesmente partimos do nada rumo ao desconhecido, simples assim. Mas, ainda que não existam regras, certas coisas podem parecer 'demais'. *King Me* era a maior música que tínhamos em *Resolution* e era diferente de tudo que tínhamos feito, pois tinha toda uma seção orquestrada, tinha uma vocalista de ópera contribuindo com vocais (N.R.: Amanda Munton), minha própria abordagem vocal não é tão gritada. Não lembro se logo de cara pensamos em lançar a música ou se passou pela nossa cabeça descartar ou alterar, mas é uma das nossas melhores canções. A letra é ótima, me orgulho dela, pois fala sobre se livrar dos vícios sem se tornar alguém arrogante, que acha que é o centro do mundo.

Já em 2015 veio *VII: Sturm und Drang*. O título teve conexão com o movimento literário alemão?

Randy: Adoraria dizer que sim, mas a verdade é que Mark Morton apareceu com esse título e disse que traduzido seria algo como 'tempestade e estresse'. Na hora pensamos: 'Certo, esse é um ótimo título para um álbum de heavy metal.' Afinal, é sobre isso que trata o metal, certo? Sem contar que também é assim que funciona a gravação de um álbum de metal, pura tempestade e estresse (risos). E claro, queríamos aumentar nossa base de fãs na Alemanha, então um título em alemão parecia um ótimo gancho (risos gerais).

Funcionou?

Randy: Ah, mais ou menos (risos gerais).

Bem, há pouco falamos de instinto e criatividade, e, se não temos nada tão 'avant-garde' quanto *King Me* no novo álbum, *Omens*, podemos dizer que certamente estamos diante de um dos discos mais pesados e intensos de toda a carreira do Lamb of God.

Randy: Sim, acho que desta vez estávamos com muitos sentimentos para expurgar desta vez. Todos lidamos com coisas demais esses últimos anos, então de alguma forma isso precisava aflorar. Que bom que temos uma banda com a qual podemos fazer isso sem descaracterizar o som.

Na verdade, isso quase complementa o som de vocês, uma vez que ele sempre foi muito intenso e energético.

Randy: É verdade, isso faz sentido. E, de certa maneira, acho que o mundo sempre nos ofereceu muito material sobre o qual ficar furiosos (risos). Você sabe, a estupidez humana parece inesgotável, então nossa capacidade de ficar revoltados também deve ser inesgotável, do contrário fica muito difícil viver.

A primeira música que ouvimos desse novo álbum foi *Nevermore*. Já na primeira vez que escutei, instantaneamente me veio à memória a introdução de *512*, do álbum *VII: Sturm und Drang*. De alguma maneira, você diria que elas estão conectadas?

Randy: Bom, não em um sentido estrito... Cara, a verdade é que é difícil dizer, porque, você sabe, nós costumamos juntar várias ideias para chegar numa canção. Eu também escrevo minhas próprias ideias sobre o que aquelas linhas instrumentais despertam em mim. Eu não sei, acho que de certa forma *Nevermore* é mais abrasiva do que *512*, é mais intensa e pesada, no geral. Talvez a conexão que você sinta seja por conta dos vocais, que têm um tom mais sombrio em ambas, mas é bem difícil falar. Pra mim sempre foi muito complicado comparar duas canções (risos).

> "NÃO EXISTE NENHUMA REGRA ESCRITA DE COMO UMA MÚSICA NOSSA DEVE SOAR, SIMPLESMENTE PARTIMOS DO NADA RUMO AO DESCONHECIDO"

No fim das contas, o que realmente importa é que ambas são ótimas canções.

Randy: Obrigado, cara, é mais ou menos isso mesmo. Para nós, duas coisas são muito importantes: primeiro, tudo tem que soar como Lamb of God; segundo, precisamos manter as coisas interessantes para nós e para nossos fãs. Então, temos feito isso ao longo de todos esses anos, precisamos ter uma atitude aberta o suficiente para trazer elementos diferentes e interessantes o suficiente para manter nossa música interessante para os fãs e a banda interessante para nós, ao mesmo tempo que em temos que ser 'fechados' o suficiente para não virar uma banda completamente diferente. Não é um equilíbrio tão difícil quando você sabe o que fazer, mas existem alguns riscos. Acho que até agora, especialmente com *Omens*, fomos bem sucedidos.

Eu diria que *Omens* apresenta um ótimo equilíbrio entre o groove/thrash típico dos anos 90 e 2000 com o hardcore dos anos 80.

Randy: Então sem dúvida fomos bem sucedidos, pois isso é exatamente que somos (risos gerais). Poucas coisas soam tão perigosas quanto a mistura de metal e hardcore, não é mesmo?

Sim, parece a fórmula de algum explosivo (risos gerais). Você se transformou em referência no meio metal desde os anos 2000, mas confesso que sempre te vi mais como um vocalista de hardcore. Isso faz sentido?

Randy: Sim, totalmente, pois é exatamente isso que sou! Desde que eu era um garoto, sempre foram os vocalistas de hardcore e punk que mais me fascinaram, em todos os sentidos. Eu gostava de tudo o que eles faziam: a abordagem dos vocais, a forma como faziam as letras combinarem exatamente com o ritmo abrasivo das canções. E mais: a performance daqueles caras no palco era incendiária, era um pacote único! Eu olhava para aquilo e pensava: 'Se um dia eu for fazer isso, vai ser como esses caras!'

Quais eram as suas bandas favoritas na época?

Randy: Para começar, Bad Brains. Ela ainda é a minha banda favorita, até os dias de hoje. Simplesmente não consigo parar de ouvir, nunca vou conseguir.

Sim, eles são incríveis. Sem contar que parece ser absolutamente impossível para qualquer vocalista soar como HR (N.R.: vocalista do Bad Brains desde o clássico álbum de estreia autointitulado, de 1982).

Randy: Sim, ele é um alienígena de alguma outra dimensão, totalmente inalcançável para qualquer ser humano. Ah, cara, eu amo Bad Brains, eles são tão legais. Também curto demais o Samhain (N.R.: primeira banda de Glenn Danzig após deixar o Misfits), amo Black Flag, Misfits é claro, e Sex Pistols. São tantas bandas ótimas daqueles dias, é difícil dizer tudo, porque você simplesmente tem vontade de citar todas elas (risos). Todas essas bandas me ajudaram muito durante os meus dias de escola e ajudaram a formar meu caráter como pessoa e vocalista.

Você teve chance de ver o Samhain original ao vivo?

Randy: Não. E isso é estranho, pois vi a turnê deles exatamente na época em que mudaram de nome e passaram a se chamar Danzig. E, claro, quando houve a última reunião nós saímos em turnês junto com eles e obviamente eu aprovei-

tei para fazer todas aquelas coisas de fã na época: tirei milhares de fotos, conversei com os caras, perguntei tudo que você possa imaginar (risos). Aquilo foi foda pra mim, realmente algo grande!

É interessante pensar que Misfits, Samhain e Danzig tinham um núcleo em comum, todas eram ótimas, e soavam bem diferentes umas das outras.

Randy: Sim, e fica ainda mais interessante porque a gente sabe que essa diferença foi buscada, foi algo consciente. O Glenn estava bastante ciente do que estava fazendo com cada uma delas, e isso é muito legal para um artista.

Você tem uma favorita entre elas?

Randy: Samhain. Acho que por conta de serem os mais obscuros, os mais sinistros. Já na época eu adorava isso, essas referências obscuras.

Tanto que veio a tocar em bandas com nomes como Burn the Priest e Lamb of God...

Randy: Pois é, o mundo dá voltas. O que quer dizer que ele sempre acaba chegando no mesmo lugar, então, aqui estamos nós (risos gerais).

Você também mencionou Sex Pistols e imagino que era novo demais na época que eles se separaram. Pelo que li, eles estavam tocando nos EUA, fizeram um show em São Francisco, mas se separaram ainda antes de seguir para Los Angeles...

> "PARA NÓS, DUAS COISAS SÃO MUITO IMPORTANTES: PRIMEIRO, TUDO TEM QUE SOAR COMO LAMB OF GOD; SEGUNDO, PRECISAMOS MANTER AS COISAS INTERESSANTES PARA NÓS E PARA NOSSOS FÃS"

Randy: Sim, foi isso mesmo. Pois é, eu realmente era muito novo naquela época, acho que eu tinha apenas 7 anos, então, sem chance. Mas é claro que adoraria ter visto um show deles, eram uma banda incrível. Qualquer riff em *Never Mind the Bollocks* (1977) pode ser colocado entre os melhores já feitos. No caso deles, não vi nenhuma das reuniões, mas adoro a banda.

E quanto ao Public Image Limited, você seguiu Johnny Rotten na sua então nova banda?

Randy: Claro! Cara, o P.I.L. é uma das minhas bandas favoritas de todos os tempos, não sei como não citei eles antes! *The Flowers of Romance* (1981) é um dos meus discos favoritos. Novamente, é uma banda que soa bem diferente do Sex Pistols, e isso me atrai. Quer dizer, é mais ou menos o que tentamos fazer com o Lamb of God, tentamos manter as coisas diferentes. No momento que parecer repetitivo, poderemos perder o interesse nisso e então não haveria razão de continuar com a banda.

Dei toda essa volta para chegar onde realmente queria. Primeiro, você lembra a época em que promoviam o LoG como uma banda de 'punk metal'?

Randy: Claro, com certeza lembro, pois foram tempos difíceis. Fazíamos isso porque simplesmente ninguém abria as

Willie Adler, Mark Morton, Randy Blythe, Art Cruz e John Campbell, juntos pela segunda vez em um álbum do LoG

Travis Shinn

portas para nós quando dizíamos que éramos uma banda de metal! Ninguém queria contratar uma banda de metal naqueles dias, então, como o cenário punk era mais aberto, começamos a dizer que tocávamos punk metal, o que não deixa de ser verdade, como falamos antes (N.R.: poucos anos mais tarde, o mesmo aconteceu com o Municipal Waste, outra banda de Richmond, Virgínia).

Você percebe que, por conta desse esforço, vocês acabaram renovando o interesse do mundo pelo metal americano, algo que tinha diminuído nos anos 90?

Randy: Bom, eu nunca realmente parei para pensar sobre isso, mas entendo o que você está falando. O metal americano viveu seu auge nos anos 80, acho que a música pesada americana em geral, então vieram os anos 90 e as coisas ficaram um tanto estranhas por aqui, pois existiam outras tendências muito fortes na música. Pantera era gigante, Machine Head e Fear Factory também, e elas tinham muito groove, que é algo que o LoG também tem. Então, acho que quando as pessoas começaram a prestar atenção na nossa música, essa foi a primeira coisa que ouviram, as guitarras pesadas cheias de groove, e na hora lembraram dos gigantes americanos dos anos 90. Não acho que tenhamos promovido um 'renascimento' da cena americana, mas acho que de fato ajudamos e fico muito feliz com isso. É muito bom para uma banda ser lembrada por algo assim.

Para encerrar, fale-nos um pouco sobre a iniciativa 'Rewilding', com a qual você reflorestou uma área do Equador.

Randy: Eu sou surfista, gosto muito da natureza e isso realmente me faz muito bem, me ajuda a recarregar as energias.

> "A ESTUPIDEZ HUMANA PARECE INESGOTÁVEL, ENTÃO NOSSA CAPACIDADE DE FICAR REVOLTADOS TAMBÉM DEVE SER INESGOTÁVEL. DO CONTRÁRIO FICA MUITO DIFÍCIL VIVER"

Tenho uma conexão muito forte com a natureza, então quando esse meu amigo, um surfista equatoriano, me falou sobre esse espaço no Equador e como as pessoas que viviam ali estavam sofrendo com o esgotamento da natureza local, decidi que faria o possível para revitalizá-lo. Viajei até o local, e acabei adquirindo todo aquele espaço, com a proposta de reflorestá-lo. Mas eu não queria que os locais pensassem que era mais uma vez a ação de um capitalista rico do norte invadindo e tomando posse das suas terras. Eu queria revitalizar aquele espaço para eles. Integramos a população local naquilo que fazíamos, para que eles pudessem tirar seu sustento dali. Aramos a terra e plantamos árvores típicas daquela região, trabalhamos num projeto real de revitalização da natureza e da vida social das pessoas que ali viviam, e fiz isso tudo sustentado pelos pequenos vídeos que faço no Cameo. Você sabe, aqueles em que as pessoas me pagam para gravar uma mensagem pessoal e engraçada para elas. Quer dizer, no fim das contas é ainda uma medida muito pequena, é apenas um grão de areia, mas é um começo, e é um exemplo. Com aquela comunidade, estamos provando que é possível viver da natureza de maneira sustentável e não predatória, integrando o homem com o local onde vive.

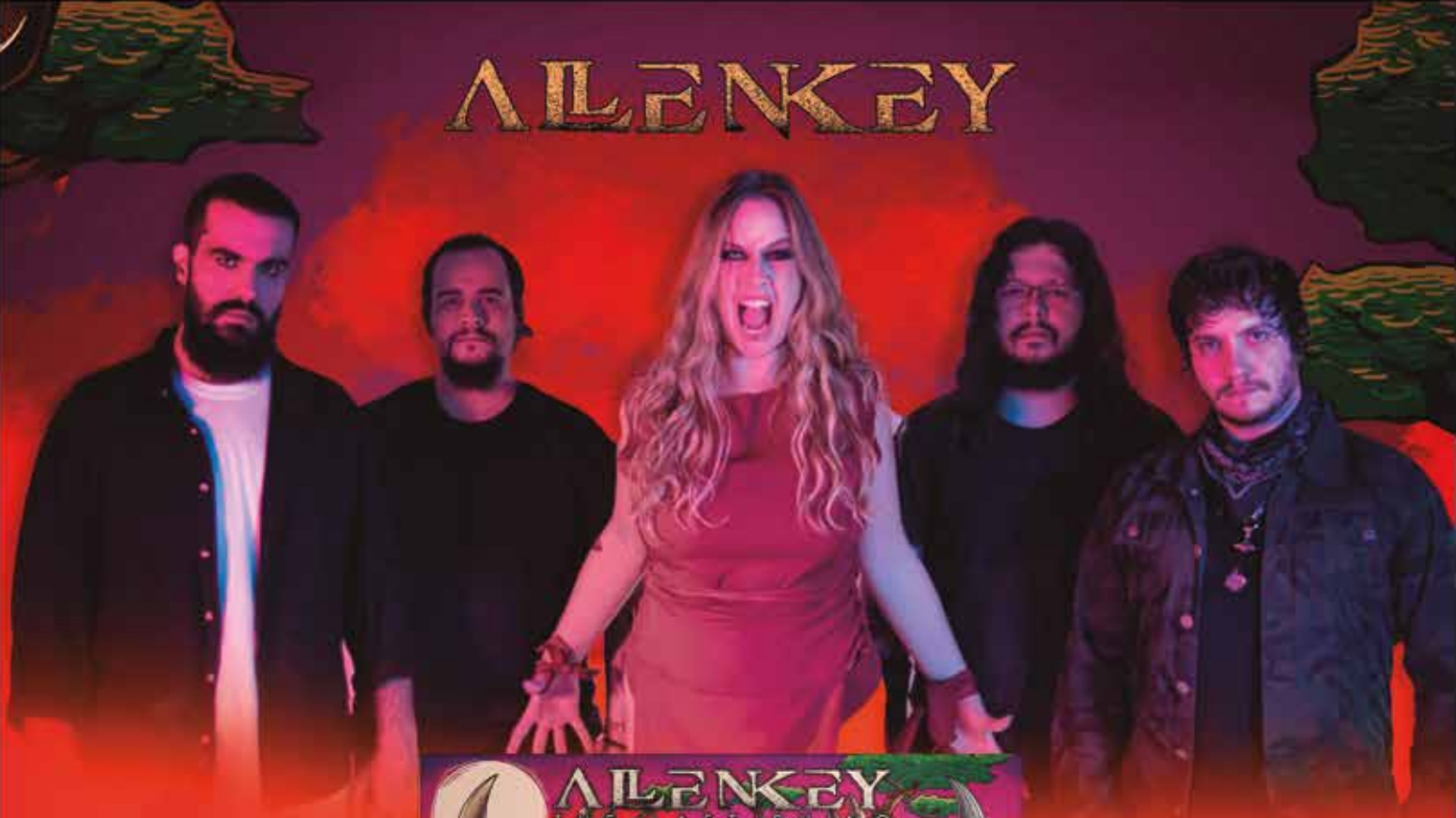
Você pensa em levar esse projeto para outros países?

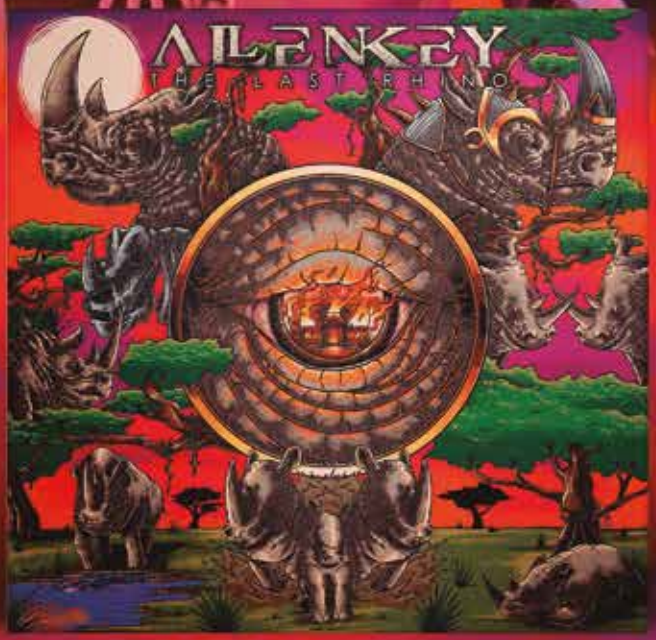
Randy: A verdade é que neste momento estamos no limite da nossa capacidade, dar um passo maior agora poderia fazer mais mal do que bem. Não adiantaria adquirir grandes quantidades de terra, reflorestar tudo, e tirar das pessoas que habitam naquela região a oportunidade de se sustentar, sabe? Temos que integrar as coisas para que tudo funcione direito.

Com Omens, Cruz, Campbell, Morton, Blythe e Adler mantém intacta a proposta de produzir crossover/thrash com o groove típico dos anos 90

Travis Shinn

ALLENKEY





/allenkeyofficial
@allenkeyofficial
allenkeyofficial.com

CONFIRA!

OUÇA AGORA
THE LAST RHINO

DISPONÍVEL NOS STREAMINGS | SHOWS, VIDEOCLIPES E MUITO MAIS, NO YOUTUBE!

YouTube DEEZER Spotify amazonmusic Music Google Play Music TIDAL

CONTATO PARA SHOWS: +55 (16) 99600-6241
E-MAIL: ALLENKEYOFFICIAL@GMAIL.COM

PLAYLIST

Por Guilherme Spiazzi • Fotos: Fernando Mazza

ABEL CAMARGO
HIBRIA

▶ NOME COMPLETO:
Abel Ricardo de Souza Camargo

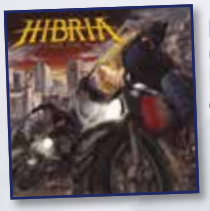
▶ NASCIMENTO:
7 de maio de 1975, Porto Alegre/RS

▶ BANDAS QUE INTEGROU:
HIBRIA (cofundador: 1996/atualmente)
Malthusian / Draft / Alcoólatras de Cristo

▶ Throne of Glory: "Música que abre a demo *Metal Heart*, primeiro trabalho do HIBRIA. A sonoridade da banda, nesse momento da carreira, foi influenciada principalmente por bandas como Helloween, Judas Priest e Iron Maiden. Era uma abordagem mais voltada ao metal melódico nessa época."
Demo: Metal Heart (1997)

▶ The Saga Will Begin: "Segunda faixa da nossa segunda demo, *Against the Faceless*. Aqui a banda já incorpora um som bem mais pesado e agressivo, algo que se tornou uma característica do grupo ao longo da carreira."
Demo: Against the Faceless (1999)

▶ Steel Lord on Wheels: "Este álbum possui uma intro, e essa é a música que abre o CD após ela. Esse som é um rock/metal com muito swing e virtuosismo nas dobras de guitarra, duetos e solos (a cargo de Abel Camargo e Diego Kasper), linhas de baixo pesadas e melodiosas (Marco Panichi) e um vocal com um timbre inconfundível (Iuri Sanson), que marcou a voz na discografia da banda até seu sexto álbum de estúdio."
Álbum: Defying the Rules (2004)



▶ Defying the Rules: "Um dos sons mais power metal da história da banda e que dá nome ao nosso primeiro CD, cujo título *Defying the Rules* (desafiando as regras) continua plenamente válido até os dias de hoje. Música rápida, groovada e com um solo de arrepiar de Diego Kasper."
Álbum: Defying the Rules (2004)

▶ Wings of Wax: "Um dos sons mais longos e progressivos da carreira da banda até então. É a música que fecha o álbum e uma das poucas que não tocamos ao vivo até hoje. Essa faixa é do segundo disco do HIBRIA e encontramos nela muitas influências que viriam a ser desenvolvidas nos próximos trabalhos do grupo, assim como no próprio *The Skull Collectors*."
Álbum: The Skull Collectors (2008)

▶ Devoted to Your Fear: "Esta música traz um balanço entre muito peso e agressividade com influências de hard rock, o que acaba dando uma sonoridade única para este registro. Foi um som que tocamos bastante nos shows na época de lançamento desse CD."
Álbum: The Skull Collectors (2008)

▶ **I Feel No Bliss (Unplugged):** "Música com uma pegada mais de balada e que foi a faixa bônus para a versão do CD lançado no Brasil. Esse disco nos abriu portas para gravar o DVD *Blinded by Tokyo*, que é um dos maiores feitos da banda até hoje. Gravar no Japão numa casa de shows espetacular e lotada de fãs da banda é algo para se guardar na mente e no coração para sempre. Tenho muito orgulho desse trabalho e das conquistas dessa época. As letras deste trabalho foram inspiradas no livro 'Ensaio sobre a Cegueira', de José Saramago, cuja temática, infelizmente, está mais viva do que nunca nos dias de hoje."
Álbum: Blind Ride (2011)

▶ **Shoot Me Down:** Outra faixa de *Blind Ride*, que foi o CD no qual mudamos a afinação e a sonoridade. A partir desse trabalho, a banda ficou com um som bem mais pesado, groovado e agressivo, algo que se tornou característico na carreira do grupo, mas sem nunca perder o foco nas melodias cativantes e no virtuosismo de seus músicos, mas sempre colocado a serviço da arte. Essa letra traz uma crítica social muito forte em relação ao abandono das pessoas menos favorecidas, como os moradores e moradoras em situação de rua."
Álbum: Blind Ride (2011)

▶ **Shall I Keep on Burning?:** "Essa é a minha música favorita do HIBRIA até hoje. Diria que é uma balada pesadíssima. As letras desse CD foram inspiradas num thriller argentino chamado 'O Segredo dos Seus Olhos', que é um filme espetacular. Essa letra é minha e traz uma pergunta, uma reflexão sobre como agir após algo irreversível acontecer. É um dos meus clipes favoritos da banda também e tem um solo de guitarra matador de Renato Osorio. Esse foi o primeiro álbum dele com a banda."
Álbum: Silent Revenge (2013)

▶ **Abyss:** "Segunda faixa do álbum homônimo da banda, que é o nosso quinto trabalho de estúdio. É um som na vibe heavy/prog com muito peso e groove, e com linhas de baixo matadoras de Benhur Lima, que integrou a banda até esse disco."
Álbum: HIBRIA (2015)

▶ **Tightrope:** "Som veloz e pesadíssimo na vibe heavy/thrash/death e com um refrão hard rock para cantar com muita emoção. Tocamos muito essa música ao vivo e a reação do público era sempre excelente. A bateria desse som, a cargo de Eduardo Baldo, é violentíssima, assim como o peso das guitarras (Abel Camargo e Renato Osorio).
Álbum: HIBRIA (2015)

▶ **Music:** "Esse EP foi em comemoração aos vinte anos da banda e essa música vem na pegada rock/heavy. Esse som fala do quanto a música nos faz livres e felizes por tê-la em nossas vidas."
EP: XX (2016)

▶ **Moving Ground:** "As letras deste álbum foram inspiradas em uma das bases do budismo: impermanência. Também é o CD que marca a despedida de toda a formação da banda anterior ao nosso mais recente trabalho, *Metamorphosis*, restando apenas eu da formação anterior e desde o início do HIBRIA. Esse som traz umas linhas de baixo na vibe do jazz muito interessantes, nas mãos do Ivan Beck. Esse trabalho também tem um videoclipe lindíssimo feito pela Plano 9 Filmes, nossos amigos e parceiros de trabalho há quase uma década."
Álbum: Moving Ground (2018)

▶ **So Damn Unkind:** "Essa letra fala sobre como o mundo está cheio de pessoas ruins e desonestas, e que apesar delas, nós devemos seguir em frente com nossos sonhos, sem deixá-los para trás, mas levando-os com amor adiante. Musicalmente falando, é um dos sons mais diferentes na discografia da banda, cheio de swing, levadas funkeadas e com um 'bate e volta' de solos entre o Renato Osorio e eu que ficou muito diferente e interessante. O final é bem sinistro e dramático."
Álbum: Moving Ground (2018)

▶ **Fearless Will:** "Esse som foi o primeiro single da nova formação do HIBRIA e foi lançado em 2019. Ele também integra nosso novo álbum, *Metamorphosis*, que saiu este ano e marca a estreia dos novos membros – Victor Emeka, Otávio Quiroga, Thiago Baumgarten e Bruno Godinho (que já foi substituído por Vicente Telles). É uma música virtuosa e cheia de feeling, com um solo de baixo matador de Thiago Baumgarten e um dueto de guitarras com contraponto na vibe do chorinho trazido por Bruno Godinho, além da bateria 'moedora' de Otávio Quiroga."
Álbum: Metamorphosis (2022)

▶ **Meaning of Life:** "Um dos sons e letras mais lindos da história da banda, escrita pelo nosso vocalista Victor Emeka, cuja interpretação dele emociona do início ao fim. Essa balada possui um lindíssimo clipe gravado numa comunidade (Guarapiranga) em São Paulo este ano e de que muito nos orgulhamos. Fala sobre o sentido da vida e sobre a importância de vivê-la conforme acreditamos."
Álbum: Metamorphosis (2022)

Abel Camargo, Vicente Telles, Victor Emeka, Thiago Baumgarten e Otávio Quiroga

Ryan Neff, Jerod Boyd, Levi Benton, Justin Aufdemkampe e B.J. Stead: maturidade lírica e musical no metalcore

Divulgação

MISS MAY I

MÚSICA E CONTEÚDO

Levi Benton fala do novo álbum do Miss May I, o primeiro em cinco anos, e como as letras pessoais e verdadeiras da banda tocam as pessoas

Por Daniel Dutra

Em 2007, Levi Benton (vocal), B.J. Stead e Justin Aufdemkampe (guitarras), Ryan Neff (baixo e vocal limpo) e Jerod Boyd (bateria) eram apenas adolescentes no Estado de Ohio (EUA) com o sonho de viver de música. Quinze anos depois, o Miss May I é um dos principais nomes do metalcore mundial, um dos expoentes da New Wave of American Heavy Metal, e *Curse of Existence*, o sétimo disco de estúdio, consolida o amadurecimento do quinteto. Na música, nas letras e na vida. O que você pode comprovar nas palavras de Benton, hoje com 31 anos, à ROADIE CREW.

Gostaria de falar sobre o conceito de *Curse of Existence*, porque o primeiro single do álbum, *Unconquered*, parece estar relacionado ao que vivemos nos últimos dois anos...

Levi Benton: E é o resumo perfeito do que nos fez mudar a direção do disco. Originalmente, ela se chamava "Red Rope" e tratava de suicídio, uma situação real que tivemos que lidar, como banda, durante a pandemia. *Unconquered* surgiu de um ponto de verdade, mas era sobre uma tentativa de suicídio quando a levei para o estúdio. Era muito obscura. Obviamente, nós conseguimos voltar ao estúdio, sobrevivemos, e essa era a perspectiva que eu não estava conseguindo acessar até recomeçar o trabalho e o produtor falar: 'Essa música não traz solução. É só blá-blá-blá e acaba. Você está aqui agora, então escreva sob esta perspectiva. Vocês conseguiram e estão fazendo um disco', e foi daí que o novo nome surgiu. Há uns salpicados da música original, mas no geral ela fala sobre a vitória em cima dos pensamentos suicidas em vez de só explicar sobre isso até acabar a canção. A nova versão explica os pensamentos, fala que sobrevivemos e tem uma solução no fim. Esse desfecho era o pedaço que faltava em todo o álbum, porque estávamos tão estressados e putos que não conseguíamos pensar com clareza. Foi preciso que alguém nos mostrasse.

E o que mudou para você diante da maneira como o ser humano se comportou durante a pandemia? Você ficou surpreso com as ações de algumas pessoas?

Levi: Sim, e falamos muito sobre isso na banda! Muitas pessoas que conhecemos surtaram, e foram pessoas que se eu tivesse apostado US$ 1 milhão que passariam bem pela pandemia, teria perdido! Pessoas que não acolhiam pensamentos negativos e depressivos, mas aí a pandemia as levou ao limite, quebrou muita gente dos pontos de vista emocional e psicológico. E o mesmo aconteceu conosco. Estamos na banda há 15 anos e passamos por altos e baixos, mas esse período foi o mais baixo dos baixos para cada um de nós. Tivemos momentos ruins antes, mas esse foi a gota d'água, com certeza.

Gostaria de falar, também, sobre o segundo single, *Bleed Together*, especialmente sobre a letra. Para começar, você pode explicá-la?

Levi: Ela fala sobre paternidade, porque eu e nosso guitarrista nos tornamos pais durante a pandemia, e um terceiro integrante anunciou no meio de agosto que entrará para o clube (risos). Foi difícil não escrever todas as músicas sobre a minha filha, porque todo pai sabe que ter um filho o consome da melhor maneira que existe. O interessante de *Bleed Together* é que, antes dessa paternidade, tivemos muitas músicas que falam justamente sobre não ter pais, então virou uma sequência positiva. É algo que muitos de nós na banda esperávamos, ou seja, a segurança que uma figura paterna proporciona, e compomos muitas músicas sobre isso porque foi o que nos definiu. É uma experiência surpreendente estar vendo isso de outra perspectiva, agora, e sentir o que estamos sentindo. É um poder protetor que nos consome, e acredito que qualquer um que tenha filhos entende o que estou dizendo. É uma energia maravilhosa, e a música é sobre isso.

Sem dúvida, e eu quero acrescentar *Hey Mister* (do álbum *At Heart*, de 2012) à conversa, porque há uma frase na letra de *Bleed Together* que poderia se encaixar nela: "Você nunca saberá a dor que eu guardei dentro de mim". Faz sentido para você?

Levi: Completamente! Foi o nosso aceno ao fechamento do ciclo de *Hey Mister* e *Bleed Together*. Não era a nossa intenção que fossem sequência uma da outra, mas elas são. Se você conhece a nossa banda, se você é um fã nesses últimos dez anos e conhece *Hey Mister*, então percebe esse aceno. É o encerramento de um ciclo na nossa carreira e na nossa existência enquanto banda.

Dito isso, dez anos depois, a mensagem de *Hey Mister* continua relevante e atual. Infelizmente...

Levi: Cara, até hoje essa música me dá um nó na garganta ao vivo. Eu já lidei com a minha questão pessoal, mas o que ainda mexe comigo é ver no público quantas pessoas se reconhecem nela, é ver suas emoções. É um tópico pesado, mas a resolução de *Hey Mister*, aquele 'It's Ok', quando as pessoas estão cantando, travando uma batalha emocional durante a música toda, e aí chega o fim... Todos se unem num grande dedo do meio como se fosse um grande abraço em família. Essa música nunca envelhece, e fico muito animado quando a tocamos.

É um problema mundial e uma situação crescente no Brasil, onde 77.863 bebês foram registrados sem o nome do pai na certidão de nascimento em 2020, número que cresceu para 82.203 em 2021. Recentemente, fanáticos tentaram impedir que uma menina de 11 anos estuprada interrompesse sua gravidez, e são pessoas que nunca se preocupam com mães solteiras e filhos abandonados pelo pai...

Levi: Eu não sabia disso... Cara, isso é muito pesado! Agora que sou pai, não consigo me imaginar fazendo isso sozinho. Eu tiro o chapéu para as mães que cuidam sozinhas dos filhos, para os pais que cuidam sozinhos de seus filhos, e o que você acabou de falar é triste demais... (N.R.: Benton fica visivelmente emocionado). *Hey Mister* foi a primeira vez, enquanto banda, que entendemos o que significa ir fundo nas nossas letras. Foi curioso, porque no estúdio não tínhamos noção do quão significativo seria. Foi a primeira música que nós tocamos, e foi muito impactante. *Hey Mister* foi lançada quando estávamos em turnê e em apenas 24 horas ela já estava no topo do nosso setlist. As pessoas todas cantaram, e eu pensei: 'Faz somente um dia que a lançamos! Isso é uma loucura!', mas foi aí que entendi o que significa escrever uma letra real, despejar todo o coração nela. Entendi por que as pessoas querem ouvir verdades profundas, e precisamos falar sobre isso.

CURSE OF EXISTENCE
SharpTone Records - Imp.

Ainda sobre relevância, estamos vendo as bandas que começaram tudo dizendo adeus. Daqui a alguns anos, não teremos nem mesmo o Metallica por perto, por exemplo, então você já pensou que o Miss May I talvez esteja prestes a realmente preencher um espaço?

Levi: É muito louco imaginar nossa banda como um legado e eu nunca teria pensado nisso! É insano, especialmente agora que temos bandas de abertura que são tão jovens que os primeiros discos que seus integrantes compraram foram os nossos. Conhecemos fãs nos 'meet and greet' que têm 12, 13 anos e falam: 'Meus pais me criaram com a sua música. Ouço vocês a vida toda', e eu fico incrédulo! Isso é muito estranho! (risos) Mas o mais legal disso tudo é que se trata do ponto mais confortável em que já estivemos enquanto banda, porque não precisamos nos preocupar em estarmos na moda ou não. As pessoas nos aceitam como somos, e essa é a melhor sensação. Quando começamos, queríamos ser notados e tentamos de tudo, tocar em rádio e festas, experimentar, mas, no fim das contas, as pessoas querem mesmo é o que somos de verdade. Isso parece óbvio, mas não é tão claro mas quando se é muito jovem. É como crianças que não dão ouvidos aos pais (risos). As pessoas podem falar cem vezes, mas você só vai aprender fazendo sozinho.

E já se passaram dez anos desde a primeira visita de Miss May I ao Brasil. Quais são suas lembranças dos shows aqui em 2012?

Levi: Olha, vou lhe contar uma coisa: o show em São Paulo foi o primeiro em que chorei no palco. O público cantou tão alto que eu não conseguia ouvir meu retorno, e isso me fez chorar igual criança! (risos) Era a nossa primeira vez no país, e todos os shows foram esgotados, todos nos trataram tão bem, e fiquei chocado pensando: 'Viemos de tão longe, e nem imaginava que vocês sabiam da nossa existência!'. Foi surpreendente! E como na América do Sul os fãs são muito mais empolgados, nos disseram para usar disfarces quando precisássemos sair... Éramos nós, Asking Alexandria e Chelsea Grin, e como tenho cabelo comprido, especialmente, e os caras do Asking têm um sotaque forte, então todo mundo percebia. Colocamos nossos disfarces e fomos a uma cafeteria, mas alguém do Asking abriu a boca e nos entregou! (risos) Um garoto percebeu, saiu correndo, e quando nos viramos havia uma horda de jovens amontoados na porta enquanto segurávamos copos com café quente. Nosso empresário estava junto, e ele é um cara grande, então se virou para nós e disse: 'Vocês estão prontos?', assim passamos correndo, segurando café quente e tentando falar com todo mundo enquanto corríamos! (risos) Não é que não queríamos falar com aquelas pessoas, mas estávamos com uma agenda muito apertada. Essa foi a primeira vez que algo assim aconteceu conosco. Pessoas perseguindo nosso ônibus enquanto voltávamos para o hotel... Cara, eu me senti um pouco como Justin Bieber! (gargalhadas)

HIDDEN TRACKS

DARKSEED

Por Ricardo Batalha

A banda alemã Darkseed, que estreou nos palcos há exatos trinta anos, iniciou sua jornada quando os vizinhos e amigos Stefan Hertrich e Harald Winkler resolveram montar um grupo de metal. No final de 1991, Hertrich ganhou seu primeiro baixo e Winkler, a primeira bateria. Sem uma formação fixa, alternavam covers de Metallica e Venom com músicas autorais, ainda sem muita identidade. Stefan então ganhou a guitarra de seu pai, uma velha Framus Strat dos anos 60 – nela, compôs todas as músicas da banda até 1997, incluindo o álbum *Spellcraft*. Porém, quem assumiu as guitarras em agosto de 1992 foi Jacek Dworok. Seu professor, Christian Bystron (Megaherz, Betray My Secrets), tinha um pequeno estúdio, onde foi gravada a primeira demo-tape, *Sharing the Grave*.

Darkseed iniciou a carreira no death metal, mas se fixou no gothic metal

Divulgação

Até então, a banda não tinha um nome, mas durante as gravações da demo Winkler sugeriu Darkseed. A inspiração veio de Dark Seed, um game de computador com uma arte de H. R. Giger lançado pela finada Cyberdreams naquele ano.

A formação foi completada no início de 1993, fixando-se com Stefan Hertrich (vocal e baixo), Jacek Dworok e Tarkan Dural (guitarras) e Harald Winkler (bateria), que entraram novamente no estúdio de Bystron para gravar a segunda demo, *Darksome Thoughts*. Com isso, o Darkseed despertou o interesse de algumas gravadoras, mas logo a formação foi alterada com a entrada de Andi Wecker no posto de Tarkan.

Na sequência, em abril de 1994, o grupo lançou o EP *Romantic Tales* pela Invasion Records. Uma das quatro faixas, *A Charm for Sound Sleeping*, acabou sendo regravada em 1996 para o álbum *Spellcraft* sob o título *Walk in Me*.

Tudo parecia ir bem e os shows seguiam atraindo atenção, mas novamente os problemas de formação atrapalharam a sequência. Hertrich seguiu compondo até que Harald retornou e eles novamente entraram em estúdio. O projeto foi abortado, mas em novembro de 1995 vieram Andy Wecker e Tommy Herrmann (guitarras) e Rico Galvagno (baixo).

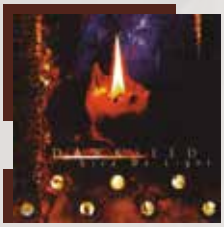
Com um contrato assinado com a Serenades Records saiu, em maio de 1996, o debut *Midnight Solemnly Dance*, que juntou as músicas de *Romantic Tales Part II* com outras novas, gravadas em agosto de 1995. A coisa melhorou com o contrato com a Nuclear Blast, shows com Moonspell, Samael e Crematory, que antecederam o lançamento de *Spellcraft*. Porém, quando foram fazer um show privado para a Nuclear Blast, o saudoso Wecker estava tão bêbado que danificou algumas coisas no hotel e nos bastidores. Andy foi expulso e Winkler também resolveu sair. Stefan, Tommy e Rico então recrutaram Daniel Kirstein (guitarra) e Willy Wurm, baterista da antiga banda de Tommy e Rico. Os músicos gravaram quinze faixas, sendo que dez foram selecionadas para *Spellcraft*, lançado em março de 1997.

Após algumas turnês, em dezembro Kirstein saiu e a banda levou meio ano para conseguir um novo guitarrista. Assim, fez apenas um show entre dezembro de 1997 e agosto de 1998, no "Mind Over Matter" (AUS) com Blind Guardian, Dimmu Borgir, Mayhem e outros.

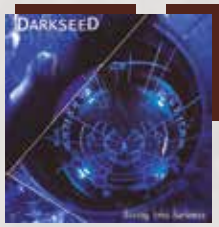
Finalmente, em julho de 1998, Tom Gilcher se juntou à banda e, em meados de agosto, o grupo registrou o álbum *Give Me Light* (1999). Ainda em 1999, iniciaram as composições para o maior salto da carreira, com *Diving into Darkness*, trabalho no qual o Darkseed se moldou e evolui artisticamente no gothic metal com elementos eletrônicos e ainda mantendo a agressividade.

Os trabalhos seguintes, *Astral Adventures* (2003) e *Ultimate Darkness* (2005), mantiveram a mesma linha, mas a banda não realizou muitos shows e turnês. Assim, em 2006, Hertrich e o baixista Martin Motnik, hoje no Accept, deixaram a banda, que só retornou em 2010, com *Poison Awaits*, que trouxe uma formação completamente diferente e com o baterista Harald Winkler assumindo os vocais. Não deu em nada e em 2012 saiu a coletânea *Astral Darkness Awaits*, até então o último registro do Darkseed, que anunciou em fevereiro de 2015 que a banda faria uma pausa.

Um dos fundadores, Stefan Hertrich, que depois foi para o Shiva in Exile, também trabalhou ao lado de Tommy Herrmann em trilhas para games, justamente onde tudo começou. "Trabalhamos nesta área faz muito tempo e, além disso, fazemos a tradução dos games do inglês para o alemão e testes de novos jogos para as empresas", declarou certa vez Hertrich à ROADIE CREW.



Give Me Light (1999)



Diving into Darkness (2000)

Astral Adventures (2003)

ORIGEM:
Alemanha

ÉPOCA:
Anos 90

ESTILO:
Gothic metal

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Stefan Hertrich (vocal), Thomas Herrmann e Andi Wecker (guitarras), Rico Galvagno (baixo) e Harald Winkler (bateria)

DISCOGRAFIA:
Midnight Solemnly Dance (1996), Spellcraft (1997), Give Me Light (1999), Diving into Darkness (2000), Astral Adventures (2003), Ultimate Darkness (2005) e Poison Awaits (2010)

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

ALYRIA

HEIRESS

HEIRESS
NOVO ÁLBUM (2023)

SAINTS OF SIN
SINGLE (2022)

O encontro caótico entre a Fantasia Sombria e o Metal Extremo sinfônico. O projeto conceitual que promete unir a música à literatura de ficção, fantasia e horror autorais.

Explore o mundo de Alyiria e desbrave os horrores que assolam essa terra amaldiçoada através de 8 músicas que vão agradar desde o fã de Nightwish e Dream Theater ao de Fleshgod Apocalypse, Septicflesh e Dimmu Borgir.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon Prime Music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com

Rachel Bolan e Erik Grönwall mostram, ao falar do caminho até o novo álbum, como o Skid Row recuperou o espírito de união dos primeiros anos

Por Daniel Dutra

O Skid Row havia acabado de passar o som para o show que faria em Nottingham (ING), no dia 25 de outubro, e o baixista Rachel Bolan tinha se dirigido ao camarim para falar com a ROADIE CREW. Quando a tela do Zoom se abriu, ao seu lado estava o vocalista Erik Grönwall, e a agradável surpresa foi ampliada por um papo que confirmou o momento mágico que a banda vive depois de quase quatro décadas de estrada. Com um álbum, *The Gang's All Here* (2022), aclamado por público e crítica, o quinteto - completado pelos guitarristas Dave "The Snake" Sabo e Scotti Hill e pelo batera Rob Hammersmith – vem ao Brasil em 2023, para o Summer Breeze, e Bolan e Grönwall mostraram o que os fãs vão encontrar em cima do palco: um clima leve, bem-humorado e de muitos sorrisos. Isso além dos clássicos e de novas músicas que fazem jus ao passado.

Como vocês estão depois desses últimos dois anos, especialmente com a retomada dos shows?

Erik Grönwall: Vou lhe dizer uma coisa: é ótimo estar de volta! Foram dois anos muito loucos, mas é ótimo estar de volta com as turnês! É bom demais voltar a tocar ao vivo e reencontrar o público, e a vida está muito melhor para mim agora do que estava antes! (risos) Como você sabe, eu fui diagnosticado com câncer no ano passado, mas, cinco meses depois do meu transplante de medula, virei o vocalista do Skid Row e fiz meu primeiro show com a banda em Las Vegas, abrindo para o Scorpions!

Rachel Bolan: Isso foi muito foda!

Erik: Sim, e é um bom roteiro de filme! (risos)

Rachel: As coisas estão realmente boas com o novo disco lançado. Temos uma nova energia desde que o Erik entrou na banda, e agora sinto como se estivéssemos num foguete. Demorou bastante tempo para fazermos esse álbum, e o fizemos duas vezes, mas agora estamos exatamente onde queríamos estar. Todos cinco integrantes. Sinto como se tivéssemos sido lançados ao espaço, porque estamos nos movendo muito rápido!

De fato, e eu preciso contextualizar: Tony Harnell (TNT) ficou menos de um ano na banda, ZP Theart (ex-Tank e Dragonforce) ficou por seis anos, e então Erik não apenas já estava em turnê como também gravou o novo álbum em tempo recorde. Eu diria que o Skid Row tirou a sorte grande com ele, mas é mesmo impressionante como tudo aconteceu rápido...

Erik: Estamos em turnê pela Europa agora, gravamos um disco e fizemos uns 50 shows, sendo que estou na banda há apenas oito meses! Ah, sim: gravamos dois videoclipes e já começamos a compor novas músicas para um novo disco. Gosto desse ritmo, mas acho que estarei destruído quando dezembro chegar! (risos)

Rachel: Nós terminaremos a turnê no meio de dezembro, na Austrália, e então entraremos de férias até o início de março, quando as turnês recomeçarão. Nesse período sem shows, pretendemos criar, compor músicas e planejar uma nova turnê. É mesmo muito bom estar em movimento no ritmo em que estamos.

E depois de seis anos com ZP, qual foi o momento-chave para uma mudança? Quando e por que vocês perceberam que Erik era o cara certo?

Rachel: Acredito que foi quando o H.E.A.T abriu para nós (risos). Quando eles estavam no palco, nos olhamos e dissemos: 'Uau! Esse cara realmente consegue

cantar!', e todos nós viramos fãs. Quando chegamos ao ponto em que sabíamos que teríamos de fazer uma mudança, Erik estava no topo da lista. Sabíamos que ele estava passando por problemas de saúde, mas estávamos certos de que ele era o cara que queríamos e precisávamos. Não havia plano B, então mandei uma mensagem no Instagram, e ele respondeu rapidamente. Passamos a nos falar por e-mail e, depois, via Zoom, conversamos sobre um monte de coisas, e Erik me explicou o que estava acontecendo na vida dele. Dei a ele algumas dicas sobre algumas coisas, e isso virou uma bola de neve até o ponto em que perguntamos se queria entrar para a banda. Erik respondeu que sim, então mandamos todas as músicas do disco, e ele gravou 80% das músicas antes que chegássemos a Las Vegas. Entre nós quatro e o nosso produtor, Nick Raskulinecz, não havia outro nome. Nick disse: 'Coloquem esse cara num avião agora mesmo!', e respondemos: 'Não sabemos se ele está em condições de pegar um avião agora, cara!' (risos). Então, Nick decidiu que gravaríamos remotamente, e os dois ficaram em contato para que isso acontecesse.

Erik: A primeira coisa que eu fiz foi contar para a minha esposa: 'Recebi uma mensagem do Rachel Bolan...', e ela deu um grito: 'Ele quer saber se você pode entrar na banda?!' (risos), aí eu disse: 'Vá com calma!' (risos). Eu estava bastante nervoso na nossa primeira conversa, porque não sabia bem o que esperar e fiquei pensando nas possibilidades. Primeiro, Rachel perguntou se eu poderia fazer alguns shows, mas depois mandou as músicas do *The Gang's All Here* e perguntou se eu poderia gravar alguns vocais... Bom, foi quando eu pensei: 'Ok, talvez essa seja o meu teste' (N.R.: Bolan ri e balança positivamente a cabeça). Gravei os vocais e mandei para eles, que depois ligaram perguntando se eu queria entrar para a banda.

Rachel: Foi como um pedido de casamento (risos).

Erik: E nós nunca havíamos nos conhecido pessoalmente. O H.E.A.T abriu para o Skid Row, mas nunca tínhamos nos falado.

Vocês tinham um álbum composto e à espera dos vocais, então acredito que foi o ponto certo para se separar do ZP. Mas ele percebeu que sairia da banda?

Rachel: Havia alguns vocais primários nas demos, alguns que o ZP gravou, outros que eu gravei. Não sabemos quem percebeu o quê, mas às vezes as pessoas começam a pensar de maneiras diferentes. Em uma banda, isso acontece quando todos os membros não têm a mesma forma de agir e não têm os mesmos objetivos. É difícil quando acontece, e isso ficou muito evidente, então Snake ligou para o ZP. Eles conversaram numa boa e desligaram o telefone sem animosidade, sem gritaria. Ele queria seguir o caminho dele, e nós queríamos seguir o nosso. Desejamos tudo de bom a ele. A verdade é que isso é o tipo de coisa que acontece o tempo todo, tanto na música quanto em outros negócios. Não é nada pessoal.

Erik: Sabe, 50% dos casamentos acabam em divórcio. Acontece em todo lugar! (risos)

Conheço Erik do H.E.A.T, o entrevistei duas vezes e sabia que ele faria um trabalho excelente, mas fiquei impressionado que a banda o conheceu pessoalmente apenas dois dias antes do primeiro show. Você teve alguma preocupação, medo ou dúvida de que talvez a banda estivesse se arriscando demais?

Rachel: Acredito que todos cinco se sentiram assim. Erik sempre diz que nos arriscamos com ele, mas, na verdade, nós nos arriscamos com um, e ele se arriscou com quatro! (risos) Nunca sabemos o que vai acontecer, é claro, mas tínhamos uma intuição muito boa de que tudo se encaixaria perfeitamente. E as coisas se encaixaram perfeitamente sem remendo e muito rápido! Nós todos temos a mesma ética de trabalho, os mesmos objetivos em mente e o mesmo senso de humor ridículo (risos)... Isso pode parecer uma besteira, mas é muito importante! Não houve estranheza em nenhum momento, e foi uma ótima experiência. Pessoalmente, devo dizer que eu estava estressado com a possibilidade de o Erik chegar e não nos darmos bem com ele. Esse era o medo que ficava na minha cabeça, mas depois de falar várias vezes com Erik via Zoom, comentei com a minha namorada que ele parecia ser um cara bem tranquilo, fácil de lidar e que só quer criar, e ela disse: 'Bem, é meio como você gosta, certo?' (risos). Ou seja, eu estava estressado por nada! Assim que nos reunimos na mesma sala, nos demos muito bem. Quando começamos a tocar, todos se olharam dizendo 'Sim! Isso vai dar certo!'

THE GANG'S ALL HERE
earMusic/Shinigami - Nac.

Dito isso, vocês esperavam uma reação tão positiva por parte dos fãs? Porque a recepção tem sido incrível...

Erik: Eu não sabia o que esperar, mas serei totalmente sincero: isso não me importa. Da minha perspectiva, por tudo que tive de enfrentar no ano passado, eu tenho hoje a oportunidade de acordar todos os dias. O que as pessoas pensam sobre mim realmente não me importa. E se já era uma bênção poder acordar, agora eu acordo sendo o vocalista do Skid Row! Isso é tudo para mim. Eu tive uma segunda chance de viver e farei valer a pena. (N.R.: Bolan abre um enorme sorriso de aprovação) Vou cantar da melhor maneira até que eu não possa cantar mais, e se as pessoas gostarem, melhor ainda. Comecei a cantar para satisfazer a mim mesmo, não para agradar a outras pessoas, então se elas gostam, são bem-vindas. Aqui é só amor. Receber tantos comentários positivos foi sensacional, um bônus, e eu adorei, mas meu foco aqui é fazer um bom trabalho. E vou manter assim.

Rachel: É exatamente como Erik disse. É muito bom e um bônus receber esse tipo de retorno dos fãs. Depois de tantos anos com o Skid Row, vê-los terem essa reação de abraçar as músicas novas, abraçar o Erik... Cara, isso causou uma sensação muito boa em todos nós.

Há três razões para eu ter feito aquela pergunta. A primeira é porque vi o Skid Row com Johnny Solinger no KISS Kruise II, em 2012, e assisti a muitos vídeos com Tony Harnell e ZP, mas, verdade seja dita, não me lembro de ver Rachel, Scotti e Dave tão felizes no palco como agora...

Erik: Mas isso é dentro e, também, fora do palco! Nós temos nos divertido muito, e percebo que os fãs também estão se divertindo. Esse é o melhor dos mundos.

Rachel: É uma energia diferente agora. Quando Rob Hammersmith, nosso baterista, entrou para a banda, ele nos elevou musicalmente, porque é um baterista muito sólido e nos fez suar nossas camisas. Agora, com Erik trazendo todo o seu talento e reenergizando nós quatro, muitos amigos meus têm falado para mim: 'Não via você sorrindo assim no palco há anos! Na verdade, acho que nunca o vi sorrir!' (risos). Todas as pessoas que nos rodeiam, nossos familiares, amigos, colegas, todos dizem que a sensação que vem do palco é a de que somos um grupo

de amigos que amam o que fazem, e é exatamente isso!

E os comentários dos fãs nas redes sociais são o segundo motivo. É legal ver quantas pessoas não apenas estão impressionadas com Erik, mas que também dizem que começaram a ouvir Skid Row novamente...

Erik: É muito comum os fãs nos marcarem em alguns posts, então eu acabo lendo alguns, mas, para ser sincero, eu não esperava que os comentários seriam tão positivos! (risos) É esmagador às vezes, mas é muito bom!

Rachel: Honestamente, eu não entro nas seções de comentários, mas eventualmente leio um ou outro que me mandam, e é mesmo fantástico o que os fãs têm falado!

Erik: Teve um muito bom sobre a noite passada! Um cara chegou para mim e disse: 'Esse foi o meu primeiro show do Skid Row, e resolvi comprar o ingresso depois de ouvir a música *The Gang's All Here* no rádio'. Cara, isso foi muito foda de escutar! Há muitas pessoas indo aos shows porque gostaram das músicas novas, também!

Rachel: Somos a mais nova velha banda que existe! (risos) Estamos tocando as mesmas músicas, mas acontece que fazemos isso com uma nova energia. E ter um novo disco, com novas músicas de fato, é um timing perfeito.

E a razão final: o papo de reunião vindo de Sebastian Bach, na maioria de suas entrevistas, foi deixado de lado. Como ele não falou mais nada, eu diria que percebeu que é melhor esquecer essa ideia de reviver o passado...

Erik: Bom, este é o momento em que eu me calo! (gargalhadas)

Rachel: (rindo) Sabe, as coisas são como são, e tem bastante rock'n'roll para todo mundo. Estamos fazendo o nosso, e fazendo bem, então será assim para o resto das nossas vidas. Algumas pessoas têm medo de mudanças, mas se eu tivesse medo de mudanças, jamais teria escutado o *Back in Black*.

E vamos falar *The Gang's All Here*. Minha primeira impressão foi que seria a continuação perfeita de *Slave to the Grind* (1991), mas agora o vejo como uma mistura atualizada dos dois primeiros álbuns, a transição de um para o outro. É o melhor dos dois mundos. Isso faz sentido para vocês?

Rachel: Com certeza!

Erik: Eu concordo! (N.R.: enquanto Bolan não esconde o sorriso de satisfação, Grönwall faz um coração com as mãos).

Rachel: E temos que dar o crédito disso ao Nick, nosso produtor. Ele era fã da banda antes de ser chamado para trabalhar no álbum, então se lembrou dos momentos de quando ouviu nossos primeiros discos, de estar com os amigos curtindo os LPs, e cada música é como uma fotografia do tempo. A abordagem do Nick foi o que disse para nós: 'Quero fazer o disco mais foda do Skid Row que eu gostaria de ouvir como fã'. Ele nos ajudou a rever os nossos próprios passos, o que não é tão simples quanto parece. Estamos na estrada há muitos anos, e voltar no tempo e tentar lembrar sua maneira de pensar naquela época é mais fácil para quem ouviu os discos com a perspectiva do fã. Lembro-me exatamente de onde eu estava e com quem eu estava na primeira vez que eu ouvi *Rock and Roll All Nite*, mas os caras do KISS provavelmente não se lembram. Paul Stanley e Gene Simmons se lembram de compor o disco, mas eles têm vivido isso há quase 50 anos. Para o ouvinte é uma coisa, para o artista é outra. Como Nick é fã, ele conseguiu nos levar de volta e nos transformou em garotos de 21 anos, ou seja, a idade que tínhamos no nosso primeiro disco (N.R: *Skid Row*, de 1989). Ele fez isso, e o crédito é todo dele. Nós apenas confiamos totalmente a nossa música ao Nick, que apontava as coisas para nós: 'Vocês precisam ser mais Skid Row! E não é soar Skid Row, mas ser Skid Row!', e isso fez todo sentido. Em algum momento, eu disse 'Não sei do que ele está falando!', mas de repente, na pré-produção, houve um clique, e eu entendi. Isso foi antes de o Erik se juntar a nós, porque, quando Erik chegou, Nick já estava muito animado com a ideia de tê-lo na banda, e dizia: 'Eu quero que esse cara entre aqui, chute o pedestal, pegue o microfone nas mãos e rasgue essas músicas todas!', e aí está o cara! (risos)

Quando chegamos ao ponto em que sabíamos que teríamos de fazer uma mudança, Erik estava no topo da lista.
Rachel Bolan

E você tem a perspectiva de fã do Skid Row, Erik...

Erik: Exatamente! Quando ouvi as músicas, eu já sabia o que queria fazer com elas. Nick é um perfeccionista, e às vezes nós fazemos 'takes' que são muito bons, soam bem, e então queremos seguir para a próxima música. Eu fazia isso e mandava para o Nick, e ele me ligava falando: 'Sabe aquela última nota? Você tem que cantá-la mais alto e por mais tempo!' ou 'Agora eu quero que você dobre!' ou 'Agora, quero que triplique!', e eu só dizia: 'Ah, meu Deus!' (risos). O fato é que ele trouxe o melhor de mim para fora, porque ouve tudo e se lembra de tudo...

Rachel: É realmente incrível! Nick se lembra de tudo, tipo 'você cantou fora do tom ali'! (risos)

Erik: Eu e Rachel tivemos mais ou menos a mesma conversa pelo WhatsApp. Eu perguntava: 'Isso está bom?', e ele respondia: 'Faz lá lalalá em vez de lalá lá lá', e foi assim que fizemos *The Gang's All Here*, o que é uma loucura! (risos)

Rachel: E lembrando agora como foi, digo que nunca mais quero fazer dessa forma novamente! (risos)

De qualquer maneira, é relevante lembrar que os dois principais compositores, Rachel e Snake, ainda estão na banda, e isso explica por que *Time Bomb* poderia estar em *Slave to the Grind*, ou que *The Ligths Come on* poderia ser uma das melhores de *Skid Row*...

Rachel: É verdade, porque fomos Snake e eu que levamos um monte de músicas para o Nick, e acho que tem mais umas dez além das que estão no disco. Vou lhe contar uma história: mostrei uma que compus e que achava ótima, mas quando a toquei, ele disse: 'Essa é horrível. Tem outra?' (risos), porque Nick ouvia as canções e dizia: 'Quero mais! Pensa no que você fez no primeiro disco'. Ele dava exemplos de músicas que fizeram com que nos lembrássemos de como costumávamos tocar, de quais são as raízes de como tocávamos. Nick resgatou o Skid Row que naturalmente está dentro de nós. Outras pessoas também já nos disseram que *The Gang's All Here* soa como um disco que estaria entre os dois primeiros, mas que soa moderno, então não é uma tentativa nossa de recuperar aquela época. A intenção não era requentar coisas velhas, mas voltar a ser o Skid Row, a banda com riffs thrash e letras que o fazem sorrir, querer tomar uma ou entrar numa briga (risos). São aquelas melodias que grudam na sua cabeça, e esse cara trouxe tudo isso de volta à vida!

Você tocou em dois pontos que eu havia destacado aqui. Por exemplo, *October's Song* é uma balada, mas não é nada como *18 and Life* ou *I Remember You*. Ou seja, é o Skid Row seguindo em frente...

Rachel: Isso! E é uma música que tem sido muito notada. Muita gente fala sobre ela conosco, e isso é muito legal. O riff é um que o Snake tinha guardado há algum tempo, e o Scotti nos deu uma dura: 'Será que vocês dois podem sentar e escrever uma música com esse riff, pelo amor de Deus?!' (risos) Foi o que fizemos, e assim nascei *October's Song*.

E há as melodias que você mencionou, presentes, por exemplo, em *Not Dead*

***Yet*, *Tear it Down* e na faixa-título, e que colocam um sorriso no rosto do fã. São as melodias cantadas pelo Erik ao mesmo tempo em que os backing vocals acompanham com melodias diferentes, e ninguém faz isso melhor do que o Skid Row.**

Rachel: Obrigado pelas palavras e pela observação, porque essas três músicas que você mencionou são a quintessência do estilo do Skid Row. Às vezes somos barulhentos e arrogantes, no limite do punk, só que em outras vezes somos mais melódicos. Elas têm backing vocals agressivos com alguma harmonia no meio, mas muito poderosos e bem na cara de quem ouve!

Erik: No geral, eu já sabia o que queria adicionar do meu toque pessoal às músicas, sabia o que queria fazer, mas sempre soando como Skid Row 'old school'. Imaginei que poderia agregar valor às canções, e esses caras foram muito legais comigo desde o primeiro dia, ao me deixarem fazer do meu jeito.

Uma pergunta mais pessoal, Erik: como foi cantar *18 and Life* pela primeira vez com o Skid Row?

Erik: (abre um grande sorriso) A primeira vez que tocamos *18 and Life* no palco... Eu ouvi muito Skid Row quando comecei a tocar e cantar, você sabe disso! (risos), mas para quem não sabe, eu cantei *18 and Life* quando fiz o teste para a versão sueca do "Idol" e também a tocava ao vivo quando fazia shows solo (N.R.: Grönwall venceu o reality show, em 2009). Na primeira vez com a banda, eu disse algo como 'Vocês têm noção do que é estar aqui no palco cantando com o Skid Row a música que iniciou a minha carreira?', e alguém no YouTube comentou: 'Por acaso, ele citou o texto daquele filme "Rock Star""? (risos) Eu nem percebi, mas é verdade que eu cresci ouvindo esses caras e tinha pôsteres deles nas paredes (gargalhadas). Isso é surreal, e eu ainda me arrepio! Nós tocamos em Londres na noite passada, e às vezes eu me dava conta tipo 'Espera! Eu estou no Skid Row!', e ficava arrepiado de novo. É esse o sentimento, cara!

E o Skid Row está finalmente voltando ao Brasil, para a primeira edição do festival Summer Breeze no país, em 2023. Quais são as expectativas?

Rachel: Vi um pôster on-line e sei que há muitas bandas! Tocaremos o máximo de músicas que pudermos, então vocês vão ouvir as que esperam ouvir e, também, canções novas. Mais do que isso, verão toda a energia que temos para apresentar. (N.R.: apontando para Grönwall) Caras velhos como nós têm que acompanhar esse cara aqui! (risos)

Erik: Desde o primeiro disco que lancei com o H.E.A.T (N.R.: *Address the Nation*, em 2012), ouço os fãs falando 'Venham para o Brasil!', então perguntava por que não fazíamos shows aí? Nunca aconteceu, mas agora estamos imensamente animados com isso.

Rachel: Não podemos prometer, mas estamos trabalhando para fazer mais datas no país.

Erik: Aliás, sei que o H.E.A.T também vai tocar, então liguei para o Jona (Tee), tecladista da banda, e estamos pensando em pegar o mesmo voo para que possamos ir bebendo até o Brasil! (risos)

Rob Hammersmith, Scotti Hill, Erik Grönwall, Rachel Bolan e Dave "The Snake" Sabo: veteranos rejuvenescidos pelo novato e talentoso vocalista

Jenny Risher

(...) se já era uma bênção poder acordar, agora eu acordo sendo o vocalista do Skid Row! Isso é tudo para mim. Eu tive uma segunda chance de viver e farei valer a pena.
Erik Grönwall

Grave Digger

A Nova Cruzada

Chris Boltendahl fala da comemoração atrasada dos 40 anos da banda alemã, da volta ao passado no conceito do novo álbum e da vinda ao Brasil no Summer Breeze

Por Daniel Dutra

A pandemia fez com que o Grave Digger voltasse a cair na estrada com dois discos cheirando a novo para mostrar aos fãs, e o recém-lançado *Symbol of Eternity*, o 21º de estúdio, é a trilha sonora atualizada de uma banda com mais de 40 anos de serviços prestados ao heavy metal. Uma amostra do que Chris Boltendahl (vocal), Axel Ritt (guitarra), Jens Becker (baixo) e Marcus Kniep (bateria) vão trazer ao Brasil em abril de 2023, na primeira edição nacional do festival Summer Breeze. Com a palavra, Boltendhal.

Antes de abordarmos *Symbol of Eternity*, gostaria de voltar um pouco no tempo, porque é importante falar sobre *Fields of Blood* (2020). Como foi ter de lançá-lo durante os estágios iniciais da pandemia?

Chris Boltendahl: Por um lado, nós fizemos um ótimo disco; por outro, não podíamos gravar nenhum vídeo. Havíamos planejado uma grande filmagem na Escócia, com equipe e tudo, e tivemos que cancelar tudo rapidamente em função do lockdown. Acabamos fazendo uma espécie de 'lyric video' com filmagens de shows no Japão. Não era o que queríamos, mas foi o que deu pra fazer. Mas como tínhamos um disco muito bom em mãos, este ano fizemos o show comemorativo de 40 anos da banda nos festivais Rock Hard e Wacken. Não sei se você viu o nosso show no Wacken, mas tocamos com 65 gaitistas de fole!

Sim, mas vamos deixar os 40 anos do Grave Digger um pouco mais para frente (risos). Depois que vi o anúncio de *Symbol of Eternity*, a 'Middle Ages Trilogy' veio imediatamente à cabeça (N.R.: trata-se dos álbuns *Tunes of War*, de 1996; *Knights of the Cross*, 1998; e *Excalibur*, 1999). Quando você decidiu continuar a história das Cruzadas?

Chris: Existem muitas histórias boas em torno das Cruzadas. Quando fizemos *Knights of the Cross* (1998), nós lidamos com a História exatamente como ela é, mas no novo disco nós exploramos os segredos e as lendas dos Templários, indo ainda mais fundo no tema. Há muitas histórias sobre eles, sejam engraçadas, tristes ou perigosas, e eu sou um contador de histórias. Considero-me o Indiana Jones do heavy metal, porque sou o guardião dos segredos das letras do heavy metal (risos). Foi muito legal descobrir todas aquelas histórias interessantes e colocar um pouco da minha visão nelas. Ficou tudo compatível com o metal.

E a minha impressão sobre uma sequência à trilogia se confirmou depois que assisti aos videoclipes de *Hell is My Purgatory* e *King of the Kings*. Você não poupou esforços na hora de amarrar conceito ao visual...

Chris: Nós filmamos os dois vídeos no mesmo fim de semana, e foi o pior fim de semana do ano na Alemanha! Aliás, foi o pior dos últimos cinco anos! Fazia muito frio, com temperatura de -5ºC e nevando o dia todo, e estávamos congelando naquelas roupas! (risos) Por outro lado, se tivéssemos que contratar um ser-

viço de neve, pagaríamos uma fortuna, então aproveitamos porque conseguimos a neve de graça (risos). A história do primeiro vídeo é sobre Hugues de Payens, o mestre fundador dos Templários; e a do segundo, sobre Ricardo Coração de Leão, o famoso Rei da Inglaterra envolvido nas Cruzadas. Nosso baterista, Marcus, interpretou os papéis principais e os fez muito bem, porque parece um perfeito rei medieval! Os clipes ficaram ótimos, e eu adoro os dois.

Musicalmente, gostaria de destacar duas músicas que fogem ao padrão Grave Digger, e que por isso mesmo são as que achei mais interessantes. A primeira é *Battle Cry*, que me pegou de surpresa. Depois da introdução, eu esperava algo mais power metal melódico, mas ela é quase thrash metal. Sua voz, aliás, soa ainda mais raivosa...

Chris: Cara, eu gosto muito! *Battle Cry* é uma canção muito rápida, mas se por um lado é desse jeito e meio thrash, realmente, por outro tem um refrão que queima o seu cérebro já na segunda vez que você a escuta. É um muito bom. Estou muito orgulhoso dela. A guitarra vai diretamente na sua cara, e a música toda é muito compacta, porque começa veloz e o deixa sem fôlego até entrar *Hell is My Purgatory*, que vem em seguida. São duas faixas que chegam como um soco na cara, e eu vejo as três primeiras do disco como uma máquina a vapor. Elas vêm para cima como uma tempestade, e na sequência nós diminuímos um pouco a velocidade, com *Symbol of Eternity*, para pegarmos fôlego e começarmos novamente a corrida com o bumbo duplo de *Nights of Jerusalem*. A partir daí, o disco segue por uma direção diferente, com material do calibre de *Heart of a Warrior*, *Sky of Swords* e *Grace of God*, que são épicas e trazem teclados e refrãos grandiosos. A propósito, *Heart of a Warrior* será o próximo single.

Bom saber, e a apesar de você já ter resumido o álbum, eu preciso falar da faixa-título (risos). *Symbol of Eternity* acaba não se transformando na balada que ameaça ser, mas ainda assim é bem diferente do resto do disco. De fato, acho ótimo que você tenha feito algo fora da caixa para ser a música que dá nome ao trabalho, porque muitas pessoas esperariam uma música como *Hell is My Purgatory*...

Chris: Verdade, e nós mesmos dissemos 'Ok, essa é totalmente diferente das nossas outras faixas-título'. É como se fosse uma homenagem às bandas que amamos, como Black Sabbath e Led Zeppelin, porque eu quis compor uma música mais puxada para o doom metal, com um groove mais lento, só que com um refrão épico. De certa forma, todos nós buscamos a vida eterna, e aí temos o Santo Graal. Todas as histórias por trás do Santo Graal são um grande segredo: ele é feito de madeira ou de ouro cravejado de diamantes? É verdade que o sangue de Jesus Cristo foi coletado naquela taça? E onde está essa taça agora? Ninguém sabe. Sumiu junto com os Templários? Está escondido em Jerusalém? Ou seria apenas um símbolo da eternidade, uma figura de linguagem? A música tinha que se encaixar nesses questionamentos.

Pensar fora da caixa não é algo que vocês não tenham feito antes. Isso aconteceu com músicas como *My Final Flight* e *Zombie Dance*, esta uma das minhas favoritas da banda, e é interessante esse casamento do instrumental com a letra.

SYMBOL OF ETERNITY
Rock of Angel Records - Imp.

Chris: E *Zombie Dance* foi uma boa ideia! Queríamos compor uma música de festa que fosse heavy metal, e acredito que zumbis são sempre ótimos penetras de festas! (risos) Ela é boa para dançar, e a ideia era mesmo fazer uma música divertida. É claro que muitos fãs antigos nos chamaram de traidores do metal e coisas do tipo, mas, no fim das contas, se você for olhar nas reproduções do Spotify, *Zombie Dance* está no segundo lugar entre as nossas mais ouvidas! Creio que muita gente a ouve, mas não admite que gosta porque ela não é 'true!' (risos). Acho até que o Joey DeMaio adora essa música, mas ele jamais admitiria, porque ela não é 'true'! (gargalhadas)

Mudando o rumo da conversa para o seu relacionamento profissional e pessoal com Axel Ritt. Todos nós sabemos que houve alguns problemas no passado com Uwe Lulis e, especialmente, Manni Schmidt, mas meu ponto é: Axel está na banda há mais tempo do que qualquer outro guitarrista (N.R.: desde 2009). Posso dizer que você encontrou o seu perfeito parceiro no crime no Grave Digger?

Chris: Ah, sim! Axel e eu nos conhecemos há 25 anos, e pensei imediatamente nele quando Manni saiu. Perguntei se gostaria de entrar na banda, e ele topou na hora. Nós nos damos muito bem juntos, e ele consegue captar minhas ideias e as transformar em música, o que é muito legal! E essas ideias são trabalhadas em conjunto, porque nos encontramos no estúdio, Axel toca alguns esboços de canções para mim, eu digo as que acho que são um bom ponto de partida, e a partir disso trabalhamos juntos. Quando eu tenho um bom refrão, canto no telefone e envio o arquivo para ele, que coloca na música. Nós temos uma fluência muito boa de trabalho.

E temos Marcus Kniep, que fez um ótimo trabalho. A bateria em *King of the Kings* é incrível, por exemplo, e o que me surpreende é que ele já estava lá quando Stefan Arnold saiu. Como foi o processo de tê-lo dos teclados à bateria no Grave Digger?

Chris: Marcus começou conosco em 2009 como técnico de bateria, e quando HP (N.R.: o tecladista Hans Peter "H.P." Katzenburg) saiu da banda, ele Marcus passou para o palco, disfarçado com o figurino de ceifador. Quando Stefan decidiu nos deixar, comecei a pensar em como poderíamos substituí-lo e pensei em André Hilgers, ex-baterista do Rage, até que o Axel me disse: 'Chris, nós temos um baterista na banda!', e eu perguntei: 'Quem?'. Axel respondeu: 'Marcus!', e aí eu me lembrei: 'É claro que temos!' (risos). Ele tem um estilo diferente do Stefan, seu modo de tocar é um pouco mais progressivo e, também, mais jovial, enquanto Stefan está mais para o heavy metal clássico. Marcus também traz novos aspectos às músicas, e confesso que no começo eu estava meio hesitante se o estilo dele se encaixaria no Grave Digger, mas agora gosto bastante. Seu estilo soa muito bem na banda.

O Grave Digger vai tocar no Brasil em 2023, na primeira edição do Summer Breeze Festival no país. Qual é a expectativa e o que você está planejando?

Chris: Provavelmente faremos um bom apanhado de todos os discos e, é claro, tocaremos músicas do *Fields of Blood* e também de *Symbol of Eternity*. Não faltarão canções de *Excalibur*, *Heavy Metal Breakdown* (1984) e *Tunes of War*, então acredito que será um bom show.

Jens Howorka

Marcus Kniep, Axel Ritt, Chris Boltendahl e Jens Becker: o Grave Digger em busca dos contos perdidos

(...) é algo do qual me orgulho muito e que ninguém pode tirar de mim. Eu fiz esse álbum, e ele estará lá para sempre

Chris Boltendahl, sobre o clássico Heavy Metal Breakdown

Levaremos o nosso imenso backdrop, já que tocaremos no palco principal, e mal podemos esperar para voltar ao seu país! É uma grande honra para nós termos sido convidados para tocar na primeira edição do Summer Breeze aí... Não sei quais são as outras bandas, creio que o Avantasia está escalado, mas prometo aos nossos fãs brasileiros que faremos um grande show! Tocaremos às 12h, se não me engano, e teremos uma hora de apresentação, então faremos valer cada minuto. Somos uma banda muito forte ao vivo e iremos ao extremo!

Há três perguntas que eu gostaria de ter feito a você há dois anos, mas enfim... (risos) Se você tivesse que escolher três momentos de destaque para o Grave Digger nos últimos 40 anos, quais seriam?

Chris: O primeiro foi quando assinamos nosso contrato para o *Heavy Metal Breakdown*, porque me dei conta de que era um superstar e comemorei bebendo muito em Gladbeck, nossa cidade natal (risos). O segundo foi a atividade promocional para o *Tunes of War*, quando nos mudamos com um bando de jornalistas para a Escócia e visitamos os lugares por lá. E o terceiro, sem dúvida, é quando fizemos nosso show comemorativo de 30 anos no Wacken, com um gaitista de fole pela primeira vez.

E há alguma coisa que você... Não digo que se arrependa de ter feito, mas que gostaria de ter feito diferente?

Chris: Não. Eu não mudaria nada, honestamente, porque tudo me fez a pessoa que sou hoje. E acredito que sou uma pessoa com uma mente muito boa. Parei de beber, de fumar e de usar drogas há 22 anos, toco a minha música, e amo tocar heavy metal, e no momento estou trabalhando no meu disco solo com músicos alemãs totalmente diferentes, um guitarrista muito conhecido...

... Opa! Queremos nomes! (risos)

Chris: Mas isso é segredo! (risos) No momento, estamos no processo de gravação, e espero que essa fase termine até o fim do ano. Devemos lançá-lo ano que vem, antes do próximo verão (europeu), e será uma mistura de Grave Digger com Metal Church.

Considerando *Stronger Than Never* (1986), lançado como Digger, você gravou 21 álbuns de estúdio, três ao vivo, muitas coletâneas e EPs com o Grave Digger. Há mais por vir, mas se tivesse de escolher alguns desses trabalhos para representar a essência da banda, quais seriam? E por quê?

Chris: Começo com *Heavy Metal Breakdown*, porque éramos jovens, inocentes, só queríamos tocar heavy metal e nos sentimos como superstars... Só um minuto, por favor. (N.R.:Boltendahl atende ao telefone que tocava insistentemente). Eu também sou treinador de futebol, e o outro treinador do meu time tinha que me ligar justo agora! (risos) Bom, em seguida, escolho *Tunes of War*, por ser o nosso disco mais famoso, e eu sei que é clichê, mas vou escolher o novo álbum, *Symbol of Eternity*, por ser a minha primeira experiência masterizando e mixando um disco. Depois de tantos anos, fiquei muito orgulhoso por ter conseguido fazer isso sozinho! E tem *The Grave Digger* (2001), por ter sido nosso primeiro trabalho com o Manni, e eu o amo. Manni é um grande guitarrista. Esse álbum não foi muito bem comercialmente, mas tem uma atmosfera muito forte.

Verdade seja dita, Chris, eu deixaria *Heavy Metal Breakdown* fora da equação, porque é um disco emblemático na história do heavy metal. Então, 42 anos depois, como é saber que você conseguiu isso com um álbum de estreia?

Chris: Obrigado pelas palavras. E isso é algo do qual me orgulho muito e que ninguém pode tirar de mim. Eu fiz esse álbum, e ele estará lá para sempre.

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

KALLIMAH - UNCERTAIN MIRACLE
O NOVO SINGLE DA BANDA PAULISTANA DE METAL

PARTE FINAL DE UMA TRILOGIA QUE SE INICIOU COM A MÚSICA ***THE AGE OF FEAR*** CONTANDO A HISTÓRIA DE UM PERSONAGEM QUE CARREGA O MUNDO NAS COSTAS E SUPORTA MAIS PESO DO QUE É CAPAZ DE CARREGAR. EM ***REGRET*** ENFRENTA DEPRESSÃO, FICANDO SEM RUMO... MAS DECIDE ENFRENTAR A TUDO E À TODOS, MERGULHANDO EM CIRCUNSTÂNCIAS INCERTAS EM ***UNCERTAIN MIRACLE.***

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METALAGENCY Spotify DEEZER amazon Prime music Available on iTunes MS METAL RECORDS

foto: Edu Firmo anúncio: www.jduartedesign.com

COLLECTION

Por Valtemir Amler

Em comum com aquilo que aconteceu no Brasil nos anos 80, na Grécia o cenário metálico também parecia ter sido construído por um grupo de párias, basicamente um bando de adolescentes malucos por música extrema e que buscavam trilhar o caminho de seus ídolos – de preferência, adicionando ainda mais peso e extremismo à fórmula criada pelos precursores. Se por aqui tivemos Sarcófago, Vulcano e Sepultura mostrando como seria a versão brasileira do metal extremo, na Grécia eles também tiveram os seus precursores e também adicionaram uma cara única e facilmente reconhecível ao seu cenário. A despeito de vários outros nomes menos celebrados, bandas como Rotting Christ, Necromantia, Varathron e SepticFlesh foram fundamentais para a elaboração e consolidação da fórmula musical que hoje conhecemos como 'metal grego,' e por isso talvez serão para sempre os primeiros a serem lembrados. Surgido em 1990, em Atenas, o SepticFlesh é, dentre os seus pares, aquele que passou por maiores e mais profundas transformações ao longo das décadas, o que sempre valeu certa polêmica com seus primeiros fãs. Veremos essas transformações enquanto discutimos os discos abaixo, os mais notórios nessa longa jornada.

IMPERDÍVEIS

MYSTIC PLACES OF DAWN (1994)

Tratando-se de metal extremo, é quase lugar comum pegar o álbum de estreia de uma banda e colocá-lo em um pedestal, como um algo futuramente inalcançável e digno de adoração. E, em geral, há ótimos e justos motivos para isso acontecer. Com este primeiro álbum completo do então Septic Flesh (eles usaram as palavras separadas durante sua primeira era), as coisas funcionam justamente assim. O primeiro motivo para adorar esse disco é obviamente o peso absurdo e visceral que emana de cada acorde das guitarras de Christos Antoniou e Sotiris Vayenas e de cada vocalização gutural de Spiros Antoniou, que na época já se mostrava um dos melhores e mais confiáveis em todo o cenário. A densidade das composições, a qualidade das canções e a incrível ambientação, que é tão efetiva que você dificilmente acreditará que há uma bateria programada por quase todo o álbum, mas é exatamente isso que acontece: é apenas em *(Morpheus) The Dreamlord* que você ouve a bateria de Nick Adams (Dark Nova e ex-Impaler). Dentre os destaques, você não pode deixar de conferir *Pale Beauty of the Past*, com sua intro e ambientação quase cósmica em um andamento contido e lúgubre, as curtas e brutais *Return to Carthage* e *Behind the Iron Mask*, além da climática faixa-título e da minha favorita, *Crescent Moon*. Indispensável em qualquer coleção.

SUMERIAN DAEMONS (2003)

Passados quase dez anos do lançamento do debut, o Septic Flesh era uma banda diferente, mas não totalmente. Para começar, o núcleo criativo continuava nos irmãos Antoniou e em Sotiris Vayenas, o que garantia certa fidelidade aos antigos padrões. E isso viria a se confirmar ao longo de toda a trajetória da banda. Harmonias ricamente construídas, passagens atmosféricas repletas de emoção, melodias lúgubres e evocativas, uma eterna dualidade entre o terrificante e o absolutamente belo, tudo isso sempre fez parte do universo musical da banda de Atenas, então nada mais natural que a fonte original desses elementos passasse a ser mais e mais explorada ao longo dos anos. Assim como acontecera na mesma época com seus compatriotas do Rotting Christ, o Septic Flesh mergulhou profundamente na música gótica na segunda metade dos anos 90, e o auge dessa fase veio com o soberbo *Sumerian Daemons*, sexto completo de estúdio. Produzido por Fredrik Nordström (At the Gates, Dimmu Borgir, Arch Enemy e muitos outros) e com a banda atuando como um quinteto, o álbum destaca ainda os belos vocais convidados de Natalie Rassoulis, parceira de Christos e Sotiris no Chaostar. Como destaques, confira o acento pop bem dosado em *Unbeliever*, o apelo gótico/sinfônico em *Virtues of the Beast* e o clima dramático de *Magic Loves Infinity*.

EXCELENTES

ESOPTRON (1995)

É engraçado pensar que eles estavam fazendo praticamente tudo certo em seu álbum de estreia e que iriam arriscar uma mudança tão grande já no ano seguinte, mas foi exatamente isso que aconteceu. Embora mantivessem o som calcado no death metal e a bateria programada ainda fosse o caminho escolhido para facilitar as coisas, os irmãos Antoniou não tiveram a companhia de Vayenas neste registro, o que parecia um mau sinal. Além disso, você colocava o álbum para rodar e tão logo acabava a introdução *Breaking the Inner Seal*, a faixa-título começava, evidenciado uma aproximação muito maior do progressivo, algo notado, mas não evidenciado, em *Mystic Places of Dawn*. Mas não era nada assustador, já que o metal extremo continuava reinando, assim como aquele clima lúgubre e até etéreo que permeava as composições – perceba isso na aura solene de *Burning Phoenix*, que ainda destaca ótimos vocais limpos.

A sonoridade suja e primitiva é garantida pela produção de M.W. Daoloth (nome real George Zacharopoulos, Thou Art Lord e Yoth Iria, ex-Rotting Christ e Necromantia), que confere brilho extra para um disco próximo da perfeição.

OPHIDIAN WHEEL (1997)

Como acabamos de ver, a experimentação sonora no álbum anterior havia sido bastante interessante e mesmo abraçada pelos fãs, mas nem por isso os Antoniou resolveram sentar confortavelmente sobre uma fórmula e seguir com ela. Também Sotiris Vayenas decidiu que não era mais hora de descansar e retornou para a banda nesse terceiro disco completo. E ele voltou com força total, assinando a autoria de quase todas as composições! Falando sobre as novidades trazidas especificamente para este disco, podemos afirmar sem nenhuma dúvida que foi nele que a alma gótica do Septic Flesh aflorou de vez. Você conseguirá perceber isso já nos teclados da faixa de abertura, *The Future Belongs to the Brave*, mas é mais garantido que sejam os vocais da soprano Natalie Rass-oulis nessa mesma faixa que deixarão a impressão mais duradoura. *Ophidian Wheel* também inaugurou a relação da banda com o produtor Lambros Sfiris (Varathron, Necromantia, Astarte, Nightfall etc.), que duraria pelos dois discos seguintes. Confira a grosseria de *Razor Blades of Guilt*, o clima imponente de *On the Topmost Step of the Earth* e o tom místico de *Shamanic Rite*.

THE GREAT MASS (2011)

Você coloca o disco para rolar, e literalmente, a primeira coisa que ouve são os vocais líricos, seguidos muito de perto por uma imensa e densa sinfonia, a cargo da Orquestra Filarmônica da Cidade de Praga. Certo, não era bem isso que esperávamos daquela banda que iniciou sua jornada com *Mystic Places of Dawn*, mas o fato é que a mesma *The Vampire from Nazareth* ganha tanto vigor e poder que sozinha já justificaria a presença deste *The Great Mass* nesta posição. Mas é óbvio que o disco ainda tem muito mais para oferecer, e já na sequência você tem a incrível mistura de atmosferas musicais e sentimentos em *A Great Mass of Death*, sucedida pela vibrante e fortemente melódica *Pyramid God*, e assim os elogios vão se sucedendo até o final com *Therianthropy*. Apesar de toda qualidade, e a despeito de a SepticFlesh ser uma das maiores bandas da Grécia, a situação econômica do país era tão grave naqueles dias que um dos principais compositores, Sotiris Vayenas, simplesmente não pôde acompanhar o grupo em sua turnê mundial. Gravado em três diferentes países (Grécia, Suécia e República Tcheca), *The Great Mass* foi produzido por Peter Tägtgren.

BONS

COMMUNION (2008)

Não é nada inédito na história da música, mas tampouco é algo que você costuma assistir todos os dias: em 2003, eles lançaram *Sumerian Daemons*, um dos seus melhores discos, e naquele mesmo ano o Septic Flesh simplesmente se separou. Daí, cada um foi para o seu lado. Os irmãos Antoniou seguiram adiante com a banda The Devilworx, com uma proposta musical bem diferente. Sotiris basicamente seguiu com o Chaostar, e assim as coisas se arrastaram até o retorno em 2007. Gravado em setembro de 2007 no estúdio Fredman (SUE) com Fredrik Nordström, o mesmo que havia produzido os dois álbuns anteriores. *Communion* marca a estreia do baterista Fotis Benardo em um álbum da banda, e foi uma das primeiras grandes mostras do seu talento, que apareceu depois em discos de Necromantia, Chaostar e atualmente no Nightfall. Além da faixa-título, que ganhou um vídeo icônico, o álbum ainda

conta com algumas das melhores faixas da jornada dos gregos. *Annubis*, por exemplo, deveria ser usada como "porta de entrada" para novos fãs. Confira também a pesada *We the Gods* e a bela e variada *Sangreal*.

CODEX OMEGA (2017)

Quando uma banda está vivendo uma fase tão boa que parece que a melhor coisa é simplesmente deixar as coisas rolarem soltas, então você simplesmente deve deixar que elas fluam. É basicamente isso que vem acontecendo com o SepticFlesh desde o seu retorno, e, como poucos, eles têm sido muito hábeis em aproveitar o momento. *Codex Omega* é um belo exemplo disso. Comparado aos seus antecessores, ele não é inovador, não agrega milhares de elementos à trama musical da banda e segue aquela premissa básica resumida por Sotiris Vayenas a esse repórter: "Não nos preocupamos em tocar death, black ou symphonic metal. Nós nos preocupamos apenas com o sentimento. Se ele estiver correto, a música estará correta. Encontraremos o que for necessário para que tudo funcione." Simples assim. Produzido pelo sueco Jens Bogren e com a bateria do austríaco Kerim "Krimh" Lechner (ex-Decapitated),

teve como carros-chefes *Portraits of a Headless Man*, *Martyr* e *Enemy of Truth*, mas as minhas favoritas são *Our Church Below the Sea* e *The Gospels of Fear*, além do encerramento sensacional com *Trinity*.

CUIDADO

REVOLUTION DNA (1999)

Se acabamos de afirmar que em *Codex Omega* eles não tentaram se reinventar, não podemos dizer o mesmo deste *Revolution DNA*. Muito pelo contrário, já que realmente existem muitas inovações para serem notadas aqui. Primeiro, há de se destacar uma grande diferença na abordagem das vozes: aqueles belos vocais líricos femininos que ouvimos nos álbuns anteriores perderam totalmente seu espaço, sendo substituídos por uma gama maior de vocais masculinos limpos, que iam do melódico e declamado típico do gótico até um algo anasalado e ríspido, como ouvimos em tantas bandas de metalcore e nu metal. Observe isso já na faixa de abertura, *Science*. Musicalmente as coisas também estavam muito mais variadas, migrando ora para algo industrial/eletrônico *(Android)*, ora para algo progressivo (*Telescope*) ou ainda groove (*Dictatorship of the Mediocre*). E tudo isso com reminiscências nada discretas do som típico da banda. No fim, tudo isso é ruim? Não, na verdade é muito bom, pois a todo momento eles estão no controle. Mas garanta que essa não seja sua primeira exposição à música deles.

OUTROS: Lançado na segunda metade de maio de 2022, *Modern Primitive* é o mais novo álbum de estúdio dos gregos e seu primeiro pela Nuclear Blast, após uma longa e frutífera parceria com a Season of Mist. Apesar de ser um álbum muito bom, consideramos que ele merece ainda muitas audições antes de ser colocado em um ranking como este, no qual disputaria espaço com álbuns que já ouvimos há vários anos. Ainda de estúdio, o Septic-Flesh dispõe de outros dois full-lengths: *A Fallen Temple*, de 1998, segue o caminho iniciado no seu antecessor, aprofundando a relação da banda com o gótico; *Titan* (2014), por sua vez, evidencia a jornada pós-reunião da banda, com todos os grandiosos elementos sinfônicos. Dentre os registros ao vivo, a melhor pedida é mesmo o recente *Infernus Sinfonica MMXIX*, lançado em 2020.

RAZOR

RESTITUIÇÃO VIOLENTA!

Após mais de vinte anos de atraso, finalmente o novo álbum do gigante 'cult' canadense está lançado

Por Valtemir Amler

Para aqueles que veneram a sonoridade clássica do tradicionalíssimo speed/thrash oitentista, o Razor é nome obrigatório na lista de favoritos. Fundamental em uma era mágica do brutal metal canadense, que inclui Voivod, Exciter, Sacrifice, Slaughter, Annihilator e tantos outros, o grupo se estabeleceu no underground mundial ainda nos anos 80, época em que os clássicos *Executioner's Song* (1985), *Evil Invaders* (1985) e *Violent Restitution* (1988) foram lançados. Mesmo com todas as transformações do cenário, a banda adentrou os anos 90 cuspindo fogo com *Shotgun Justice* (1990) e *Open Hostility* (1991), mas acabou passando por problemas e desde o pouco lembrado *Decibels* (1997) o grupo não apresentava um novo álbum completo de inéditas. Pois bem, com Bob Reid (vocal), Dave Carlo (guitarra), Mike Campagnolo (baixo) e Rider Johnson (bateria), *Cycle of Contempt* reinsere definitivamente o Razor nos radares do metal mundial, e o faz com muita classe, além de um toque extra de thrash metal. Conversamos com Dave Carlo para saber tudo o rolou com o grupo canadense nos últimos anos.

O Razor nasceu em meio a um cenário musical que parece de sonhos. De um lado, havia Rush e Triumph; de outro, Voivod e Exciter; e no meio desse caldeirão estavam Forgotten Boys, D.O.A., S.N.F.U. e tantos outros. Foi um momento especial para vocês como músicos e fãs, certo?

Dave Carlo: Com certeza. O final dos anos 70 e em especial o início dos anos 80 foram absolutamente incríveis para nós. Havia muita música boa sendo feita no mundo todo, e finalmente sentíamos que o Canadá estava realmente inserido no cenário musical mundial. O Rush era uma das forças primordiais no rock, o punk era dominante em várias regiões do país e a cena metal começava a ganhar seus principais nomes com o nascimento do speed/thrash. Não havia um único dia que não descobríssemos uma nova banda incrível que vinha de algum lugar do mundo, e o nosso cenário ia ganhando forma e força.

Era possível sentir que o cenário estava mudando no início dos anos 80, que ventos mais favoráveis sopravam para a sua cena local?

Dave: Sim. E isso é engraçado, porque você sempre ouve as bandas falarem que não sabiam que estavam fazendo algo grande nessa ou naquela época, e é verdade que com o Razor também não sabíamos se estávamos fazendo algo grande.

CYCLE OF CONTEMPT
Relapse - Imp.

Porém, tínhamos certeza absoluta de que estávamos fazendo parte de algo grande. Estava impregnado no ar que a cena metal canadense dos anos 80 seria grande e lembrada para sempre. Bem, hoje eu não sei quanto dessa confiança absoluta vinha apenas do fato de sermos então tão jovens, tão empolgados com o que estava acontecendo ao nosso redor. Eu tinha 16 anos em 1980, comecei a curtir som de verdade em 1976, mas foi apenas no início dos anos 80 que minha cabeça realmente começou a mudar. Eu queria fazer a minha música e ela teria que ser mais agressiva do que tudo o que havia naquele momento.

Você lembra qual foi o motivador principal para essa sua mudança de atitude em relação à música?

Dave: Lembro sim, e acho que muitas pessoas que viveram aquela época vão se identificar com o que vou dizer. A verdade é que o metal era algo interessante, mas talvez não tão apaixonante para um jovem até então. Nós tínhamos toda aquela vibração do punk rock, você mencionou antes D.O.A. e S.N.F.U. de Chi Pig, de que éramos muito amigos e fãs. O metal era muito legal, mas talvez faltasse um pouco de atitude para jovens que queriam algo que fosse além, que soasse mais brutal e energético, sabe? Isso aconteceu quando o Motörhead lançou *Ace of Spades* em 1980. Esse disco virou o jogo para muita gente no mundo inteiro, e não foi diferente aqui no Canadá. Houve uma explosão metálica no mundo inteiro depois desse disco, e para qualquer garoto estava muito clara a mensagem, pois o Motörhead mostrou que o metal era o gênero certo para quem queria extrapolar os limites e ir além musicalmente. Peso, intensidade, velocidade, afinação das guitarras, tudo mudou com o sucesso de *Ace of Spades*, todos os garotos do mundo queriam ter uma banda tão incrível como o Motörhead. Claro, eu e meus amigos estávamos entre esses garotos (risos).

Era complicado conseguir as novidades do underground naqueles dias, para se atualizar com o que aconteceu após o Motörhead?

Dave: Mais ou menos. Na época, eu morava há mais ou menos meia hora de Toronto e tanto eu quanto meus amigos éramos fãs de música pesada, então, sempre que queríamos nos atualizar, viajávamos para lá. Era fácil, simplesmente embarcávamos no trem e íamos até as grandes lojas de discos de Toronto que tinham tudo aquilo que não tínhamos acesso nas lojas locais. Você sabe, Motörhead era fácil de encontrar, pois estava em um grande selo, Black Sabbath, Iron Maiden, Judas Priest, tudo isso era fácil. Porém, era um problema encontrar discos da Music for Nations, Metal Blade e Megaforce, os grandes selos do underground metal

daquela época. As lojas de Toronto tinham tudo, era um paraíso! Comprávamos sem ter a mínima noção do que se tratava, claro. Não havia muita informação na época, então, se a capa fosse muito boa e soasse como algo radical, o disco viria para casa com um de nós (risos).

Cada um comprava discos diferentes e então faziam várias cópias em fita cassete para os outros, certo?

Dave: Sim, esse era o lance, era assim que conhecíamos as bandas. Existia todo um circuito envolvido nisso, trocando fitas e informações. Nós comprávamos principalmente as novidades do metal, mas eu também consumia muito punk, qualquer coisa que soasse extrema era o meu negócio. Eu amava Ramones e Sex Pistols, mas especialmente Ramones, pois eles definitivamente traçaram um novo caminho. Bastava eles passarem por um país e uma cena punk nascia por lá. Eles estavam totalmente à frente do jogo, então acho que eles e o Motörhead tiveram papel fundamental na forma como vejo a música, na forma como passei a entender e conceber a música desde então.

Sim, e você viveu em uma época fabulosa para essas descobertas.

Dave: É verdade, aquela foi uma época absolutamente incrível, era extremamente empolgante viver naqueles dias e ser apaixonado por música pesada. Todos os dias descobríamos alguma nova banda e eram todas boas, não havia muitas bandas ruins tentando a sorte no rock. Tinha muita gente criativa e empenhada no mundo da música. Adorávamos descobrir novas bandas e mostrar para nossos amigos, era tão bom quanto curtir a música. Nunca vou esquecer do dia em que Mike Campagnolo chegou em mim dizendo: 'Dave, escuta só essa banda, acho que você vai amar.' Era o Raven, simplesmente o Raven, com *Rock Until You Drop* (1981)! Esse era o nível de descobertas que tínhamos no início dos anos 80!

A grande diferença é que hoje temos acesso muito mais fácil a essas obras e o cenário tem ganhado porque muitos garotos estão tendo a chance de ouvir todos aqueles álbuns, compilações e EPs dos anos 80. As cenas metal e punk realmente parecem revigoradas hoje, com muitas novas bandas, além de nomes clássicos retomando atividades.

Dave: Sim, e essa é uma coisa muito importante de se perceber. Muitas pessoas, especialmente da minha geração, não são muito favoráveis à internet, e eu entendo, existem muitos pontos obscuros aqui e ali, mas é ótimo que todos esses garotos tenham a chance de ser expostos à música que foi criada há décadas pelas bandas pioneiras. Concordo absolutamente com você, é fundamental que essa garotada tenha a chance de conhecer aqueles discos absolutamente obscuros que ouvimos lá atras, que estão há décadas fora de catálogo e que as pessoas nem saberiam que existem se não fosse a internet, o YouTube e tal. É uma época diferente, então a forma como as coisas são feitas é diferente, mas acho ótimo que todos possam ouvir o disco que querem, na hora que querem. Isso aumenta muito o potencial das pessoas. Elas absorvem mais, ficam mais criativas. Por isso a cena está crescendo, mais e melhores bandas estão nascendo. De certa forma, é como nos anos 80, apenas respeitando as proporções e as características dos dias de hoje.

Gosto de saber que você pensa assim.

Dave: E eu nem poderia pensar diferente. Veja, o Razor é considerado um grupo clássico dos anos 80 por pessoas que nunca haviam tido a chance de ver um dos nossos shows, de comprar um disco nosso no dia do lançamento. Nosso nome foi mantido vivo e relevante através da internet, pois durante muitos anos essa era a única forma de alguém novo conhecer nossos discos, já que eles estavam fora de catálogo há muito tempo. Essas mesmas pessoas que nos conheceram na internet hoje compram nossos discos em formato físico, as novas prensagens têm saído por pressão do público. A internet nos ajudou muito e tem ajudado muitas bandas a se tornarem 'clássicas' em vez de 'esquecidas', é só olhar ao redor.

Após mais de duas décadas, Dave Carlo, Rider Johnson, Bob Reid e Mike Campagnolo entregam um novo álbum para os fãs de um dos gigantes do speed/thrash

Divulgação

Suponho que os pedidos dos fãs também tenham sido uma motivação para lançarem esse novo álbum.

Dave: É verdade. Veja, o fato é que as pessoas nunca pararam de dizer que deveríamos lançar um novo álbum. Nesse sentido, sempre fomos muito afortunados, os fãs de metal sempre demonstraram interesse em novas músicas do Razor, nunca deixaram de nos apoiar. as coisas estavam no rumo certo e que poderíamos ter um retorno definitivo do Razor, tornando-a uma banda ativa, com agenda de shows, gravações e lançamentos. Então, foi desde então que estamos trabalhando nesse retorno, um passo de cada vez. Levou um tempo, mas estamos muito felizes com *Cycle of Contempt*, todos achamos que ele se encaixa muito bem entre os álbuns da banda.

Divulgação

"NOSSO NOME FOI MANTIDO VIVO E RELEVANTE ATRAVÉS DA INTERNET, POIS DURANTE MUITOS ANOS ESSA ERA A ÚNICA FORMA DE ALGUÉM NOVO CONHECER NOSSOS DISCOS, JÁ QUE ELES ESTAVAM FORA DE CATÁLOGO HÁ MUITO TEMPO"

Então, como perceberam que esse era o momento para tão aguardado novo álbum, *Cycle of Contempt*?

Dave: Foi um longo processo, mais ou menos como aconteceu nos anos 90. Você lembra, lançamos *Open Hostility* em 1991 e então ficamos longe por um bocado de tempo, até sair *Decibels* em 1997. Quer dizer, aquelas músicas já existiam, elas deveriam ter sido lançadas logo após *Open Hostility*, e não quase uma década depois, mas estávamos bem desiludidos com o cenário de então, e o processo levou anos até que Bod Reid me convenceu a gravar aquelas músicas e lançar *Decibels*. Mas ainda não era um bom momento para nós, eu não sentia confiança. Novamente, a internet foi de grande ajuda. Conforme a internet foi melhorando e as pessoas puderam baixar álbuns inteiros com qualidade decente, nossa popularidade cresceu muito. Começamos a ter muitas e ótimas propostas a partir de 2010. Foi ali que percebemos que disco foi feito para ser ouvido do começo ao fim, como um álbum, não como um conjunto de singles. Então, nesse processo, fiquei muito em dúvida se ele abriria com *Cycle of Contempt* ou com *Flames of Hatred*. E a razão para isso é que pensei no novo álbum como uma experiência para os fãs de vinil. Coloquei *Flames of Hatred* como faixa de abertura, então ela está junto das faixas mais rápidas do disco, no lado A do LP. Você toma aquele impacto e então pensa: 'Certo, não pode ficar melhor que isso.' E então, quando você vira o disco e começa a tocar o lado B, *Cycle of Contempt* é a primeira música, e vem com aquele crescendo típico do thrash dos anos 80 (risos). As coisas foram feitas assim, para brincar com a expectativa do ouvinte, e acho que deu certo. Ao menos você destacou as músicas certas, então parece que está funcionando (risos).

Dentre as músicas do novo álbum, não tenho como deixar de destacar *Flames of Hatred* e a faixa-título, um tema que vai ganhando peso a cada instante que passa.

Dave: Bem, acho que você tem ótimo gosto musical (risos). E também achei interessante destacar justamente essas duas, e vou dizer por quê: Quando estava trabalhando neste álbum, dediquei bastante tempo a pensar na ordem das canções, pois isso determinaria o fluxo das emoções, as progressões rítmicas e tal. Esse

Obrigado pela conversa, espero vê-los no Brasil em breve.

Dave: É o que mais queremos, espero que isso aconteça logo. Obrigado a todos os nossos fãs no Brasil, temos recebido muitas mensagens de vocês, então obrigado por todo o apoio e por todo amor pela música do Razor! Assim que surgir a chance, não tenham dúvidas, estaremos aí para tocar para nossos fãs mais alucinados de todo o planeta!

REGRAVAÇÃO DO EP "BACK FROM HELL"

EM COMEMORAÇÃO AOS SEUS 20 ANOS. INCLUINDO VERSÕES INÉDITAS DE CLÁSSICOS DO SEPULTURA E SARCÓFAGO!

CONTATO PARA SHOWS: RAFAEL - (31) 98899-2364 | booking@drowned.com.br

FACEBOOK: drownedmetal | INSTAGRAM: drowned_band

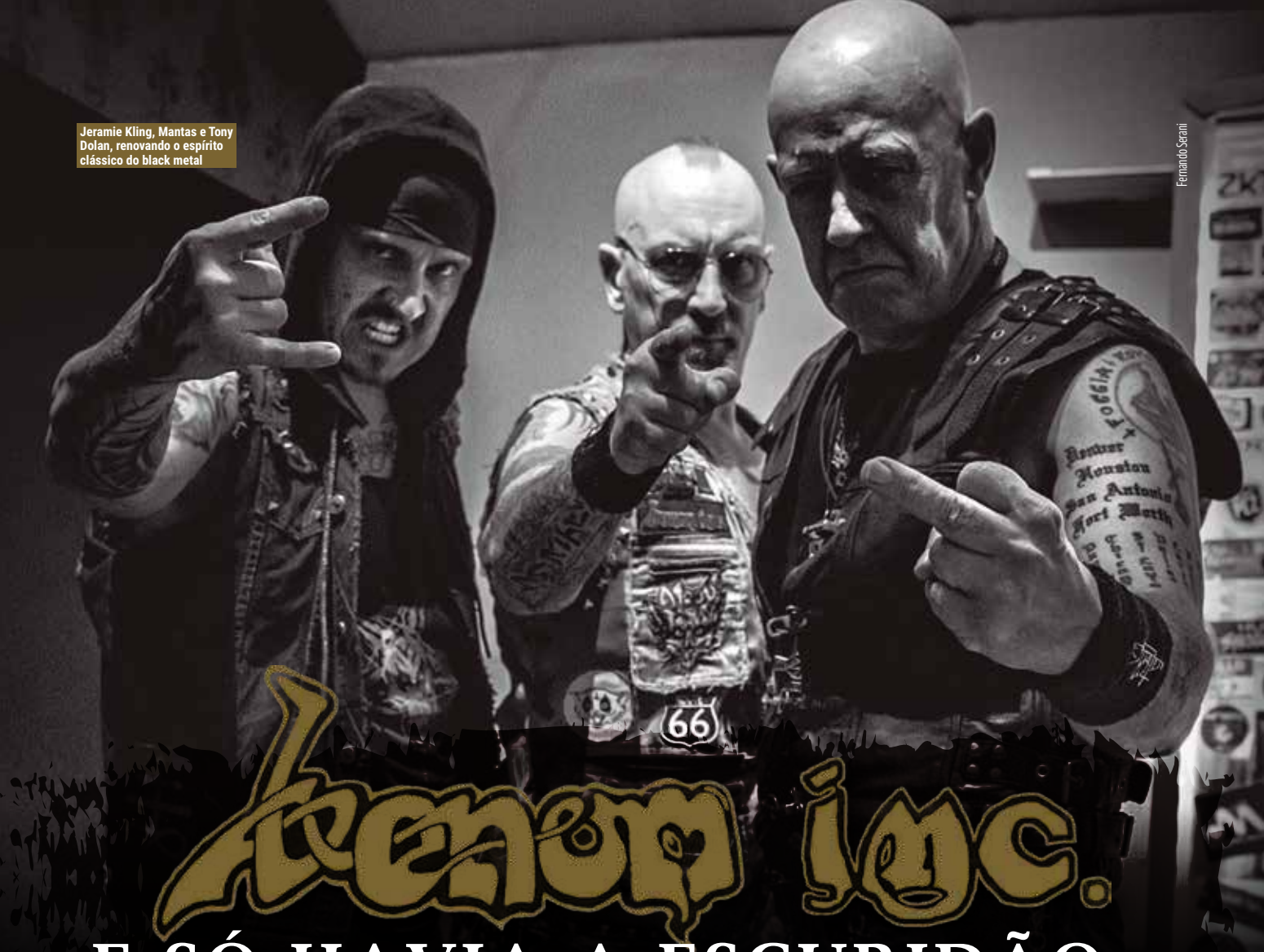
VOICE MUSIC

GREYHAZE RECORDS

COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com

Spotify DEEZER MUSIC Google Play Music YouTube

VENDAS: COGUMELORECORDS.LOJA2.COM.BR OU FACEBOOK.COM/COGUMELORECOFICIAL



Jeramie Kling, Mantas e Tony Dolan, renovando o espírito clássico do black metal

Fernando Serani

E SÓ HAVIA A ESCURIDÃO...

Com o lançamento de *There's Only Black*, trio inglês reafirma a força e a relevância de uma lenda inglesa

Por Valtemir Amler

No início dos anos 80, o Venom virou o mundo da música de cabeça para baixo e praticamente reescreveu a história do heavy metal com uma música muito mais extrema e blasfema do que havia antes. Acabou por batizar todo um novo gênero musical com seu segundo álbum (*Black Metal*, 1982) e marcou para sempre os nomes de Mantas (guitarra), Abaddon (bateria) e Cronos (baixo e vocal) na história da música. Mas a verdade é que ao longo dos anos foram tantas "deserções" e desentendimentos que, em certo ponto, nem o mais dedicado dos fãs sabia de fato o que acontecia com a banda, que chegou até mesmo a ser um quarteto distante de sua jornada musical original antes de retomar a sua glória com o álbum *Prime Evil*, de 1989. Nele, Abaddon, Mantas e o vocalista/baixista Tony "Demolition Man" Dolan tocaram pela primeira vez juntos (o guitarrista Al Barnes completava o time), forjando assim mais um clássico para a banda de Newcastle. E foi justamente como uma reunião de Dolan, Abaddon e Mantas que surgiu o Venom Inc. em 2015. Já sem Abaddon, a banda chega agora ao seu segundo álbum, que mantém intacta a aura da chamada Primeira Onda do Black Metal. Confira mais nas palavras do simpático vocalista.

Nos anos 80, você tinha sua própria banda, Atomkraft, e as coisas estavam acontecendo. Então, de repente, você era anunciado como o novo vocalista do Venom. Como foram aqueles dias?

Tony "Demolition Man" Dolan: Foi uma época interessante. Eu tinha o Atomkraft desde 1979 e aos poucos fomos criando um bom nome. Acho que nosso melhor momento foi em 1987, quando excursionamos pela então chamada Cortina de Ferro, o Leste Europeu. Aquela turnê foi grande, corremos a Europa com Exumer e Nasty Savage. Foi uma experiência intensa e essas coisas cobram um preço mais alto de algumas pessoas. Ao finalizarmos aquele giro, nosso guitarrista (Rob Mathew) resolveu sair. Pouco depois, o vocalista Ian Swift também decidiu pular fora, então as coisas estavam estranhas. Por um lado, tínhamos lançado um bom álbum (*Future Warriors*, 1985) e feito uma ótima turnê; por outro, metade da banda tinha pulado fora. Fiquei decepcionado e resolvi tirar um tempo pra mim, longe da música. Algumas semanas mais tarde, recebi uma ligação dizendo que Abaddon do Venom e Eric Cook, que era o agente da banda, queriam me encontrar em um pub para conversar.

Você imaginava o que viria a seguir?

Tony: Não. Achei que seria uma conversa entre amigos, uma espécie de atualização sobre o que nossas bandas estavam fazendo, essas coisas. Bem, eu falei sobre minhas experiências com o Atomkraft e tudo que eles falavam era

sobre o quanto *Calm Before the Storm* (Venom, 1987) havia sido ruim e sobre Cronos ter deixado a banda e partido para os EUA levando os guitarristas (Mike Hickey e Jimmy Clare). Ao mesmo tempo, eles contavam, o Venom tinha a oportunidade de lançar três novos álbuns com a Music for Nations, que tinha se tornado um selo importante ao lançar o EP *Jump in the Fire*, do Metallica (1984). Então, Abaddon me disse: 'Precisamos de um novo baixista/vocalista, alguém que conheça as nossas músicas, que saiba tocá-las e que não tenha medo de sair em turnê e encarar o nosso público. Então, estamos pensando em quem poderia fazer um bom trabalho.'

Certo, aí você percebeu.

Tony: Não, meu amigo (risos gerais). Eu estava tocando guitarra no Atomkraft e nem imaginei que estivessem falando de mim (risos). Comecei a pensar em pessoas que conhecia e fui sugerindo o que me vinha à mente. No fim das contas, eles cansaram e disseram: 'Olha, só existe uma pessoa que conhece essa banda o suficiente, que é amigo o suficiente para estar ao nosso lado e essa pessoa é você!' Tudo que consegui dizer naquele momento foi 'puta merda!' (risos gerais).

É, não se trata do tipo de convite que demanda grande reflexão.

Tony: Reflexão alguma, na verdade (risos). Me senti honrado e tranquilo com aquele convite, pois nunca me vi como o cara que estava entrando no Venom para substituir Conrad (Cronos). Se fosse esse o caso, nunca teria aceitado e jamais roubaria o trabalho de um amigo. Conrad estava com sua própria banda, fazendo sua música, e então fui convidado para o Venom. Eles eram meus amigos, eu amava a música deles e eles precisavam de mim para seguir adiante. Então, por que diabos eu não entraria na banda dos meus amigos? Ainda assim, impus uma condição, e jamais teria feito isso se ela não fosse atendida.

E essa condição seria...

Tony: Deixei claro que me uniria ao Venom se Mantas estivesse na banda, caso contrário, eu estava fora. Eles já haviam conversado com ele antes e Mantas disse algo como 'nem fodendo'. Eric pediu que tentasse convencê-lo a mudar de ideia. Fui até Mantas, pedi que ele voltasse para o Venom e a resposta dele foi: 'Só volto se você vier comigo.' E respondi: 'Eu vou estar, pois essa foi a minha condição para entrar na banda, que você estivesse ao nosso lado.'

Esse foi o primeiro passo para um dos clássicos do Venom.

Tony: Sim. O passo seguinte foi começar a trabalhar nas músicas que estariam em *Prime Evil* (1989). Começamos a trabalhar nele em 1988, mas quando Mantas disse sim, eu já tinha escrito *Parasite* e *Blackened Are the Priests*, além de parte da faixa-título. Então ele se uniu ao processo e escrevemos o restante. O que as pessoas não sabem é que em nenhum momento eu senti que estava transformando o Venom em outra coisa, tomando o Venom de assalto ou algo do tipo. Tudo o que queria era que a banda continuasse existindo.

Isso explica muito da sua postura ao longo dos anos, inclusive ao se referir à banda de Cronos.

Tony: Não tenho nenhum problema com isso e claro que mesmo hoje ouço algumas pessoas dizendo coisas como

THERE'S ONLY BLACK
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

'sem Cronos, sem Venom', mas esse coro diminui a cada ano. Não tenho problema com Cronos ou sua banda. Você vai ao show deles e vai ouvir *Black Metal*, *Countess Bathory* e *Witching Hour*, com certeza. Mas não vai ouvir *Ladylust*, ou *Women, Leather and Hell*, ou ainda *Cry Wolf*. O Venom tem um catálogo incrível, então é claro que quero tocar os clássicos e também aquelas músicas que amo e sei que os fãs também. Então vai ter um cara de 50 anos dizendo que não aguenta nem me ver porque não fui eu quem cantou naqueles álbuns, mas também teremos garotos de 18 anos que estão pouco se fodendo pra isso, pois simplesmente amam aquelas músicas! Se os outros querem brigar sobre qual banda é mais real, tudo bem, isso é com eles. Eu apenas quero continuar tocando as músicas que curto.

Gosto da maneira como você vê as coisas, tanto quanto de perceber que sua união com Mantas nunca estremeceu e permanece efetiva até hoje. Afinal, não é todo dia que temos um álbum como *There's Only Black*.

Tony: Obrigado. É como digo, quando você escreve uma música no seu quarto, ela é sua. Você a completa com seus colegas de banda, grava e lança, e ela se torna uma música da sua banda. Depois de quarenta anos, ela não é mais da banda e muito menos sua, aquela música é dos fãs! Você não escuta aqueles álbuns o tempo todo, os fãs sim. Se isso vale para um álbum clássico como *Prime Evil*, então também deve valer para um disco novo, como *There's Only Black*.

Sim, e mesmo que hoje Abaddon tenha cedido o posto para Jeramie Kling (Inhuman Condition, Ex-Deo e outros), músicas como *Rampant*, *Burn Liar Burn*, *Tyrant*, *Man as God* e a faixa-título reafirmam a posição de vocês no cenário.

Tony: É bom ouvir isso, pois nossa maneira de compor e pensar a música não mudou muito ao longo dos anos. Ainda escrevemos e gravamos a música que amamos e só tocamos aquilo em que acreditamos. Se achássemos que aquilo não é o nosso melhor, jamais disponibilizaríamos um disco para os fãs, pois os respeitamos muito.

Ainda me resta uma curiosidade sobre a capa e o nome do álbum. O título é ótimo para um disco de heavy metal, mas algo me diz que ele não foi escolhido apenas por soar bem, certo?

Tony: É verdade, tem uma razão mais profunda que isso. No começo eu estava trabalhando em uma ideia para a parte lírica e ele teria outro título... Seria sobre o Inferno de Dante, Os Nove Círculos do Inferno. Assim, eu guiaria os ouvintes por uma viagem do início ao fim da vida, passando por todas as etapas e sentimentos: nascimento, infância, velhice, morte e o que vem depois da morte, o que poderá existir após a morte. Então, certo dia Mantas veio com essa música e disse: 'Escrevi essa sobre a experiência que tive quando morri. Eu não vi nada, só havia a escuridão.' (N.R.: Mantas sofreu um ataque cardíaco em 2018 e esteve morto por cinco minutos até a equipe médica ressuscitá-lo). Na hora eu pensei: 'É isso, esse é o título!' É o resumo de nossa experiência no mundo, pois quando a luz se apaga, só existe a escuridão, entenda como a noite, como a morte, como preferir, o princípio e o fim de tudo é a escuridão. A ideia é simples e direta, então foi esse caminho que seguimos na concepção da capa. Tudo é muito simples e remete a essa ideia de um único fim possível.

THE CULT

UNDER THE MIDNIGHT SUN
BLACK HILL - IMP.

9,5

A despeito de ter lançado bons discos nos últimos tempos, o Cult estava devendo um trabalho do nível daqueles que soltou nos anos 80 e 90. Pois agora a dívida está paga. *Under the Midnight Sun* veio cercado de muita expectativa e certamente não decepcionou. O álbum faz um verdadeiro mix das diversas fases do grupo, indo desde o gothic rock dos primórdios ao hard rock que veio em seguida. Disco à moda antiga, já que suas oito músicas se distribuem em econômicos 35 minutos, *Under the Midnight Sun* abre com *Mirror*, que remete a *Dreamtime* (1984), enquanto que *The Cut Inside* poderia muito bem ter entrado em *Sonic Temple* (1991). Há aqueles refrãos irresistíveis, como em *Vendetta X*, e aqueles momentos em que o álbum surpreende, como em *Knife Through Butterfly Heart*, que se insinua como sendo uma "proto-bossa nova" para logo ganhar peso e um daqueles riffs irresistíveis que só Billy Duffy e outros poucos são capazes. Já alguns sentiram falta dos arroubos vocais de Ian Astbury, mas é preciso lembrar que hoje trata-se de um senhor de 60 anos – e mesmo assim continua com voz brilhante e com ótimo alcance. Em resumo, o Cult voltou em altíssimo estilo, provando que continua sendo uma das principais bandas da atualidade – como se precisasse provar algo para alguém...

Antonio Carlos Monteiro

EXHUMED

TO THE DEAD
RELAPSE - IMP.

9,0

É muita experiência aplicada em nome da boa e velha podreira! Afinal, desde 1990 o vocalista e guitarrista Matt Harvey vem se reunindo com variados parceiros para encarnar o Exhumed, um dos principais nomes do gore/death metal americano, e também um dos mais prolíficos, se contarmos todo o sem número de splits que lançou ao longo dos anos. Assim, sem lançar um novo álbum desde *Horror* (2019), claro que podemos esperar algo especial em *To The Dead*. Com músicas mais longas do que as apresentadas no trabalho anterior, o Exhumed novamente tem uma cara mais 'encorpada' de death metal, mas o goregrind transpira em cada sutil verso de canções como *Putrescine and Cadaverine* (um título bem anos 90, certo?) e *Drained of Color*. O ouvinte de coisas feias também apreciará a grosseria de *Undertaking The Overkilled* (menor do disco, com quase três minutos), *No Headstone Unturned* e *Rank and Defiled*. Que ótima ideia trazer os antigos parceiros para o processo de composição, pois este álbum reflete a alma e a história do Exhumed.

Valtemir Amler

EPICA

THE ALCHEMY PROJECT
ATOMIC FIRE/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Depois de lançar o ótimo *Omega* em 2021, o Epica mais uma vez voltou os olhos para o lançamento de um EP, como já havia acontecido com o álbum anterior, *The Holographic Principle* (2016), sucedido pelo EP *The Solace System* (2017). Desta vez, o novo EP se chama *The Alchemy Project*, que destaca uma das capas mais legais e engraçadas da carreira dos holandeses, mas não se engane, pois é novamente na música que estão os grandes atrativos. Abrindo o trabalho, *The Great Tribulation* é o som típico do sexteto: altas doses de melodias cativantes e elementos sinfônicos entremeados por muitos elementos extremos advindos especialmente do death metal. Destacando os ótimos vocais de Simone Simons e aquele tradicional duelo de solos guitarra/teclados, ela já define as expectativas, que ganham novo tom na contida *Wake The World*, que apresenta até alguns elementos de psicodelia, especialmente nos teclados. Destaque ainda para *Sirens - Of Blood and Water*. Mesmo trazendo um grande time de convidados que realmente fazem diferença em seus momentos de brilho (Bjorn "Speed" Strid, Veronica Bordacchini, Charlotte Wessels, Myrkur e Henri Sattler, entre outros), indubitavelmente é o time do Epica que mais brilha, pois ninguém sabe trabalhar tão bem essa mistura de symphonic e death metal com tanta honestidade e destreza quanto eles. Ao todo, são mais de 35 minutos de excelente música, mais do que o suficiente para considerar este um álbum completo. Mas, já que não é, eis aqui uma ótima desculpa para aumentar sua coleção de EPs, já que esse é imperdível!

Valtemir Amler

SODOM

40 YEARS AT WAR
THE GREATEST HELL OF SODOM
SOUND CITY/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Em 1982, em Gelsenkirchen (ALE), começou a ser contada a história do Sodom. Tom Angelripper (vocal e baixo), Chris Witchhunter (bateria, falecido em 2008) e Josef "Grave Violator" Dominik (guitarra) escreveram o primeiro grande capítulo dessa história em 1985, com o EP *In The Sign of Evil*. Desde então, a lenda perpetrada pela banda alemã é de conhecimento obrigatório para qualquer fã de música pesada, do heavy ao death metal, do punk ao grindcore. Afinal, eles tiveram um papel fundamental no estabelecimento da música extrema. Variando muito a sua fórmula musical e a sua formação ao longo dos anos, o Sodom sempre contou com a figura de Angelripper, que nunca colocou a banda de molho, nem por um único ano sequer. Por isso, o título *40 Years At War* soa tão adequado: eles literalmente lutaram contra todos os obstáculos, das transformações do cenário musical à maneira como a música é consumida, atravessando polêmicas infundadas e até uma pandemia global – tudo na ativa, tudo produzindo novas músicas. Portanto, esta coletânea com regravações de toda essa jornada é um olhar muito bem vindo a todo esse glorioso passado, especialmente porque a nova formação toca bem pra diabo. E eles não escolheram revisitar os clássicos óbvios, dando uma chance extra para canções menos lembradas de seu repertório. Mergulhe fundo no mundo de terror, caos e guerra de *Electrocution*, *Jabba The Hut*, *Gathering of Minds, Genocide*, *Caligula* e a nova *1982*, esse disco é uma obrigação na sua coleção!

Valtemir Amler

STRYPER

THE FINAL BATTLE
WIKIMETAL - NAC.

9,0

No começo, o Stryper era uma banda meio heavy/meio hard. Particularmente, sempre pendi mais para seu viés hard, tanto que sua primeira fase, do EP *The Yellow and Black Attack* (1984) a *Against the Law* (1990), é minha favorita. Entretanto, desde que foi reativado, o Stryper não explorou tanto quanto antes o hard rock. Que bom que agora com *The Final Battle* o grupo dosou melhor os dois gêneros. Os fundadores Michael Sweet, Robert Sweet e Oz Fox, mais Perry Richardson (em seu segundo álbum), seguem investindo em músicas velozes, como *Transgressor* e *Rise to the Call*, e em peso, como as ótimas *No Rest for the Wicked* e *See No Evil, Hear No Evil*. Porém, também abriram o leque para a cadência e refrãos grudentos, casos de *Same Old Story*, *Heart & Soul*, *Out, Up & In* e *The Way, The Truth, The Life*. Agora, as que me fisgaram mesmo foram *Till Death Do Us Part*, em que Robert inseriu levadas interessantes de bumbo, a comercial e bonita *Near* e a colossal *Ashes to Ashes* – as duas últimas com ótima performance vocal de Michael. Dito isso, *The Final Battle* é o álbum que mais estou curtindo dentre os que o Stryper lançou desde seu retorno em *Reborn* (2005). Só espero que o sugestivo título do disco não signifique ser "a batalha final" da maior banda cristã do planeta.

Leandro Nogueira Coppi

CAPTAIN BLACK BEARD

NEON SUNRISE
MIGHTY MUSIC - IMP.

6,0

Apesar de vir de um país que revela grandes bandas como a Suécia e de ter estreado em 2011, o Captain Black Beard tinha tudo para decolar, mas sempre se manteve naquele status de "banda a ser descoberta". No entanto, ainda que o repertório de 12 faixas traga bons momentos, não será com *Neon Sunrise*, o sexto de estúdio, que esta tendência será alterada. Martin Holsner (vocal), Christian Ek e Daniel Krakowski (guitarras), Robert Majd (baixo) e Yngve Strömberg (bateria) apostaram demais em melodias "alegrinhas" na abertura, com *Flamenco* e *We're The Forgiven*. A coisa só melhora a partir da quarta faixa, *Moment of Truth*, e segue em alta com a pegajosa *Wasted Heart*, um hard e melodic rock encorpado. Destaques ainda para *Chains of Love*, *Burning Daylight* e *Break (Into Forever)*. É, desta vez parece que o pirata inglês Edward Teach, o "Barba-Negra", que a banda homenageia em seu nome, aparou a sua barba e isso não surtiu o efeito desejado.

Ricardo Batalha

STEELGODS

OLITIZACK
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Há ao menos dois pontos que merecem ser citados a respeito da estreia do Steelgods. O primeiro é com relação à história do grupo: a banda do Vale do Paraíba, no interior paulista, nasceu em meados da década de 90 e sobreviveu (ou renasceu) às várias agruras da estrada até atingir o sonho de lançar seu debute. O outro é sobre o conteúdo musical encontrado em *Olitizack*: o Steelgods transita entre o heavy metal à la Manowar e a simbiose com o power, ao estilo HammerFall, mas não soando como uma mera derivação. Longe disso, o grupo formado por Nelson Bonito (vocal), Diego Correa e Elton Silvarum (guitarras), Matheus Lisboa (teclado), Fabrício Castilho (baixo) e Saulo Carvalho (bateria) desenvolveu sua própria marca em 11 faixas que compõem uma história distópica que envolve religião e guerra, embaladas em um produto para lá de caprichado, com direito a um livro ilustrado com 76 páginas. Aqueles que curtem esse tipo de som vão se deleitar com as já candidatas a hinos *The Dream* e *In the Abyss*, com seus tons épicos, a balada *Farewell* e a poderosa *Ballet of the Blinds*.

Thiago Prata

ABOUT2CRASH

I AM GOD
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Ainda que *I am God* seja o seu primeiro trabalho completo, a banda brasileira About2Crash já é conhecida pelos seus seis singles lançados desde que o grupo estreou no palco do festival Rock in Rio em 2015. Depois de várias idas e vindas o grupo atualmente formado por Theo Vieira (vocal, Hard Rocket, Sunseth Midnight), Vinicius Neves (vocal), Anderson Carlos (guitarra, Holy Sagga e Hard Rocket), Cristiano Wortmann (guitarra, Hangar), Gus D. (baixo, Hard Rocket/Holy Sagga) e Marcus Dotta (bateria, Warrel Dane, Hatematter) solta um trabalho mixado por por Damien Rainaud (Dragonforce, Fear Factory) e masterizado por Adriano Daga (Lenny Kravitz, Malta), além de registrar a participação de Aquiles Priester (Edu Falaschi, W.A.S.P., Hangar) e Luis Mariutti (Shaman, ex-Angra). Composto por oito faixas autorais, além do inusitado cover de no hino pop *Like a Prayer* (Madonna), o About2Crash aposta numa sonoridade moderna, fazendo com que a sua identidade musical se alinhe com o radio rock de bandas como Breaking Benjamin, Seether e Trapt, junto do metal do Disturbed, um estilo que há vinte anos é muito grande nos Estados Unidos e, em menor grau, no Brasil. Esta pegada traz timbragens modernas e músicas mais diretas, com licks que grudam na cabeça, refrãos que nos fazem querer cantar junto e uma boa intercalação de passagem mais agressivas e outras bastante groovadas. É o tipo de som que respira o tempo todo. Na contramão, às vezes a estrutura objetiva da música parece obedecer a um template e pode soar repetitiva. Retomando o disco, posso afirmar com segurança que praticamente todas as fixas de *I am God* caberiam nas rádios rock dos EUA (e por que não do Brasil?), mas destaco *Massive Revolution*, *Liar* e *Monster*. Ademais, a sua música ainda traz momentos que fazem de palcos maiores, como os de arenas, um ambiente melhor para curtir esse tipo de som. Em suma, em *I am God* o About2Crash traz músicas fortes e que confirmam um direcionamento musical bem definido. Acredito que para além disso, caberá ao grupo aprimorar as composições em trabalhos futuros e seguir conquistando espaço.

Guilherme Spiazzi

CARRO BOMBA

MIGALHAS
ORRA MEU! DISCOS - NAC.

9,5

O Carro Bomba passou por um processo interessante ao longo de sua carreira. Seu primeiro disco, que levava o nome da banda e saiu no longínquo 2004, tinha uma pegada bastante setentista e o guitarrista Marcello Schevano (único remanescente daquela formação) respondia também pelos vocais. Com o tempo, o time sofreu algumas mudanças, a banda passou a contar com um vocalista, Rogério Fernandes, e de forma natural e paulatina o Carro Bomba se tornou uma banda de heavy metal com letras em português – caso haja alguma dúvida, uma das faixas de *Pragas Urbanas* (2014) se chama *Thrash'n'Roll*. Só que neste novo *Migalhas* o quarteto (o irmão de Marcello, o baixista Ricardo "Soneca" Schevano, e o batera Biel Astolfi completam o line-up) faz algumas visitas pontuais ao passado e, sem abrir mão do peso, coloca doses de suavidade do repertório, como nas "quase baladas" *Ninguém Mais Ouviu* e *Rumos Incertos* ou mesmo na setentista *Nasci pro Rock* – mas sem abrir mão do peso, que dá as caras em todo o álbum. A produção, assinada por toda a banda, é certeira, e a mixagem, a cargo de Gustavo Barcelos, acertou a mão. O Carro Bomba nem sempre é lembrado com um dos principais nomes do rock pesado nacional, o que é uma grande injustiça. Que *Migalhas* ajude a mudar isso.

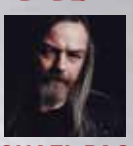
Antonio Carlos Monteiro

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

Fotos: Divulgação

RICHIE CAVALERA
(INCITE)

Metallica - *... And Justice for All*
Sepultura - *Arise*
Lamb of God - *Ashes of the Wake*
Machine Head - *The Blackening*
Obituary - *Slowly We Rot*

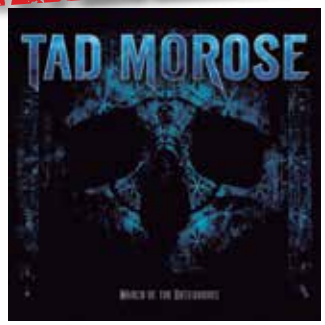


MICHAEL PAGET
(BULLET FOR MY VALENTINE)

Pantera - *Cowboys from Hell*
Metallica - *Metallica*
Steve Ray Vaughan - *Texas Flood*
Machine Head - *Burn My Eyes*
Florence Black - *Weight of the World*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

RELEASES



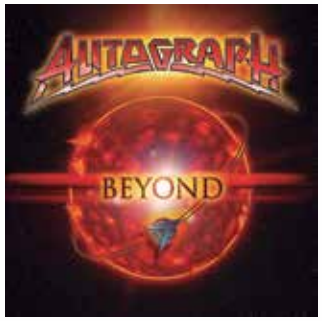
TAD MOROSE

MARCH OF THE OBSEQUIOUS
GMR MUSIC GROUP - IMP.

8,5

Uma parte dos fãs do Tad Morose ainda é "viúva" do vocalista Urban Breed, que saiu em 2005, mas o quinteto sueco continua entregando álbuns muito bons. *March of the Obsequious*, 11º trabalho do grupo, mostra isso claramente. O combinado de metal tradicional com (um pouco de) power metal e uma dose sem exagero de prog se mantém irretocável, apesar de tantas mudanças de formação em três décadas de carreira. Se Christer Andersson (guitarra, teclado) é o único remanescente da formação original, Peter Morén (bateria) está no time desde 1994, Tommi Karppenen (baixo), Markus Albertson (guitarra) e Ronny Hemlin (voz) desde 2008. Ou seja, não tem como dar errado. Solos, riffs, vocalizações e refrãos de bom gosto e qualidade acima do que fazem outros grupos superestimados. Além da música citada, *Pandemonium*, *Phantasm*, *Dying*, *Escape*, *Witches Dance* e *This Perfect Storm* já estão na minha playlist pessoal com as "Melhores de 2022".

Alessandro Bonassoli



AUTOGRAPH

BEYOND
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

No álbum póstumo do baixista Randy Rand, falecido em abril do ano passado, o Autograph, completado pelo vocalista e guitarrista brasileiro Simon Daniels, o guitarrista Jimi Bell (House of Lords) e o baterista Marc Wieland, estreia na Frontiers Music com um trabalho vibrante. *Beyond*, lançado em novembro de 2022, começa com a energia em alta com o hardão *This Ain't The Place I Wanna Be* e *Your Slave Tonight*. Sem a presença de teclados, o som fica repleto de guitarras e o saudoso Rand, por sinal, havia declarado: "Estamos mais pesados do que antes. Ao mesmo tempo, os vocais melódicos e os ganchos cativantes ainda são parte integrante do nosso som." Assim, ele descreveu bem esta fase da banda após o auge na década de 80, especialmente se pegarmos faixas como *Everything*, *Gotta Getcha* e a marcante *Run For Your Life*, que traz um belo trabalho de Jimi Bell e as criações vocais pegajosas de Simon Daniels. Simples e eficiente em sua proposta no hard rock, o sucessor de *Get Off Your Ass* (2017) ainda apresenta outros destaques, como *Feels So Good* e *Flying High*. Se há 20 anos o ex-vocalista, Steve Plunkett, representou sozinho o Autograph com *Buzz*, agora, a despeito de não ter mais nenhum integrante original, já que Steve Lynch (guitarra) saiu em julho de 2019 e três dos originais faleceram, o legado continua, pois a banda segue fazendo shows com Steve Unger (Metal Church, Where Angels Suffer) no posto de Rand. E como o tempo passa, pois Simon Daniels já está no comando das ações há 10 anos!

Ricardo Batalha

CANDLEMASS

SWEET EVIL SUN
NAPALM - IMP.

9,0

Após registrarem juntos o clássico *Epicus Doomicus Metallicus* (1986), o 'triângulo amoroso' Johan Längquist/estúdio de gravação/Candlemass não voltou a se unir novamente por mais de 30 anos, e essa dura separação durou até o lançamento de *The Door To Doom* (2019). Com a aclamação do público e da crítica – o álbum venceu o Grammy sueco –, levando também em conta a declaração do chefão Leif Edling (baixo) de que a banda só não encerrou porque voltou a contar com os vocais de Längquist, estava claro que teríamos novamente a mesma formação em *Sweet Evil Sun*. E como é bom quando uma banda trabalha em seu mais alto nível! O novo registro já abre com um daqueles riffs que você só poderia ouvir em um álbum do Candlemass com *Wizard of the Vortex*, densa, pesada, carregada e que traz em cada pequena molécula do seu corpo a marca do doom típico dos suecos. É lento e lúgubre, mas não ao ponto de soar estático e inacessível, ou seja epic doom em sua essência mais pura. Como compor músicas nesse estilo é uma especialidade de Edling, e a dupla Mappe Björkman e Lars Johansson não perde a oportunidade de um bom riff, já que esse é o disco ideal para os amantes das seis cordas. Na sequência, a faixa-título chega com um riff ainda melhor, e ganha muito com seu bom refrão, que mantém o ritmo, e encerra justamente retornando ao pesado riff principal. *When Death Sighs* (com Jennie-Ann Smith, do Avatarium) e *Scandinavian Gods* também são destaques inevitáveis, já que como todo álbum do Candlemass esse disco foi construído sob riffs monolíticos.

Valtemir Amler

TWILIGHT AURA

FOR A BETTER WORLD
METAL RELICS - NAC.

8,0

Tivesse sido chamado de "A Work in Progress", o CD de estreia do Twilight Aura também estaria bem servido. Primeiro porque a banda carrega três décadas de história e mudanças - de sonoridade, de formação e, também, de nome, com a inclusão da palavra "Aura"; depois, porque o título se adaptaria ao conceito de *For a Better World*, afinal, o Mundo - mais especificamente, o Planeta Terra retratado na capa - é um projeto em constante andamento. Musicalmente, e em 2022 ao lado de Daísa Munhoz (vocal), Rodolfo Elsas (guitarra), Filipe Guerra (baixo), Leo Loebenberg (teclados) e Claudio Reis (bateria), o guitarrista Andre Bastos (ex-Angra dos primórdios) lapidou a sonoridade ao expandir influências que vão muito além do esperado power metal melódico, e é isso que torna o álbum tão ou mais interessante que a execução impecável dos músicos e seus convidados especiais (Luis Mariutti e Rafael Bittencourt, por exemplo). Pegue *Twilight*, que tem estrutura de metal melódico, mas foge do mais do mesmo em seus mais de dez minutos ao passear com desenvoltura por rock progressivo e hard rock; ou *Living is More Than Surviving*, que apresenta Jeff Scott Soto na canção mais pesada do trabalho; ou *Sunlight*, talvez a melhor faixa do repertório justamente por trilhar um caminho ainda mais inesperado (escute!). Agora, se há a cereja do bolo, ela está na balada *One Day* e se chama Daísa Munhoz, a grande vocalista do metal nacional na atualidade numa performance incrível!

Daniel Dutra

JOE LYNN TURNER

BELLY OF THE BEAST
HELLION - NAC.

2,0

"Vocês se lembram da minha música? Mas os meus cabelos, quanta diferença. Também." Pronto, temos aqui o anúncio de *Belly of the Beast*, o 11º álbum solo de Joe Lynn Turner - e o nono de inéditas. Bom, para começar, esqueça o AOR/melodic hard rock que marcou a carreira do vocalista, porque se trata de um trabalho de heavy metal, pesado e moderno. Até aí, tudo bem. Outros veteranos se enveredaram por esse caminho e se deram muito bem. Como Dee Snider e Tony Martin, por exemplo, mas não o ex-Rainbow e Deep Purple. O primeiro ponto negativo é que tudo é europeu demais, e canções como *Tortured Soul*, *Tears of Blood* e *Fallen Word* simplesmente não encaixam com a voz de Turner - que continua cantando muito bem, como provam *Dark Night of the Soul* e *Requiem*, as únicas músicas que se salvam. O segundo ponto é o clichê escancarado, e *Desire*, *Living the Dream*, *Rise Up* e *Don't Fear the Dark* chegam a ser um déjà vu dentro do próprio trabalho. E para fechar o caixão, as letras... Olha, a faixa-título diz que 'você perdeu a sua liberdade, você talvez perca a sua vida' e ainda brada: 'Tome a vacina, mate a população'. *Black Sun*, por sua vez, destila as teorias da conspiração de uma "Nova Ordem Mundial". Haja paciência. Turner não perdeu a liberdade, tanto que pôde lançar um disco cujo conteúdo lírico é pura verborragia, mas a verdade é que o vocalista era muito melhor na sua fase peruca. Ter virado cosplay do Amin Khader não ajudou, realmente.

Daniel Dutra

WIZARDS

SEVEN

METAL RELICS - NAC.

8,5

Doze anos depois, o Wizards está de volta com seu sétimo álbum que, não por acaso, foi batizado de *Seven*. Christian Passos (vocal), Mendel Ben Waisberg (baixo), Leo Mancini (guitarra), Charles Dalla (teclados) e Gabriel Triani (bateria) fizeram um apanhado geral da carreira, que em 1992, com o homônimo trabalho de estreia, teve muito destaque no Japão e partir daí se consolidou na cena nacional. Nesta retomada da carreira, eles apostaram tanto no metal melódico, quanto no power metal e no hard rock que permeiam a história do quinteto. Composta durante a pandemia, a obra foi produzida, mixada e masterizada por Dalla. A rápida *Pain* vai agradar aos fãs mais antigos e tem tudo para ser ótima ao vivo, provável destino de *Living Undercover*, com seu refrão excelente. Se prefere a era mais power metal, *Storm The Highway* te fará sorrir. *Tell Me*, que inicia hard, mas vai ganhando peso, e a ótima *In The Night* são outros pontos altos. Faço questão de elogiar Passos. Com a experiência adquirida, ele mostra que, a partir de certa idade, não é necessário se arriscar em agudos não mais alcançáveis e, ainda assim, continuar a ser um dos melhores vocalistas do Brasil.

Alessandro Bonassoli

GAUPA

MYRIAD

NUCLEAR BLAST - IMP.

8,5

Os suecos Emma Näslund (vocal), Daniel Nygren e David Rosberg (guitarras), Erik Sävström (baixo) e Jimmy Hurtig (bateria) aliam elementos de stoner, doom, prog, rock e heavy metal com um ar psicodélico. Características que vêm desde o EP autointitulado de 2018 e do bom *Feberdröm* (2020). Você até pode não gostar, mas se não existisse qualidade a Nuclear Blast não teria assinado com a banda Gaupa, cujo nome em português significa lince. Há momentos em que se nota uma sonoridade que lembra o The Gathering da fase entre os álbuns *if_then_else* (2000) e *Home* (2006). Mas isso é sobre genialidade ao unir estilos diferentes mantendo identidade própria. As excelentes *Diametrical Enchantress* e *Exoeskeleton* são destaques imediatos. *Moloken* e *Ra*, mais contidas, direcionam a atenção do ouvinte para o instrumental elaborado. Mas todas, *Elden*, a intimista *Sömnem* e as demais têm um brilho maior por causa da voz e da interpretação vibrante de Emma. É o que sempre digo: abra a mente os ouvidos e aproveite música de primeira linha.

Alessandro Bonassoli

BLACKRAIN

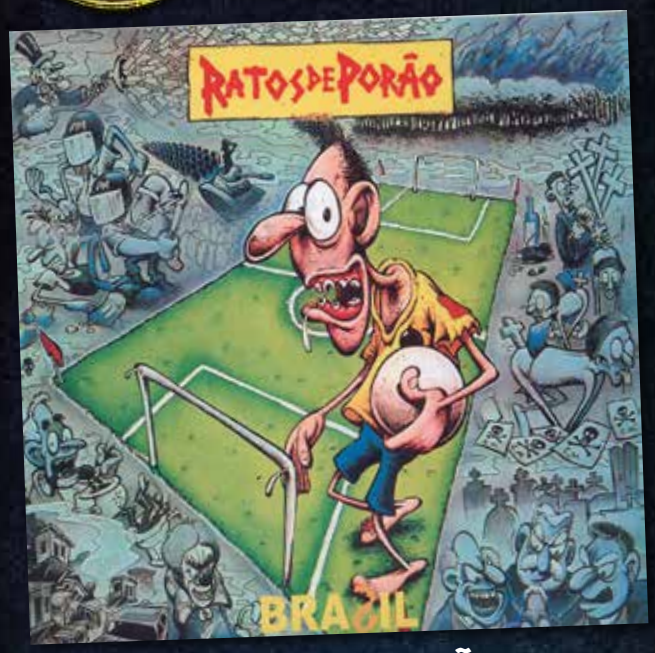
UNTAMED

STEAMHAMMER/SPV - IMP.

8,0

São tantas as bandas que surgem diariamente em todo o planeta que fica impossível acompanhar todos os lançamentos das múltiplas vertentes da música pesada. Desta vez, fui surpreendido pelo Blackrain, que iniciou a carreira em 2006, mas eu jamais tinha ouvido falar de Swan Hellion (vocal e guitarra), Max 2 (guitarra solo), Matthieu de la Roche (baixo) e Frank F (bateria). Ao olhar a arte da capa, pensei que era algum novo nome do metal extremo europeu. Até acertei o continente, já que o quarteto é francês. Mas errei na sonoridade: é sleaze rock e de bom nível. *Untamed*, sétimo álbum da banda, reúne 12 faixas nas quais o clima "de festa" é alto. E digo isso no melhor sentido possível da frase. Não se trata de "rock engraçadinho" ou hard rock "grudento" e genérico, mas de música com uma vibe "pra cima". Destaco *Neon Drift*, *Blade of Love*, a pesada *Kiss the Sky* e *Set the World on Fire*. Em todas precisei ouvir uma segunda vez imediatamente após a primeira execução, pois aquele feeling de "música boa" foi contagiante. Já passou a hora de a França ter mais bandas de rock e metal conhecidas na América do Sul.

Alessandro Bonassoli



RATOS DE PORÃO

BRASIL

Brasil, quarto disco do Ratos de Porão, é um dos mais importantes do rock brasileiro. A obra lançada em 1989 pela Roadrunner Records traz uma capa que é uma verdadeira obra de arte, assinada pelo talentoso e premiado cartunista Francisco de Assis Marcatti Júnior. O desenho de Marcatti é tão impressionante que se mostra atual até os dias de hoje. E foi através desta arte que seu trabalho ganhou atenção e, segundo ele mesmo, "saiu do porão".

O vocalista João Gordo, fascinado por quadrinhos, procurou o artista por causa do seu traço mais "sujo", que combinaria com a estética punk que eles procuravam. A concepção veio do próprio Gordo, com a ideia que fosse uma espécie de retrato do Brasil. Assim, a ilustração é uma crítica impiedosa e ampla ao Brasil e a tudo que cerca a história do nosso país. Ela traz como centro um campo de futebol esverdeado e um sujeito pobre, desleixado, babando, descalço, usando roupas rasgadas com as cores da bandeira brasileira e com uma bola nas mãos, em alusão à miséria do povo brasileiro. Ao redor do campo, em tons monocromáticos mais acinzentados, vemos tudo de mau, de forma resumida e certeira, que assola e trava o crescimento do Brasil, considerado o "país do futuro", aquele que parece nunca chegar.

Marcatti tem um traço muito peculiar e próprio, arredondado e "sujo", dono de grande personalidade, sendo possível reconhecer de longe seus trabalhos. Além de cartunista, ele é artista plástico, luthier e também toca guitarra, baixo e fez parte de várias bandas, tendo começado sua trajetória no começo dos anos 80, contabilizando mais de quarenta anos de carreira, dedicada quase que majoritariamente ao mundo HQ. Marcatti produziu quadrinhos autorais voltados a escatologias e histórias "desaconselháveis para todas as idades", como ele classifica. Além disso, colaborou com relevantes revistas em quadrinhos, como a clássica Mad na sua versão brasileira e Casseta & Planeta, que depois se tornou o famoso programa da Rede Globo.

Marcatti também assinou a capa do sucessor de *Brasil*, *Anarkophobia* (1991). Em 2018, ele e João Gordo se reuniram para relançar as duas revistas RxDxPx Comix, na qual os membros da banda são caracterizados como ratos para vivenciar quadrinhos hardcore. Enfim, um artista excelente que deixou sua marca em um dos mais consagrados álbuns do nosso crossover. E vale lembrar que o sucessor de *Cada Dia Mais Sujo e Agressivo* (1987) ganhou uma versão quebra-cabeça (puzzle) de 600 peças, lançada pela Corbe Toys.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

OZZY OSBOURNE

PATIENT NUMBER 9
SONY MUSIC - IMP.

9,5

Apesar de seus 73 anos, do Mal de Parkinson e de uma recente cirurgia na coluna, Ozzy Osbourne não se dá por vencido. Pouco depois de lançar *Ordinary Man* em 2020, o Madman surpreendeu ao revelar que já estava trabalhando em um novo álbum. E não devemos duvidar do príncipe da escuridão, pois está aí *Patient Number 9*, em que ele teve seu produtor, Andrew Watt, e outros parceiros colaborando na composição das músicas, além de uma constelação de convidados. E temos aqui um disco à altura da história do Madman. A faixa-título abre com obscuridade e dramaticidade aliadas à guitarra primorosa de Jeff Beck, que também aparece na emocionante *A Thousand Shades*, com solos que arrepiam, assim como os de Eric Clapton na pesada *One of Those Days*. Aliás, esse é um disco em que as guitarras brilham e, sabendo o compadre que tem, Ozzy trouxe Zakk Wylde, que deu um peso absurdo em *Parasite*, *Mr. Darkness*, *Nothing Feels Right* e na maldosa *Evil Shuffle*. Outra arrebatadora é *Immortal*, com Mike McCready, do Pearl Jam. Não dá para não mencionar como grandes destaques as fantásticas *No Escape From Now* e *Degradation Rules*, que nos dão outra chance de vermos juntos Ozzy e seu velho parceiro de Black Sabbath, Tony Iommi. Ozzy ainda nos diverte debulhando uma gaita na própria *Degradation...* e na instrumental *Darkside Blues*. Ainda é cedo para saber, mas se este for o último álbum de Ozzy, fecha bem a história de um dos pais do heavy metal!

Leandro Nogueira Coppi

TRATOR BR

ESPIRAL DE EXTINÇÕES
VÁRIOS - NAC.

8,5

Sete anos após o explosivo *Floresta Armada*, Leonardo Chagas (vocal e baixo), Amil Mauad e Ricardo Razuk (guitarras) e Rafael Graziani (bateria) retornam ainda mais mortíferos e querendo cravar seu lugar no coração dos fãs de música extrema. Isto se dá graças a *Bomba Atômica Brasil*, que é mais voltada ao thrash; a faixa-título, dona de partes para cantar junto e *Cordão Umbilical Rasgado*, que é dona de climas mais lentos, que se misturam a uma bateria veloz, vozes narradas e solos de tirar o fôlego. Se o seu pescoço ainda estiver intacto, confira *Explosão/O dia Seguinte*, que conta com incursões do black/thrash e é o ponto alto do repertório. Aliado ao poder das canções, chama a atenção a belíssima capa (mais uma tradição dos álbuns do quarteto) feita por Sandro Nunes, que vira uma espécie de pôster e nos faz até imaginar esse trampo em vinil. Mais uma vez os soldados não decepcionaram e espero que não levem mais sete anos para lançar outro full. O metal extremo precisa de mais bandas como o Trator BR!

João Messias Jr.

SOEN

ATLANTIS
SILVER LINING MUSIC - IMP.

10

O Soen brinda os seus dez anos de estrada lançando *Atlantis*, trabalho performado ao vivo ao lado de orquestra de oito componentes no icônico Atlantis Grammofon Studio, em Estocolmo (SE), em dezembro de 2021. Com a proposta de reinterpretar canções da sua discografia, os suecos abriram caminho para explorar detalhes, passagens e novos arranjos que enriquecem a todo momento a aura de canções que originalmente são bastante emotivas. Joel Ekelöf (vocal), Lars Enok Åhlund (guitarra e piano), Cody Lee Ford (guitarra solo), Oleksii "Zlatoyar" Kobel (baixo) e Martin Lopez (bateria) dão um show de competência, mas é impossível não destacar a estupenda interpretação de Ekelöf e a sensibilidade rítmica de Lopez. O primeiro canta de tal forma que parece fazer você respirar as melodias e incorporar as letras, enquanto as levadas cheias de nuances carregam o ouvinte de forma flutuante. A produção conseguiu capturar bem o ambiente intimista da apresentação, privilegiando a dinâmica do grupo e abrindo caminho para que detalhes sejam percebidos a cada audição. O repertório é composto majoritariamente por canções dos discos *Imperial* (2021), *Lotus* (2019) – os melhores de sua discografia – juntamente com faixas de *Lykaia* (2017) e *Cognitive* (2012). Confesso ter sentido falta de algo de *Tellurian* (2014), que tem canções que mereciam ser revividas. De qualquer forma, as 12 do repertório foram bem escolhidas. Agregando ao set, temos a inédita *Trials* e um estupendo cover de *Snuff* (Slipknot), que ficou melhor que a versão original. Em resumo, *Atlantis* mostra o quão rica é a música do Soen e o quanto ela é perfeita para desacelerar e curtir a brisa de uma vida passageira.

Guilherme Spiazzi

THRESHOLD

DIVIDING LINES
NUCLEAR BLAST - IMP.

8,0

O último álbum de estúdio do Threshold foi *Legends of the Shires* (2017), seguido pelo ao vivo *Two-Zero-One-Seven* (2018). Passada a "pandemônia", Karl Groom (guitarra solo), Richard West (teclados), Glynn Morgan (voz e guitarra base), Steve Anderson (baixo) e Johanne James (bateria) voltam com seu 12º trabalho de estúdio. Nas 10 novas músicas, os britânicos mantêm sua tradição de um dos melhores nomes do prog metal mundial ainda que, a meu ver, mereçam há anos um reconhecimento maior. Morgan, que integrou a banda entre 1993 e 1996 e voltou à formação em 2017, é um dos destaques. Sem firulas e exageros, o cara dá o recado com competência, comprovando que o Threshold não pode ficar sem ele. Falar sobre as qualidades técnicas dos demais músicos é chover no molhado. O único ponto negativo é *The Domino Effect*, com longos e cansativos 11'03". Mas, claro, querer mudar um dogma de uma instituição como o prog é luta inglória. Então, o melhor mesmo é ligar o som e recarregar os ouvidos e a mente com as ótimas *Complex*, *Lost Along The Way* e *Let It Burn*, além de *Run*, *Haunted*, *Silenced*.

Alessandro Bonassoli

MISS MAY I

CURSE OF EXISTENCE
SHARPTONE - IMP.

8,0

Foi o maior hiato entre um álbum e outro, mas, cinco anos depois de *Shadows Inside*, o Miss May I volta ao mercado fonográfico com um trabalho marcado por transformações pessoais marcadas não apenas pela pandemia. E *Curse of Existence*, sétimo disco da banda americana de metalcore, é um trabalho brutal tanto musical quanto liricamente. *A Smile That Does Not Exist*, que abre o repertório, entrega o primeiro ingrediente ao começar arregaçando com blast beats antes da fórmula que permeia todo o trabalho: uma mistura de passagens pesadas e rápidas com refrãos melódicos e trechos pula-pula. *Earth Shaker*, cujo início é uma fusão de *Redneck* com *Desolation*, do Lamb of God, ratifica o caminho musical pelo qual trilharam Levi Benton (vocal), B.J. Stead e Justin Aufdemkampe (guitarras), Ryan Neff (baixo e vocal limpo) e Jerod Boyd (bateria), cujo fim se encontra em três das quatro melhores faixas do álbum: *Hollow Vessel*, *Unconquered* e *Born Destroyers*, que foge um pouco da cartilha ao apresentar um instrumental mais amplo. E o quarto grande destaque vai para *Bleed Together*, na qual Benton fala sobre a relação entre pai e filho, numa sequência positiva de *Hey Mister*, de *At Heart* (2012).

Daniel Dutra

FIERCE HEART

WAR FOR THE WORLD

MUSIK - NAC.

8,0

O Fierce Heart surgiu em 1985 como um promissor projeto do hard rock dos EUA criado por Jim Delehart, da Mirage Records, que uniu Rex Carroll (guitarra) e Larry Elkins (baixo). Mas, no ano seguinte, Carroll formou o Whitecross, veio o sucesso na cena das bandas cristãs e ele tomou a decisão mais óbvia. Trinta e seis anos depois, o agora veterano guitarrista retoma o grupo com o qual iniciou a carreira e lança *War For The World*. Único remanescente da versão original, ele reuniu Robert Reynols (vocal), Antonio Acevedo (baixo) e Nick Forchione (bateria) para mostrar que o Fierce Heart realmente tinha potencial para estourar na distante década dourada do hard rock. Basta ouvir os riffs de *Built For Speed*, a balada *Lost Inside Your Love* e *Road To Nowhere* para as memórias de Mötley Crüe, White Lion e Dokken aflorarem. Carroll decidiu também regravar a agradabilíssima *Out For Blood* para reconectar-se ainda mais com o início de sua história. Certo, talvez você possa dizer que é só mais um grupo com som datado. Mas se é o que o cara sabe fazer que mal há nisso? Não vejo problema em tudo que foi bom poder retornar.

Alessandro Bonassoli

INVICTUS

UNSTOPPABLE

MNRK HEAVY - IMP.

8,5

Maurizio Iacono tem sido muito mais do que apenas um personagem célebre do cenário metal canadense. Presença constante no Kataklysm desde sua fundação em 1991, ele assumiu os vocais da instituição death/groove em 1998, e também lidera a excelente Ex Deo. Além disso, é fundador da Distortion Music Group, chefe da Hard Impact Artists Management e um dos proprietários da agência de shows Continental Touring. Como aparentemente ainda havia espaço na sua agenda, aqui estamos diante do Invictus, seu novo projeto musical, que estreia com *Unstoppable*. Mas em que esta nova banda difere das anteriores? Ao colocar o álbum para rolar, você imediatamente percebe as similaridades, já que aquele 'punch' vigoroso e vibrante que vem do groove intenso permanece como 'chave' na música de Iacono, mas são principalmente os vocais que tornam o Invictus em algo único. Se o canadense permanece colocando os bofes para fora, Chris Clancy (Mutiny Within) apresenta vocais limpos e melódicos, que se destacam em *Bleed Me Out* e *Eagles*, por exemplo. Mais um ótimo álbum, para ouvir sem sustos.

Valtemir Amler

KAMPFAR

TIL KLOVERS TAKT

INDIE - IMP.

8,5

Formado em 1994 pelo multi-instrumentista Dolk, nome sempre conectado às origens do black metal norueguês com o Mock, o Kampfar tem em seu currículo o clássico debut *Mellom Skogkledde Aaser* (1997), mas foi com os recentes *Djevelmakt* (2014), *Profan* (2015) e *Ofidians Manifest* (2019) que marcou de vez o seu nome no cenário. *Til Klovers Takt* é mais um belo disco do quarteto norueguês, e não há motivos para que sua recepção seja menos calorosa do que a recebida pelos mencionados álbuns que o precedem. Para começar, as longas *Lausdans Under Stjernene* e *Urkraft* trazem aquela aura densa e melancólica tão apreciada pelos fãs do estilo, criando um ambiente mais do que propício para as pedradas viscerais que vêm na sequência, com *Fandens Trall* e *Flammen Fra Nord*. A pegada não diminui com a ótima *Reqviem*, que traz boas nuances rítmicas e bons arranjos de voz, talvez a faixa mais completa do disco. O álbum fecha com *Dødens Aperitiff*, outro exemplo de que o black metal pode mas não precisa se limitar ao 'necro sound'.

Valtemir Amler

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

OPETH

IN CAUDA VENENUM

Em seus mais de trinta anos de jornada musical, o grupo sueco Opeth enveredou por muitos caminhos. Muito disso é fruto da mente do vocalista e guitarrista Mikael Åkerfeldt, que parece ter assumido como missão criar um mundo musical sem fronteiras. Em *In Cauda Venenum*, lançado em 2019, veio a ideia de apresentar duas versões do mesmo álbum – uma em sueco e outra em inglês.

Trata-se de um disco complexo, que exige emoção para ser bem assimilado. *Dignity* mostra mudanças de andamento aliadas a melodias incríveis e ótimas passagens acústicas. *Heart in Hand*, com seus mais de oito minutos, funciona como uma espécie de 'tour de force' do talento criativo de Åkerfeldt. *Next to Kin*, por sua vez, tem clima sombrio e modorrento, com linhas vocais inteligentes. A 'balada' *Lovelorn Crime* é tocante, enquanto *Charlatan* é uma viagem rítmica repleta de psicodelia e *The Garroter* é um jazz inserido em um disco de rock. *Universal Truth* é um arroubo progressivo em um contexto musical só possível para o Opeth. O álbum que marcou a saída do baterista Martin Axenrot (substituído por Waltteri Väyrynen) encerra com a longa *All Things Will Pass*, que traz como mensagem para o ouvinte a lembrança de que um dia tudo acabará.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **7,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **5,5**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (redator): **9,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (redator): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **6,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
João Messias Jr. (colaborador): **7,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **5,5**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **5,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **9,0**
Luiz Tosi (editor online): **5,0**
Maicon Leite (colaborador): **7,0**
Matheus Vieira (colaborador): **8,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **5,0**
Thiago Prata (colaborador): **9,5**
Valtemir Amler (redator): **9,5**

MÉDIA FINAL:

7,3

RELEASES

DISTURBED

DIVISIVE
REPRISE - IMP.

6,0

Envolto a muita (ou pelo menos certa) expectativa, *Divisive* pode ser encarado como uma decepção. E nem é pelo fato de estar anos-luz atrás de discos como *Ten Thousand Fists* (2005) e *Indestructible* (2008). Sem fazer comparações ou paralelos com petardos do passado, o oitavo disco dos americanos do Disturbed traz alguns dos velhos elementos de seu metal alternativo, com inclinações ao heavy e ao hard, porém, sem tanto tempero. Há momentos em que você espera vir um peso extra. E não vem. Em outros, aguarda uma veia mais melódica para premiar as boas linhas vocais de David Draiman. Mas fica só na espera. A faixa-título e o single *Unstoppable* ilustram bem essas duas situações. Só que nem tudo está perdido. *Hey You* é um cartão de visitas interessante, assim como a parceria com a vocalista Ann Wilson (Heart), uns riffs em *Feeding the Fire* e algumas letras inteligentes. É pouco? É! Mas vale sua atenção, sobretudo em um álbum que poderia entregar (muito) mais. Um adendo: a produção polida de Drew Fulk "ajuda" um bocado para o resultado final das dez faixas.

Thiago Prata

BLOODBATH

SURVIVAL OF THE SICKEST
METAL ARMY - NAC.

9,0

Se levarmos em consideração as características da época, no final dos anos 90 havia um domínio do brutal death e do technical death dentro do cenário death metal, então, fazia todo o sentido um time de músicos estrelados se unirem para resgatar a sonoridade mais clássica do estilo. Foi justamente para isso que surgiu o Bloodbath em 1998, e essa tem sido a missão que eles encararam nas últimas décadas. Depois de incorporar nuances de black metal em *The Arrow of Satan Is Drawn* (2019), eles retornam para um caminho mais 'tradicionalista' com *Survival of the Sickest*, que é uma das melhores audições do gênero em 2022. Riffs certeiros, dotados de muito peso e fortes melodias (típicos da escola sueca), os vocais maduros e bem encaixados de Nick Holmes e ótimas ideias musicais, que incluem a presença de convidados especiais, dão o tom deste álbum. Entre os destaques estão *Zombie Inferno*, *Putrefying Corpse* (com Barney Greenway, do Napalm Death), *Carved* (um dos melhores riffs do ano, além da participação de Luc Lemay, do Gorguts) e *To Die* (com Mark Grewe, Insidious Disease, ex-Morgoth).

Valtemir Amler

ELLEFSON/SOTO

VACATION IN THE UNDERWORLD
ROAR! ROCK OF ANGELS - IMP.

9,5

Você já deve saber que David Ellefson e Jeff Scott Soto juntaram forças, certo? É, mas não espere que *Vacation In The Underworld* seja uma mistura de Megadeth, que consagrou o baixista, com a sonoridade de *Rising Force* (1984), álbum de Yngwie Mamsteen que projetou o vocalista. O melhor é não pensar em rótulos. Há ótimas influências de thrash metal na faixa-título, com os convidados Steve Conley (guitarra) e Ken Mary (bateria), ambos do Flotsam & Jetsam, e em *Sharpen The Sword*. Mas também tem hard rock moderno e pesado, como na ótima *Like A Bullet* e em *The Reason*. Note também a pegada "quase" punk em *STN* e a levada metal tradicional em *The Revolution*. A mais acessível *The Day Before Tomorrow*, com a participação da vocalista Jade Etro (Frozen Crown), e a épica *Live To Die Another Day*, ajudam a completar as muitas nuances sonoras que o grupo completado por Andy Martognelli (guitarra e teclado) e Paulo Candi (bateria) reuniu. O resultado final nem poderia ser diferente com a junção de dois talentos como Ellefson e Soto. Espero que o álbum seja o primeiro de muitos.

Alessandro Bonassoli

DARKTHRONE

ASTRAL FORTRESS
METAL ARMY - NAC.

8,5

As linhas de guitarra acústica entremeadas pela guitarra distorcida em *Caravan of Broken Ghosts* foi um tiro certeiro para abrir o álbum, especialmente com seu ritmo midtempo e clima épico. Afinal, o que poderia ser melhor para um disco de black metal do que evocar os velhos clássicos do Bathory? E, se o novo álbum for de uma lenda como o Darkthrone, como poderia ser melhor? Não se esforce para responder, pois Fenriz (bateria) e Nocturno Culto (vocal e guitarra) fizeram isso ao longo de *Astral Fortress*. Trazendo em seu corpo muito do velho som do Hellhammer/Celtic Frost, o álbum segue furioso e poderoso com *Impeccable Caverns of Satan* e *Stalagmite Necklace*, que usa de teclados e sintetizadores para garantir um efeito mais soturno em sua estrutura. A já bem conhecida (em seus mais de dez minutos) *The Sea Beneath the Seas of the Sea* é outra que traz sintetizadores em sua trama e ganha o ouvinte na primeira audição. Fechando o álbum temos ainda a ótima *Kevorkian Times* (speed/black), a modorrenta instrumental *Kolbotn, West of the Vast Forests* e *Eon 2*, um fim diferente e até melódico para um álbum muito bom.

Valtemir Amler

U.D.O.

THE LEGACY
AFM - IMP.

8,5

Sempre vi coletâneas como meros caça-níqueis para gravadoras. Ainda mais atualmente, quando CDs não são a forma mais rentável para os artistas pagarem suas contas. Mestre Udo Dirkschneider discorda e lança mais uma. *The Legacy* é um ótimo apanhado da vasta discografia do vocalista. Aos 70 anos de idade - 35 dos quais com a banda solo iniciada após sua saída do Accept - ele não precisa provar nada nem se explicar. Desta vez, optou pela mais extensa das agora três compilações que já lançou. São 33 faixas que muito bem representam a longa lista de serviços prestados ao heavy metal pelo baixinho. Claro que, obviamente, não há como agradar todo mundo, afinal são 17 álbuns de estúdio para fazer uma seleção. Mas, tenha certeza, o repertório é excelente. Destaque para *Wilder Life* e *What A Hell Of A Night*, que foram faixas bônus nas versões japonesas de *Game Over* (2021) e *Steelfactor* (2018). Das conhecidas no ocidente, cito *They Want War*, *Metal Never Dies*, *Pain*, *Go Back To Hell*, *Dominator*, *Mastercutor*, *Holy*, *We´re History* e *Freelance Man*. Mas, já que Udo é obrigatório, então ouça estas e todas as demais.

Alessandro Bonassoli

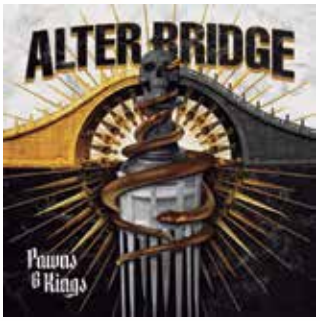
XENTRIX

SEVEN WORDS
LISTENABLE - IMP.

8,5

Depois de fazer história entre o final dos anos 80 e meados dos 90 como uma das melhores bandas do thrash britânico, o Xentrix amargou um longo período de ostracismo que só foi rompido em 2019, ano em que lançaram o elogiado *Bury The Pain*. Como desgraça pouca é bobagem, no ano seguinte começou a pandemia, e o retorno triunfal acabou não sendo tão 'triunfal' assim. Felizmente eles não desanimaram, e aqui têm uma nova chance, com *Seven Words*. Já vamos começar adiantando que, de novo, eles têm um disco digno de elogios. Se a abertura com *Behind the Walls of Treachery* não chega a empolgar, o tom 'kreatoresco' da faixa-título mostra que eles têm belos truques na manga, impressão reforçada com *The Alter of Nothing* (lembra das velhas comparações com o Metallica? A voz faz por merecer), *Everybody Loves You When You're Dead* (riff de abertura 'chupado' de *Eye of the Beholder*, do Metallica) e *Reckless With A Smile*. Como sempre foi o caso com o Xentrix, as comparações estão aí, e pode apostar que são válidas. Mas são ótimas comparações, e esse é um ótimo álbum.

Valtemir Amler



ALTER BRIDGE

PAWNS & KINGS
NAPALM - IMP.

8,0

Para quem é fã de um som "das antigas", como este que vos escreve, parece ser um pouco complicado absorver em sua plenitude a sonoridade de uma banda mais moderna como é o caso do Alter Bridge. Só que, na verdade, nem acaba sendo tão complicado assim. Pra começar, há muitas bandas que, apesar de novas, apostam num repertório calcado nos anos 70 e têm sonoridade semelhante. Rival Sons e Blues Pills são bons exemplos disso. Além disso, o vocalista Myles Kennedy é conhecido por ser o frontman do The Conspirators, banda que acompanha Slash (um nome mais que clássico) em sua carreira solo. Com tudo isso em mente você coloca pra rodar o mais novo disco da banda e acaba se surpreendendo. Criativo, direto, bem arranjado, fazendo um apanhado de vários subgêneros, mas principalmente calcado no hard rock e com Myles à frente mostrando toda sua eficiência. O peso chega a surpreender logo na faixa de abertura, *This Is War*, e no excelente timbre da guitarra de Mark Tremonti em *Sin After Sin*. Pule *Stay*, um típico pop de FM que traz Mark nos vocais, e vá para *Holiday*, bela sonzeira movida a riff de guitarra, para descambar na longa (quase nove minutos) e repleta de ritmos e sonoridades *Fable of the Silent Son*. *Pawns & Kings* não vai mudar o mundo da música, mas garante quase uma hora de boa diversão.

Antonio Carlos Monteiro

RAZOR

CYCLE OF CONTEMPT
RELAPSE - IMP.

9,0

Convenhamos, o mundo não merecia ter passado mais de duas décadas sem um novo álbum de estúdio do Razor. Afinal, a banda canadense não foi apenas uma das bases mais sólidas do speed/thrash oitentista, foi responsável por alguns dos discos mais icônicos no estilo, sobrevivendo como uma lenda do underground mesmo quando todos os seus trabalhos estavam fora de catálogo. Por tudo isso, o mundo precisava de um novo álbum e, finalmente, Bob Reid (vocal), Dave Carlo (guitarra), Mike Campagnolo (baixo) e Rider Johnson (bateria) nos presenteiam com *Cycle of Contempt*. Uma das minhas favoritas, *Off My Meds* tem bateria rápida e pungente, riffs cortantes, e os velhos 'gang-vocals' no refrão, além de um daqueles solos de guitarra que são muito mais feeling do que técnica. *Flames of Hatred* segue a mesma premissa, colando na mente já na primeira audição. Outros destaques óbvios para o fã de speed/thrash vão para *First-Rate Hate*, *Punch Your Face In*, *All Fist Fighting* e o encerramento, com *King Shit*. Sem sombra de dúvida, eles não conseguiram recriar todos os elementos de sua música nos anos 80, e acho que nenhum de nós sequer pediria isso. O que realmente queríamos está aqui: o Razor de volta, e cuspindo fogo em cada canção deste novo registro!

Valtemir Amler

TROUBLE

LIVE IN STOCKHOLM
HAMMERHEART - IMP.

9,0

Mais de um ano já se passou desde a morte de Eric Wagner, que nos deixou em agosto de 2021. Então, nada mais justo do que homenagear uma das vozes mais importantes do doom metal com *Live In Stockholm*, que captura Eric e seus parceiros, Chuck Robinson (baixo), Rick Wartell (guitarra), Jeff Olson (bateria) e Bruce Franklin (guitarra), no auge, em uma apresentação especial na capital da Suécia, em 2003. O show, que foi organizado e gravado em áudio e vídeo por Leif Edling (Candlemass) foi originalmente lançado em vídeo em 2006, mas até hoje não tinha sido disponibilizado em um formato físico de áudio, erro que só agora é corrigido através da Hammerheart, com um belíssimo LP duplo. Quanto ao repertório, seria impossível revisitar tudo que de melhor essa banda fez em uma única apresentação (eles não costumavam falhar), mas boa parte das favoritas dos fãs está aqui. A abertura com *RIP* já mostra a força dos riffs e a voz potente que sempre foi uma característica de Eric, e o ritmo vai alternando do doom clássico dos primeiros dias para aquele algo mais stoner que a banda provou nos anos 90, como na ótima *Plastic Green Head*. Revisite, talvez pela milésima vez, as ótimas *Fear*, *Psalm 9*, *Run To The Light*, *The Skull* e *The Tempter*.

Valtemir Amler

THE CROSS

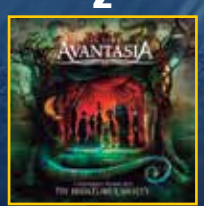
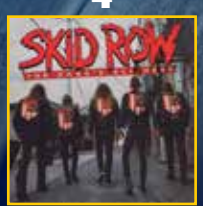
ACT II: WALLS OF THE FORGOTTEN
PITCH BLACK - IMP.

9,0

Nome fundamental no cenário metal nacional, a baiana The Cross será para sempre reverenciada como uma das pioneiras do doom metal no nosso hemisfério, e, apesar de mais de três décadas terem passado desde sua fundação, esse é ainda apenas o segundo álbum completo (EPs, demos e até um álbum ao vivo completam a coleção). A discografia pequena colocada ao lado da importância da banda no cenário já bastaria como um certificado da qualidade da sua música, mas felizmente os caras não pouparam recursos neste novo álbum, que traz tudo aquilo que esperamos de um bom álbum doom: músicas densas e arrastadas, atmosferas sufocantes, melodias pungentes, e um clima de horror e tristeza que permeia cada segundo das seis canções, divididas em quase uma hora de audição. Como um bom disco doom, 'destaques rápidos' realmente não interessam aqui. Aliás, nada rápido interessa aqui. Você definitivamente precisa colocar o álbum para rolar na íntegra, absorvendo cada elemento no seu devido tempo: *Act II: Walls of the Forgotten* foi feito para absorver a sua atenção e guiar sua mente por caminhos soturnos e lúgubres, mas que se revelarão bastante satisfatórios ao final. Apenas para evidencias o que disse, redobre a atenção ao ouvir a sequência *Beyond The Eyes of Seth* e *Sonnenstein Castle*.

Valtemir Amler

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
OZZY OSBOURNE	**AVANTASIA**	**MEGADETH**	**SKID ROW**	**SODOM**
PATIENT NUMBER 9	A PARANORMAL EVENING WITH THE MOONFLOWER SOCIETY	THE SICK, THE DYING... AND THE DEAD!	THE GANG'S ALL HERE	40 YEARS AT WAR THE GREATEST HELL OF SODOM

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Mikko Saastamoinen

Pekka Koskelo, Lasse Pyykkö, Harri Kuokkanen e Teemu Hannonen, toda tradição do death/doom finlandês

AQUELES QUE absorvem a noite

Death/doom repleto de riffs típicos da NWOBHM marcam o sexto e mais novo álbum da banda finlandesa

Por Valtemir Amler

Quando se trata de death metal, qualquer fã sabe que as bandas finlandesas imprimiram um caráter muito específico ao estilo, especialmente quando nos referimos aos grupos pioneiros, formados em finais dos anos 80 ou início dos 90. Tendo sempre à frente a figura do guitarrista fundador Lasse Pyykkö, o Hooded Menace está diretamente conectado àquele movimento, já que Lasse fazia parte do Phlegethon, um dos muitos atos 'cult' do lendário cenário extremo finlandês, além de integrante de um sem número de outros projetos musicais. Apostando todas as suas fichas no mais sujo, mórbido e excruciante death/doom, o Hooded Menace se tornou conhecido já com seu debut, *Fulfill the Curse* (2008), e ganhou notoriedade mundial com seu sucessor, *Never Cross the Dead* (2010). Embora se mantenha habitando os recônditos mais pútridos do metal extremo, Lasse e seu Hooded Menace vêm adicionando doses generosas de melodias heavy metal à sua fórmula musical, chegando à perfeição com o mais novo álbum, *The Tritonus Bell*. Conversamos com Lasse, que nos falou sobre sua parte na gênese do metal extremo finlandês e sobre os novos caminhos do Hooded Menace.

Quanto da imagem e da temática do Hooded Menace foi realmente influenciada pelo cinema de terror?

Lasse Pyykkö: Olha, essa na verdade é uma ótima pergunta. Somos uma banda de death/doom, temos uma imagem forte e letras que convêm ao gênero, então as pessoas naturalmente deduzem que sou um grande fã de filmes de terror. Só que eu não sei se posso ser considerado como um 'grande fã'. Certamente não sou um profundo conhecedor do gênero, mas tenho uma lista de favoritos. Adoro aqueles filmes trash dos anos 80, com um orçamento baixo o suficiente para o filme ser mais sobre boas ideias do que sobre efeitos especiais, sabe? Gosto dessa coisa mais tosca (risos). Filmes como Sexta-Feira 13, Halloween, A Hora do Pesadelo, A Noite dos Mortos Vivos e tal, eles são muito famosos e todo mundo já assistiu, mas eram pobres e toscos, e é disso que gosto e lembro quando penso em filmes de terror. Meu conhecimento não vai muito além disso. A verdade é que para mim a música sempre veio antes. Sempre me interessei muito mais em música do que em filmes e outras coisas, então minhas referências reais costumam vir da música mesmo, a minha primeira e verdadeira paixão.

Basicamente, o que está dizendo é que o terror do Hooded Menace vem de outras bandas de death metal e não do cinema, certo?

Lasse: Exatamente. A música pesada chegou antes do cinema na minha vida e, você sabe, junto com o heavy metal já vem um monte de imagens de terror, que estão nas capas incríveis, nos encartes, nas letras, nas estampas das camisetas. O terror está presente na música pesada em geral.

Mas você já ouvia música pesada antes de conhecer o metal extremo, certo?

Lasse: Sim, comecei a realmente me interessar em música com o rockabilly, pois curtia muito Stray Cats. Em 1984, conheci Van Halen com o disco daquele ano, e aquilo me agradava. Curtia outras coisas de hard rock, AC/DC, as bandas que ouvia nas rádios da Finlândia. Um pouco mais tarde mergulhei em coisas como W.A.S.P., Twisted Sister e outras que abriram o caminho do metal para mim.

E foi daí que você partiu definitivamente para o metal extremo.

Lasse: Pode-se dizer que sim. Claro que ouvi muito as bandas clássicas, como Iron Maiden e Judas Priest. Essas bandas eram pesadas e tinham melodias ótimas, muito cativantes. Você ouvia uma vez e ficava viciado nelas. Mas o mundo veio abaixo para mim quando ouvi pela primeira vez o Slayer, aquilo mudou completamente a forma como eu via a música. Eu fiquei impressionado com o Slayer e decidi que se fosse fazer música, teria que ser algo daquele jeito. Depois do Slayer, comecei a conscientemente procurar por música cada vez mais brutal. Lembro que de uma coletânea que teve um impacto enorme em mim, o primeiro volume da série *Speed Kills* (N.R.: lançado em 1985, pela Music For Nations). Poucos álbuns tiveram tanto impacto quanto aquele, pois foi meu primeiro contato com bandas como Destruction, Possessed, Venom, Celtic Frost e Exodus. Depois disso, mergulhei de cabeça no som do Death, que foi a primeira banda de death metal que descobri. Ainda acho *Scream Bloody Gore* (1987) e *Leprosy* (1988) álbuns insuperáveis.

Nessa época você começou a tocar com o Phlegethon, justamente quando o metal extremo finlandês começava a dar as caras.

Lasse: É verdade. O Phlegethon foi minha primeira banda de verdade, algo que não fosse apenas um grupo de amigos do colégio se divertindo juntos e tal. Tínhamos grandes ambições e queríamos ser parte da nascente cena mundial do metal extremo. Bem, conseguimos isso, trocamos muitas fitas na época, tínhamos contato até com o Brasil, de onde vinha o Sarcófago, que sempre foi uma das melhores bandas do mundo. Mas a cena na Finlândia ainda era algo novo, existia muita gente envolvida com o heavy metal, claro, mas era mais com o heavy tradicional e o thrash.

E vocês foram um dos pioneiros a explorar o metal extremo, ao lado de outros grupos que se tornaram clássicos.

Lasse: Sim, e você tinha que trabalhar muito duro para conseguir algo naqueles dias. Quer dizer, não estávamos tão 'atualizados' com o que acontecia no cenário quanto nossos vizinhos da Suécia. As coisas demoravam mais para chegar até nós e quando chegavam geralmente eram deixadas de lado, especialmente se fossem muito brutais. Quando começamos a tocar death metal, as pessoas ainda estavam ouvindo Anthrax e andando de skate (risos), então era difícil ganhar adeptos (risos). Você sabe, nem todo mundo consegue ir de Anthrax para Death e Autopsy.

Confesso que isso é diferente do que eu havia imaginado.

Lasse: Sim, quer dizer, quem imaginaria? Nossa primeira demo sequer foi percebida aqui na Finlândia. As primeiras cópias foram enviadas para a Suécia. Mas a cena já estava acontecendo, lentamente as coisas estavam evoluindo. Ao nosso lado, bandas como Xysma, Funebre, Abhorrence, Purtenance e outras já estavam ativas. Achávamos que estávamos sozinhos, mas esses caras estavam lá, apenas não sabíamos disso. Assim que essas bandas começaram a ter contato umas com as outras, a cena foi se organizando e se estabelecendo. Tudo ganhou uma proporção nova aos meus olhos naquela época, pois é ótimo saber que não se está sozinho.

THE TRITONUS BELL
Mindscrape - Nac.

Em uma época sem internet, a distância física podia ser um desafio para uma cena underground.

Lasse: Sim, e esse foi o nosso problema. De certa forma, estávamos isolados em uma região da Finlândia em que não acontecia muita coisa, enquanto no sul do país havia uma cena se organizando. Sempre houve mais shows por lá, na área de Helsinque e Turku, as grandes cidades na época. Havia mais casas de shows por lá, mas mesmo assim era complicado para as bandas de death metal. Para você ter uma ideia, começamos em 1988, mas só fizemos nosso primeiro show em 1991, aqui em Joensuu. E não foi apenas o nosso primeiro show, foi a primeira apresentação de uma banda de death metal na cidade.

As coisas foram difíceis, mas em 2007 você fundou o Hooded Menace, que soava ainda mais extremo e inacessível que o Phlegethon.

Lasse: Sim, sempre tive convicções muito fortes sobre a música que quero fazer, então era tudo questão de aguardar o momento certo. Com o Hooded Menace fazemos algo mais death/doom, com o Phlegethon era mais death/thrash, então, sim, estamos mais extremos e inacessíveis, mas sabe qual é a diferença? O cenário hoje está preparado para este tipo de música. Em 2008 lançamos *Fulfill the Curse*, que chamou atenção, e já em 2010 tínhamos um contrato com a Profound Lore para lançar *Never Cross the Dead*. Depois trabalhamos com a Relapse e *The Tritonus Bell* já é o nosso segundo pela Season of Mist, quer dizer, o mundo hoje é mais aberto para uma banda extrema.

Você mencionou os dois álbuns pela Season Of Mist, e talvez a principal marca de *Ossuarium Silhouettes Unhallowed* (2018) e *The Tritonus Bell* (2021) é que eles equilibram todas as suas referências na música. Adoro a maneira como suas referências heavy e thrash transparecem nas melodias de *Chime Diabolicus* e *Blood Ornaments*, por exemplo.

Lasse: Obrigado, eu concordo com isso. Bem, demorou um bom tempo para fazer isso, mas a verdade é que foi um processo que se iniciou em 2005, quando comecei a trabalhar em novas demos do Phlegethon. Eu estava retornando ao metal, em 2008 fundei o Vacant Coffin e o Hooded Menace, conscientemente estava mergulhando de novo no mundo da música que amo. Os dois álbuns mais recentes, especialmente *The Tritonus Bell*, mostram uma mistura do death metal, que é o meu mundo, com aquele heavy clássico de que falamos. É a minha forma de mostrar que não esqueci quem sou e nem nego a importância que cada etapa teve na minha formação. Algumas pessoas odiaram, queriam death/doom puro, mas as respostas têm sido boas. A verdade é que nem eu sei como será o próximo passo, então só podemos esperar (risos).

Candlemass

Os verdadeiros Deuses Escandinavos

Criadores do epic doom metal apresentam *Sweet Evil Sun*, terceiro álbum completo com a voz de Johan Längquist

Por Valtemir Amler

Mais do que uma banda clássica da era mais memorável da história do metal, o Candlemass é nome obrigatório para qualquer pessoa que curta ótimos riffs, melodias cativantes e canções de indelével tom épico. Essa belíssima tradição foi iniciada ainda em 1986, ano em que lançaram *Epicus Doomicus Metallicus*, álbum que não apenas colocou a banda no mapa do underground, mas que também batizou todo um novo subgênero, o epic doom metal. Um dos destaques daquele debut era um vocalista jovem, que havia aceitado gravar o disco, mas que se recusara a entrar na banda. Claro, estamos falando de Johan Längquist, o mesmo que assumiu os vocais em 2018, salvando assim a banda da aposentadoria certa, como contou a este repórter o líder e baixista Leif Edling em 2019. Após todo o estardalhaço causado *The Door to Doom*, os suecos tiveram seus planos atrapalhados pela pandemia, mas aproveitaram a ocasião para trabalhar em mais um álbum de inéditas, o terceiro completo com os vocais de Längquist. Pois foi justamente a voz do Candlemass que procuramos para revelar os detalhes de sua história com os criadores do epic doom.

Acredito que esta é a primeira vez que você fala com uma revista brasileira, então tem um monte de histórias que gostaria de revisitar.

Johan Längquist: Sim, essa é a minha primeira conversa com um jornalista do Brasil e é um prazer falar com você, Valtemir. Ouvi coisas boas a seu respeito tanto por parte do nosso selo (Napalm) quanto da parte de Leif Edling, então obrigado por essa oportunidade. Sim, esta é a chance perfeita para revisitarmos algumas histórias do passado. Por onde gostaria de começar?

Pelo início de tudo. O Candlemass já tinha iniciado uma história antes da sua presença, mas foi com os seus vocais em *Epicus Doomicus Metalicus* que eles mudaram o jogo. Como era a sua vida até aquele ponto?

Johan: Eu já estava conectado ao mundo da música há alguns anos quando finalmente entrei em contato com o Candlemass. A música pesada sempre foi algo que me atraiu. A forma como as bandas tocavam, a energia e a vibração que aquelas músicas transmitiam. Claro, existem boas músicas em todos os gêneros, então é uma coisa boa você ser capaz de ouvir algo além do metal, e eu curtia e curto algumas coisas de outras vertentes.

SWEET EVIL SUN
Napalm - Imp.

Existem ótimos discos punk por aí e nos anos 70 tínhamos os melhores! O mesmo pode ser dito do rock progressivo, pois havia bandas únicas naqueles dias. Bem, aquilo que se convencionou chamar de classic rock nos dias atuais, na época chamávamos apenas de rock, então você já pode imaginar a razão de hoje terem incluído o 'classic' ao nome (risos). Também já tínhamos Black Sabbath, Judas Priest, Motörhead, UFO e tantos outros, então minha cabeça estava mais voltada para esse lado, o das coisas que chamávamos de heavy metal.

Foi um caminho natural para você entrar em uma banda?

Johan: Sim e não, pois era natural por conta da minha paixão, embora não fosse uma coisa muito natural para a Suécia nos anos 70 (risos). Quer dizer, o rock sempre foi bem sucedido por aqui, temos uma longa história no gênero, mas tocar em uma banda de rock não era tão natural quanto ouvir rock, sabe? E aí as coisas iam ficando mais estranhas conforme ficavam mais sérias, digamos assim. Tocar numa banda era mais estranho do que ouvir rock e estar numa banda com repertório próprio era mais estranho do que tocar numa de covers (risos). Existiam níveis de estranheza, mas nunca tive problemas com isso e, pelo que me lembro, sempre fomos muito bem aceitos. Você sabe, eu tinha a minha banda, Jonah Quizz, desde o final dos anos 70, e sentia que estávamos nos dando bem na cena local.

Tanto que decidiu não entrar para o Candlemass naquele primeiro momento.

Johan: É isso mesmo. Eu tinha esperanças com minha banda, mas, por outro lado, eu gostava muito daquilo que o Candlemass estava fazendo. Eles estavam procurando por um vocalista, mas não conseguiam encontrar a pessoa certa na Suécia. Foi então que chegaram até mim. Naquele momento eu não tinha como aceitar, mas também sentia que não podia largá-los. Algo me dizia que havia algo especial naqueles garotos, então eu disse: 'Tenho minha banda, então não posso me juntar a vocês. Mas posso ajudá-los. Posso gravar o disco se vocês quiserem.' Acho que eles também sentiram algo naquele momento, pois toparam na hora, sem hesitar.

No fim das contas, era um bom acordo para ambas as partes.

Johan: Sim, porque ela baseava na honestidade e no respeito. Eu disse a eles que meu coração estava na minha banda, e estava sendo completamente honesto com eles. Eles também foram honestos

comigo quando disseram que ninguém queria gravar com eles ou acreditava naquelas músicas. A honestidade foi mútua.

Hoje é estranho pensar que as pessoas não acreditavam naquelas músicas.

Johan: Sim, é estranho. Na época eu já pensava: 'No que essas pessoas estão pensando? Como eles não percebem o que esses garotos estão fazendo?' Era uma situação estranha, pois estava na cara que eles eram uma banda especial. Eu percebi isso na hora, por isso quis gravar o disco. Mas a maioria até desencorajava.

Penso que o estranhamento vinha do fato de que o metal estava se tornando mais brutal e rápido naqueles dias, enquanto o Candlemass parecia fazer o caminho contrário, mergulhando nos anos 70.

Johan: Com certeza! E isso foi uma das coisas que me atraiu, pois pra mim estava claro que Leif estava alguns anos adiantado em relação a todos nós. Ele tinha visto uma tendência que nenhum de nós tinha percebido. Bem, após apenas uns poucos anos, todos entenderam o que ele estava fazendo, então se acabaram as risadinhas disfarçadas. O Candlemass simplesmente passou a mandar no metal da Suécia!

E *Epicus Doomicus Metallicus* se tornou mais do que um clássico dos anos 80, pois é o álbum que batizou todo um subgênero e sua performance nele serviu de base para muitos vocalistas de doom e gótico.

Johan: É verdade. Mas isso tudo aconteceu porque aquele álbum realmente é formado por músicas incríveis. Eu ainda amo todas as faixas de *Epicus Doomicus Metallicus* e é um álbum que gosto de ouvir. Aqueles riffs são tão pesados e melódicos, existe tanto sentimento em cada canção, não é por nada que marcou a vida de tantas pessoas. Sou afortunado por esses caras terem chegado até mim e me dado a oportunidade de ter meu nome na história do metal. Quanto aos outros vocalistas, bem, a verdade é que alguns me disseram que fui uma influência, então acho que você está certo. Quem diria? Fico lisonjeado com isso.

Depois daquele álbum, a maior parte dos fãs perdeu sua trilha, mas você sempre esteve envolvido com música, certo?

Johan: Sim, fiquei mais discreto porque estava curtindo minha família, tinha sido pai e estava vivendo o momento, mas nunca me desliguei completamente da música. Participei como convidado de alguns discos, apareci no palco ao lado de amigos várias vezes. De alguma forma, sempre estive lá.

Escondido nos arbustos, só esperando a hora de retornar com *The Door to Doom*.

Johan: Nada como uma tocaia de mais de três décadas para pegar os fãs de surpresa (risos gerais).

E foi uma ótima surpresa. *The Door to Doom* (2019) foi indicado ao Grammy, venceu o Grammy sueco e conta com a participação de Tony Iommi (Black Sabbath), além de ter um repertório indefectível.

Johan: Obrigado! Cara, não tinha como retornar em um momento melhor, o resultado foi incrível. Tínhamos um material forte nas mãos, mas se eu imaginava algo nesse nível? Com certeza não! Vencer o Grammy sueco foi incrível, receber uma indicação para o Grammy internacional foi surreal. O Candlemass não é uma banda tão popular assim, certo? Quanto à participação de Tony Iommi, o que posso dizer? Certas coisas você só acredita quando estão na sua frente, e eu só acreditei quando ouvi o solo dele (risos). Saber que ele gostou da música foi especial. Nem preciso dizer como Leif ficou com isso, né?

Conversei com ele na época e quando perguntei sobre isso, pensei que ele fosse me abraçar.

Johan: Pois é, você precisava vê-lo quando recebemos o solo (risos gerais). Ele é o maior fã de Black Sabbath no mundo, então foi realmente uma ocasião única. Ficamos felizes e honrados, mas para Leif foi ainda mais especial (N.R.:

Divulgação

Iommi gravou o solo para *Astorolus: The Great Octopus*, indicada ao Grammy na categoria 'Melhor Performance Metal').

Para qualquer fã, é bom ver que Leif está animado e bem novamente. Tanto que já temos o novo álbum, *Sweet Evil Sun*.

Johan: Sim, ele passou por momentos tensos no passado e agora enfim podemos dizer que está tudo bem. Ele está se divertindo na estrada e não perdeu nenhum show desde que começamos a tocar juntos em 2018. Nas gravações ele está sempre bem, animado... Costumamos fazer nosso trabalho, discutir as melhores linhas vocais para cada parte, e depois saímos para beber e conversar mais. Então tem sido divertido, temos trabalhado bastante, mas o ânimo tem sido constante. Claro, estamos sendo cuidadosos, é preciso ter certa cautela, mas é muito bom vê-lo assim, animado, criativo e rendendo tanto.

Sim, e ele não perde tempo. Não há introdução climática no álbum, o 'bicho pega' logo de cara com *Wizard of the Vortex*.

> "Eu ainda amo todas as faixas de Epicus Doomicus Metallicus e é um álbum que gosto de ouvir"

Johan: Sabe, essa é a beleza de trabalhar com Leif: ele sabe o que quer e sabe como chegar lá. As intros são um recurso clássico e válido para guiar o ouvinte até um ambiente ou uma emoção muito específica, mas Leif está fazendo isso há tantos anos que já conhece atalhos. Ele sabe manipular a emoção do ouvinte com a música em si, com a melodia principal dos riffs e os arranjos que garantem aquela sensação de algo épico. Uma vez que isso está feito, por que aborrecer o ouvinte com uma faixa introdutória de dois minutos que ninguém vai ouvir? Vá direto ao que interessa, dê para as pessoas o que elas realmente querem (risos).

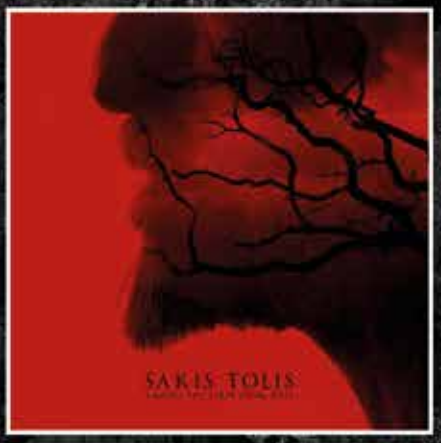
Outra que precisamos lembrar é *When Death Sighs*, que destaca um ótimo dueto seu com Jennie-Ann Smith (Avatarium).

Johan: Sim, essa é uma ótima música e foi diferente a maneira como trabalhamos nela. Pra começar, eu gravei os vocais para a música inteira. Então, eu e Leif começamos a pensar que seria interessante se houvesse outra voz cantando comigo, pois daria um clima especial e único. Jennie foi a escolha perfeita para isso e foi divertida a forma como ela gravou os vocais depois que tudo já estava pronto, e ainda dessa forma ela é o destaque da música (risos). Eu já esperava que fosse assim, pois conheço Jennie e seu marido (Markus Jidell, guitarrista do Avatarium e de várias outras bandas) há muito tempo. Tenho trabalhado com Markus praticamente durante todo o tempo entre *Epicus* e *The Door to Doom*. Além disso, ambos são quase família para Leif, então sabíamos exatamente onde estávamos nos metendo (risos).

Sweet Evil Sun marca o segundo álbum completo com Jan Lindh, Johan Längquist, Leif Edling, Lars Johansson e Mappe Björkman

Linda Akerberg

AMON AMARTH
THE GREAT HEATHEN ARMY
12º Álbum da banda sueca de Melodic Death Metal, Versão com slipcase



SAKIS TOLIS
AMONG THE FIRE OF HELL
Album solo de Sakis Tolis (Rotting Christ), Versão exclusiva em digipack

SILENT CRY
TERRA
Sexto álbum da banda brasileira de Gothic / Doom Metal, Versão com slipcase

DEEP MEMORIES
WHY DO WE SUFFER?
2º álbum do projeto "One Man Band" de Death Metal de Douglas Martins (Ex-Desdominus)

ACACIA CROWN
THE LAST ACACIA
Debut álbum da banda brasileira de Experimental Extreme Metal, em edição de luxo Digipack

NAPALM DEATH
LEADERS NOT FOLLOWERS: PART 2
12º álbum da banda do Reino Unido de Death Metal, Versão com Slipcase

SAXON
CARPE DIEM
23º álbum de estúdio da lenda britânica de NWOBHM / Heavy Metal

MARENNA
VOYAGER
Quarto álbum da banda brasileira de Hard Rock

MYRKGAND
RITUALS & WISDOM
3º álbum do projeto liderado pelo brasileiro Dmitry Luna

CONFIRA NOSSO CATÁLOGO ONLINE
WWW.HMROCK.COM.BR
CDS, DVDS, LPS, VESTUÁRIOS, CALÇADOS, ACESSÓRIOS E MUITO MAIS!

DESDE 1983 APOIANDO O METAL NACIONAL
HEAVY METAL ROCK
RUA 30 DE JULHO, 244 - AMERICANA/SP - CEP 13465-500
FONE: (19) 3461-8664 - INFO@HMROCK.COM.BR

/HMRock83 /HeavyMetalRock83 /HeavyMetalRock83 /HMRock (19) 99481-8669

BLIND EAR

Texto e fotos: Thiago Prata

IGOR PÖDRÃO (MUTILATOR)

Overkill
FEAR HIS NAME
TAKING OVER

"Parece Hirax. (RC: Não é). Ah, é Overkill. Estava malhando hoje ouvindo Overkill. É um dos pais do thrash. Tem um lance na banda que me marcou muito. Desde os anos 90 eles tinham uma mixagem, masterização e timbragem de som muito peculiares. Então, o Overkill já tinha um nível top pra caramba, próximo do que se tem hoje. Uma ótima qualidade de som desde muito tempo atrás e não era reconhecido por isso. Eu gosto de todos os discos. O início é quase power metal e foram ficando mais thrash. Mas tem um que gosto de paixão, por ter uma história particular, o *Ironbound* (2010). Uma época em que eu trabalhava mais em casa, escutava e analisava muito som e estudava mixagem. Aprendi ouvindo muito este disco. E a música *Ironbound* é uma aula."

Immortal
TYRANTS
SONS OF NORTHERN DARKNESS

"Esta é a que eu mais gosto do Immortal (risos). O black metal em si não é muito a minha praia. Passei a curtir mais por causa do Abbath. Vi uma entrevista dele e o achei sensacional, um cara engraçado, zoeira pra caralho, desmistificando aquele lance do black podrão. Na época eu tinha 14, 15 anos. E este disco para mim é o mais foda da banda. Ao vivo eles tocam de forma perfeita. Tem aquele DVD clássico em que tocam no Wacken (N.R.: *The Seventh Date of Blashyrkh*, de 2010, e a apresentação é de 2007). Eles tocam essa música, inclusive, de forma perfeita. Além de Immortal, dessa leva mais black eu curto Bathory e Darkthrone, principalmente do início mais death. O lance mais Burzum eu não gosto. Aliás, eu acho Burzum uma bosta, ridículo."

Kreator
OUTCAST
OUTCAST

"Não conheço a música, mas é o (Mille) Petrozza. É do *Endorama* (1999)? (RC: Não, mas também é dos anos 90). Não conheço, mas o vocal dele é inconfundível. (RC: É a *Outcast*). Ah, pode crer. Eu acho que nunca escutei este disco. Ouço muito os três primeiros e a safra mais recente, os últimos quatro ou cinco, acho foda. Na verdade, depois que entrou o guitarrista (Sami Yli-Sirniö) a partir do *Violent Revolution* (2001) eu curto pra caramba. Eu tenho uma fitinha (cassete) que ganhei quando tinha 11 ou 12 anos na escola. O cara me falou: 'Você gosta de Nirvana? Vou te mostrar um som.' E tinha a música *Terrible Certainty*, cuja introdução lembra *Smells Like Teen Spirits* (do *Nevermind*, de 1991, do Nirvana). É uma influência de metal extremo desde moleque."

Vulcano
CURSED BABYLON
EYE IN HELL

"Me soa familiar. De onde é? (RC: De Santos). Este vocal é o do Vulcano, o Luiz (Carlos Louzada). Inconfundível. É Vulcano? (RC: Sim). Então é isso. (RC: Esta é do penúltimo álbum). Ah, não ouvi este. O último, sim (*Stone Orange*, de 2022). Lançaram muita coisa recente. Mas esta que você colocou não tem tanto a levada do Vulcano. Colocou a mais difícil, né (risos)? Porém, conheço Vulcano pra caralho. Os caras são meus amigos, inclusive. Gosto muito do começo, era um negócio visceral. Os dois primeiros (*Bloody Vengeance*, de 1986, e *Anthropophagy*, de 1987), quando escuto dá vontade de 'moshar' sozinho. Tenho até uma zoeira com uns amigos que, sempre que nos vemos, falamos: 'E aí, guerreiro de satã?' Por causa do Vulcano, que todos adoram (risos)."

Kamelot
GLORY
THE FOURTH LEGACY

"Isso é Tuatha? Deste estilo, só conheço Tuatha. (RC: Não, isso é americano, uma banda de power metal). Não conheço nada... (risos). Essa coisa de power metal, metal melódico, tipo Angra, nunca gostei. Vi um show do Kreator em 2005, em BH, com o Tristania, que é gothic e tal. No show do Tristania, um amigo meu e eu ficávamos dançando balé no meio da galera (risos). Eu e Victor do (programa) 'E Aí Cara?'. Mas este som aqui é legal. (RC: É Kamelot). Ah, já ouvi falar. Falando de melódico, acho legal o primeiro do Helloween (*Walls of Jericho*, de 1985), é mais metal. Stratovarius já ouvi, mas para mim todos os discos são iguais. É um tipo de som que, para mim, é igual pagode, no sentido de não gostar."

Nazareth
HAIR OF THE DOG
HAIR OF THE DOG

"Porra, conheço essa banda. (N.R.: demora um pouco mais). New York Dolls? (RC: Não). Ah, é Nazareth! Lembrei agora. O Guns N'Roses já gravou essa música no *The Spaghetti Incident?* (1993). Ficou massa a versão deles. Sobre o Nazareth, eu escutava muito quando era moleque. Muito tempo que não ouvia. Esta é bem hard rock. Conhecia muito os lances mais pop e as baladas deles. Da linha hard rock, dos anos 70, gosto do New York Dolls e Aerosmith e dos anos 80, Guns N'Roses e Skid Row. Depois ouvi algumas coisas de outras bandas, mas não tenho muito know how para falar de hard rock, não. Só que é um som muito foda. E tem bandas nacionais que são massa, como Electric Gypsy, som do caralho."

Affront
FAVELAS, SENZALAS
WORLD IN COLLAPSE

"(RC: Banda brasileira). Brasileira? Mistura de estilos. Tem um heavy ali no meio. (RC: Banda do Rio). Não estou reconhecendo. Achei doido que eles misturam um tanto de estilos no mesmo som. Não conheço, cara. (RC: Affront). Ah, pode crer. Do Marcelo Mictian. A outra banda dele, Unearthly, eu conheço. Se tivesse colocado ela para tocar eu teria acertado (risos). Mas nunca tinha escutado Affront. Conheço o Marcelo, a gente troca muita ideia, ele é muito amigo do Rodrigo (Neves, baterista), do Mutilator, também. Achei legal esse som, meio thrash, meio death... De metal do Rio conheço muita coisa, como Hatefulmurder, que gostava mais no início, e outras como Apokalyptic Raids e Farscape, que curto bastante."

Drowned
WHO IS THE KING
BONEGRINDER

"*Who is the King* (risos). Isso é clássico. Baixão brutal. Curtia demais este álbum. Gosto demais até hoje. Quando comecei a dar rolê na cena, em 2000, 2001, o Drowned estava chegando. A cena estava paradona, veio um boom de bandas de metal, com o Drowned dando um soco na cara. Acho, principalmente na questão técnica, o Drowned uma banda única. Ninguém toca o tipo de som que tocam, criaram uma identidade própria, saíram da mesmice da timbragem de bandas gringas. É única e mantém isso até hoje. Para mim é uma das melhores bandas do Brasil até hoje. *Bonegrinder* é o álbum deles de que mais gosto. Sempre falo com eles que tem que ter *Who is the King* nos shows."

Ratt
LAY IT DOWN
INVASION OF YOUR PRIVACY

"A linha de baixo dessas bandas costuma ser muito foda, diferenciada. Cara, mas não conheço. (RC: Putz, o Ricardo Batalha vai ficar triste com você e o Mutilator) (risos). Pô, isso é Ratt. Você falou do Batalha, aí ficou fácil (gargalhadas). Não conheço muito Ratt. Eu ouvi por causa do Batalha, falou que era muito fã e fui escutar. Para mim, é um estilo familiar dentre aquelas bandas da época. O lance deste tipo de hard rock para mim é Guns, Skid Row, gosto de Twisted Sister pra caralho, viajei para assistir o Twisted. Mas as outras não me aprofundei. Tem show? Eu vou, se for dentro das possibilidades. É como eu ver o Hellway Train, de BH, que é ótimo hard e estão ficando mais heavy, coisa que eu curto mais (risos)."

Metal Church
GODS OF WRATH
METAL CHURCH

"Conheço, mas não lembro. O que é? (RC: Metal Church). Porra, bandaça! Metal Church é foda. Gosto muito dessa linha, de bandas como Judas, essa coisa mais heavy. Gosto dessa coisa mais melódica. Não curto metal melódico, cheio de firula, dragão e um milhão de notas. Gosto do som mais reto e solo mais melódico, mais na cara. Cara, eu tinha um quadro no meu programa antigo de metal, o 'E Aí Cara?', que era uma cópia do 'Blind Ear'. Era lançado só no Facebook e ajudava as bandas nacionais a divulgarem os discos. E quando fazia esse quadro, era fácil pensar: 'Pô, como o cara não acertou essa?'. E era só banda nacional. Hoje estou vendo que na hora é mais difícil mesmo, esqueci nome de banda, de música (risos). Agora que foi minha vez vi que era difícil."

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL
Heavy Metal & Classic Rock

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

24ª EDIÇÃO

25ª EDIÇÃO

26ª EDIÇÃO

27ª EDIÇÃO

28ª EDIÇÃO

29ª EDIÇÃO

30ª EDIÇÃO

31ª EDIÇÃO

32ª EDIÇÃO

33ª EDIÇÃO

arte: www.jduartedesign.com
CURADORIA
SOM DO DARMA

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM
@ELITONTOMASI

Inaki Marconi

SOEN UMA NOVA FACETA

Martín López explora o novo trabalho, relembra os desafios e resgata memórias

Por Guilherme Spiazzi

Os dez anos de estrada e o constante desenvolvimento registrado em cinco discos de estúdio mostram que o Soen é diferente. A sonoridade atmosférica enriquecida por melodias bastante sentimentais e letras profundas registrada nos álbuns ganhou novos contornos em *Atlantis*. O recém-lançado disco ao vivo de Joel Ekelöf (vocal), Lars Åhlund (teclado e guitarra), Cody Lee Ford (guitarra), Oleksii "Zlatoyar" Kobel (baixo) e Martín López (bateria) revela uma nova faceta dessa banda de metal sueca que não cansa de surpreender. Aqui López nos conta sobre a banda, o disco e suas raízes de forma tão livre quanto a sua música.

O que os fez considerar reinterpretar músicas do seu catálogo no alto dos seus dez anos de banda?

Martín López: Eu acho que exigimos bastante do lado técnico ultimamente, especialmente em *Lotus* (2019) e *Imperial* (2021) – discos que são mais pesados e coesos. Além disso, nesse processo você sente aquela vontade de voltar às suas raízes musicais e entregar algo diferente. Algo que seja realmente ao vivo, gravado sem edições e tudo o mais. Há algo especial em fazer música da forma como era antigamente. Sentimos que o nosso material tem o potencial de ser tocado dessa forma, então decidimos seguir em frente e tentar.

***Atlantis* traz a releitura de doze composições da sua discografia, além de uma inédita e um cover. Como foi feita a escolha dessas doze faixas?**

Martín: Åhlund e eu estávamos na casa de Ekelöf quando começamos a tocar nossas músicas no violão e ficamos empolgados com aquilo. A gente queria que as pessoas as escutassem assim, pois nós mesmos queremos ouvi-las dessa forma. Tocamos todas as músicas do catálogo e as melhores acabaram compondo o repertório.

A partir dessa ideia, vocês trouxeram uma pequena orquestra para acompanhá-los. Qual era sua intenção com isso e quem foi o responsável pelos arranjos?

Martín: Queríamos enfatizar as melodias e os vocais, trazer para frente tudo aquilo que fica um pouco escondido nos nossos discos. Åhlund é um arranjador fantástico, então ele arranjou o conjunto de cordas de forma linda.

Vocês escolheram o Atlantis Grammofon Studio, em Estocolmo (SUE), para registrar o momento em áudio e vídeo. O que faz esse local ser tão especial?

Martín: Ele é parte da rica cultura musical sueca e nós simplesmente queríamos tocar lá (risos). Abba, Roxette, Jimi Hendrix e outros artistas passaram pelo estúdio. Alguns amigos nossos tocaram lá e disseram que há algo de mágico no local. Nunca tínhamos ido e realmente há algo especial lá. Talvez seja porque você pensa nos clássicos que foram criados entre aquelas quatro paredes e isso faz com que foque e coloque mais o seu coração no trabalho. Não sei... Era só um take, então todos tinham que tocar de forma perfeita. Afinal, aquilo vai direto para o disco. Isso é um pouco assustador, mas, de alguma forma, naquele lugar nós sentimos que faríamos aquilo e que seria ótimo. Foi muito especial.

Tudo foi gravado no primeiro take?

Martín: Basicamente sim. Eu acho que nós tivemos que parar uma das músicas e recomeçá-la. Mas foi só isso mesmo.

Presumo que vocês tenham ensaiado muito para esse momento...

Martín: Nós não ensaiamos. Apenas chegamos ao estúdio algumas horas antes e repassamos os arranjos mais complicados. Claro que a orquestra tinha as partituras e pôde praticar em casa, mas nós enquanto banda não ensaiamos. Os caras são músicos de primeira linha, então nós apenas relembramos algumas coisas durante a passagem de som da bateria. Depois, deu o click e nós apenas gravamos.

Teve alguma pós-produção, como a regravação de alguma parte ou a execução de overdubs?

Martín: Nada. Aquilo que você vê e ouve é o que aconteceu. Essa é a beleza desse disco. Hoje em dia não há muitas bandas dispostas a fazer isso. Parece que elas querem sempre mais... Mais peso, mais coesão, mais guitarra etc. Isso remove o espírito da música e do momento.

O espírito da música... A sua música é sempre cheia de detalhes e nuances, nada parece ser por acaso. Tudo é muito bem pensado por vocês durante a produção?

Martín: Somos workaholics. Gostamos de trabalhar bastante na fluidez e nos detalhes, na personalidade de cada instrumento e de cada música. Estamos sempre trabalhando. Antes de finalizar o trabalho de *Imperial*, já estávamos trabalhando no próximo disco. É o que eu amo fazer. Honestamente, é um tipo de satisfação que não encontro em nenhuma outra coisa. A vida é bastante simples quando você encontra o seu lugar, o que você está destinado a fazer e tem a oportunidade de fazê-lo.

Pensando nessa veia workaholic, qual foi o maior obstáculo do Soen nesses dez anos de estrada?

Martín: Acho que foi lá no início, durante os dois ou três primeiros discos, quando começamos a formar famílias, ter filhos e ainda ter que fazer turnês. Havia essa pressão da gravadora para que construíssemos a banda, o que significava sair para tocar. Mas nós não estávamos interessados em fazer aquilo na época. Conforme nossos filhos foram crescendo, retomamos as coisas e desde então tem sido bom.

Diferente de outras bandas, o Soen não parece trabalhar como uma máquina. O grupo parece ter mais contado com o seu momento e com a fluidez das coisas. Você concorda com essa visão?

Martín: Eu acho que o que você disse faz certo sentido. No início da banda, um dos acordos que fizemos previa que só faríamos aquilo que quiséssemos fazer e no nosso tempo; sermos felizes e curtir a música. Mesmo que seja o nosso trabalho, não queremos que pareça um trabalho. Tivemos longas carreiras antes do Soen e no passado todos nós chegamos num ponto em que não curtíamos mais a música. Era apenas um trabalho. Quando criança você sonha em viajar o mundo e quando isso de alguma forma se transforma em algo que você não curte mais, é um lugar muito triste. Sabendo disso, nós fizemos os nossos discos e turnês dessa forma. Até o momento tem funcionado e tem sido uma benção fazer parte desta banda.

ATLANTIS
Silver Lining Music - Imp.

Falando do seu passado na música, você tem passagens por Amon Amarth e Opeth; já no Soen, você toca de forma bastante diferente. Como você desenvolveu o seu estilo?

Martín: Acho que parte disso tem a ver como fato de eu sempre ser interessado em percussão. Percussão uruguaia, africana, árabe... Eu toco músicas de diferentes culturas e partes do mundo, em que os ritmos talvez tenham um significado mais importante para a música do que no rock, em que você apenas precisa ser sólido, ou no metal, em que tem que ser rápido e pesado. Quando você vai para a percussão sul-americana ou africana, percebe que tudo é mais visceral. Tem algo muito especial e dramático na percussão. Acho que a partir disso eu tenho uma visão diferente da bateria e do que ela deve proporcionar para a música. O groove é muito importante, mas ele é quase que completamente esquecido no metal mais técnico. Para mim, o groove é a razão da existência do baterista. É fazer aquela batida que faz você dançar (risos).

É legal perceber a influência das suas origens na sua música. Quando foi que você teve contato com a música e o instrumento?

Martín: Eu comecei a tocar percussão uruguaia muito cedo e sempre trago a influência das minhas raízes musicais incorporada nos meus riffs, nas linhas de voz e nos arranjos. Tudo é influenciado pela música que cresci ouvindo. Muitos dos meus ídolos são pessoas que fazem uma música completamente diferente daquilo que eu toco. Essa minha herança é muito importante.

A música riograndense e a uruguaia têm as suas similaridades e...

Martín: Eu estive lá uma centena de vezes. Como os meus pais tinham que trabalhar durante o verão, eu sempre ia para a casa dos meus primos em Rivera (URU), que fica a quatro passos de Santana do Livramento (RS). Eu já curtia metal, mas só encontrava coisas como Alice Cooper, Twisted Sister e Kiss. Eu fui conhecer o lado mais pesado do metal nessas viagens, quando numa loja de discos eu de repente me deparei com *Schizophrenia* (Sepultura, 1987) e todo o catálogo da Cogumelo da época – Ratos de Porão, Dorsal Atlântica, Panic e outros. Isso me introduziu na música pesada.

Com que idade você retornou à Suécia? Você deve ter encontrado um terreno muito fértil para a sua música por lá.

Martín: Fui com 17 anos. Era fácil encontrar bandas e pessoas com quem tocar. Tanto que comecei a tocar com o Amon Amarth alguns meses depois de chegar. Eu nem falava sueco ou inglês na época. Tive que levar um amigo que falava espanhol e sueco nos primeiros ensaios para que pudéssemos nos comunicar. Depois disso eu aprendi a língua estando com eles.

Você tinha banda de metal no Uruguai?

Martín: Sim, sempre toquei em banda. Mas você sabe como é difícil na América do Sul...

Já que você mencionou a América do Sul, como foi a passagem de vocês pelo Brasil em março de 2022?

Martín: Foi um ótimo show. Tinha muitos fãs do lado de fora e tivemos a oportunidade de cumprimentar bastante gente. Toda a turnê sul-americana foi mágica porque tive a oportunidade de voltar às minhas raízes. Agradeço aos fãs por apoiarem minha música e espero vê-los em breve.

Therés Stephansdotter Björk

Mona Lindgren, Guernica Mancini, Filippa Nässil e Emlee Johansson mantém viva a sonoridade clássica do hard rock no seu novo álbum

THUNDER MOTHER

Realizando o sonho Rock'n'roll

Dois anos depois de *Heat Wave*, banda sueca volta a surpreender com o novo álbum, *Black and Gold*

Por Valtemir Amler

Certas bandas parecem trazer em seu DNA uma garra e uma resiliência tão marcantes que chegam a beirar a teimosia. Essa, felizmente, é uma das marcas da sueca Thundermother. Após lançar dois álbuns que colocaram a banda no circuito internacional, a guitarrista fundadora Filippa Nässil se viu sozinha em 2017, ano em que todas as suas antigas parceiras decidiram abandonar a banda. Sem sequer questionar o próximo passo, ela muito rapidamente tratou de montar uma nova formação. A despeito das esperadas mudanças que invariavelmente ocorrem frente a uma transformação tão grande, a Thundermother manteve intacta a sua base musical: o rock'n'roll. Hoje, a banda completada por Mona Lindgren (baixo), Emlee Johansson (bateria) e a nossa convidada, Guernica Mancini (vocal) lança o seu mais novo álbum, *Black and Gold*, que novamente reforça a fórmula musical básica do Thundermother, resumida pela vocalista nessa conversa como "nenhuma besteira, bons riffs e um bocado de energia. Se isso é o que você busca na música, essa é a banda certa para você!"

Olá, Guernica, é um prazer falar com você. Pelo que sei, você começou muito cedo no mundo da música e costumava cantar em corais. O quanto essa experiência te ajudou naquilo que faz hoje?

Guernica Mancini: Bem, acho que para mim o envolvimento com a música foi algo muito natural, pois sempre havia música tocando na minha casa. Todas as minhas lembranças, desde as mais antigas, sempre têm uma 'trilha sonora'. Literalmente, não tínhamos um minuto de silêncio na minha casa e eu achava aquilo ótimo (risos). Acho que eu tinha uns 14 anos quando comecei a pensar na música como algo mais sério, então não foi tão cedo assim, embora eu cantasse praticamente desde que aprendi a falar. Talvez eu já cantasse antes (risos gerais). A experiência de cantar em corais, o que posso dizer? É difícil, ninguém nunca me fez essa pergunta antes, mas definitivamente foi uma época muito importante para a pessoa que me tornei. Bem, eu diria que cantar em corais foi fundamental para que eu percebesse que eu realmente queria cantar, e que eu podia cantar qualquer coisa que eu quisesse e como quisesse. Foi uma experiência realmente formadora de caráter para mim, então eu diria para você que a principal contribuição daquela época para o que eu faço hoje foi essa: foi cantando em corais que eu percebi que era isso que eu amava, e que eu faria de tudo para ser uma cantora.

Mas você pensava em seguir um caminho mais voltado ao erudito ou o rock era claramente o seu caminho?

Guernica: Ah, eu queria ser roqueira (risos). Mas, por outro lado, nunca me fechei para nenhum gênero de música. Sempre pensei que deveria aprender tudo, deveria dominar tantos estilos quanto pudesse. Quando mais eu dominasse outros estilos de música, melhor eu seria como vocalista de rock. Então, fui seguindo um passo de cada vez, aos poucos, até chegar onde realmente queria estar. Hoje estou aqui, realizando meu sonho de rock'n'roll, e isso é fantástico!

O quanto dessa sua atitude aberta com a música veio da sua família?

Guernica: Acho que tudo, no meu caso, é sobre a minha família. Meu pai é baterista, cresci com ele tocando bateria em casa toda hora, era uma batucada sem fim, você não faz ideia (risos). Mas era fantástico, pois eu ia ganhando noções de tempo, andamento, essas coisas. Ele costumava ter duas baterias montadas em casa: uma era bem tradicional, aquele esquema do rock mesmo, com caixa, bumbo, surdo, tom-tons, chimbal e pratos. A outra era totalmente adaptada para ritmos latinos, então tinha muitos tipos de tambores, metade deles eu nem saberia dizer os nomes (risos gerais). É engraçado, pois ele nunca foi exatamente um 'músico profissional', que sai em turnê por cinco meses e coisas do tipo, mas sempre esteve envolvido com bandas cover. Lembro que ele sempre fala que tem a 'bateria normal' e a 'bateria uruguaia', que é maior e dá para tocar samba e ritmos latinos. É como ele vê as coisas,

e ninguém nunca vai convencê-lo de que seja diferente (risos).

Se o seu pai é baterista, seria correto supor que a sua vontade de cantar veio da sua mãe?

Guernica: Bem, como posso dizer isso? Vejamos, a minha mãe sempre amou música. Ela sempre dedicou muito tempo a simplesmente curtir música e ouve de tudo, qualquer ritmo que você imaginar. Então, como cantora, eu diria que ela é uma grande fã de música.

Como assim?

Guernica: Ela não tem ritmo nenhum, canta muito mal (risos gerais). Mas tem ótimo ouvido e sempre tenta cantar (risos). Então, acho que sim, a minha vontade de cantar veio dela, dessa paixão que ela tem pela música e que eu compartilho. Mas eu tentei garantir que fosse conseguir fazer isso apropriadamente (risos gerais).

Foi por isso que você se mudou para a Califórnia, certo?

Guernica: Sim, exatamente. Eu fui estudar canto no Musicians Institute e aquele foi um dos melhores momentos da minha vida então. Eu estava morando em Los Angeles, estava me dando bem por lá e estudando para me tornar uma vocalista, então não poderia ser melhor.

Imagino que a efervescência do cenário musical californiano tenha deixado uma marca forte em você.

Guernica: Com certeza. Sem brincadeira, se a pessoa quisesse, poderia frequentar shows todas as noites, sempre havia algum espetáculo acontecendo em algum lugar da cidade, e coisas que realmente valiam a pena ser vistas. Músicas de todos os tipos, para todos os estilos. Claro que eu estava mais interessada em rock e metal, pois meu sonho era ser vocalista de rock. E, falando sobre rock, quantos locais no mundo têm tanta história para oferecer quanto a Califórnia? Foi ótimo, foi uma época realmente incrível. Fiquei quase cinco anos lá, e então voltei para a Suécia.

E voltou com algo bem claro em mente, certo?

Guernica: Sim. Eu voltei para realizar meu sonho, e é exatamente isso que estou fazendo.

Pelo que sei, você e Filippa Nässil se conheceram ainda antes de você entrar para a Thundermother, é isso?

Guernica: Sim, a Thundermother já era uma banda que vinha crescendo com força no cenário, tinha álbuns lançados e um nome forte. Da minha parte, eu estava com outra banda e elas tocaram juntas algumas vezes, foi assim que soubemos uma sobre a outra. Claro que, assim que apareceu a oportunidade de me juntar à Thundermother, eu agarrei a chance (risos).

Pelo que soube, você havia escrito um e-mail para ela, dizendo que se precisasse de uma vocalista, você estava pronta.

Guernica: É, foi isso mesmo (risos).

Hoje é engraçado pensar que a Thundermother sofreu um grande rompimento naquela época, mas que com isso a banda acabou ganhando sua cara definitiva com as novas integrantes. E você foi a primeira a ser escolhida para essa nova fase.

Guernica: É verdade. Bem, não acho que eu, Filippa ou qualquer fã imaginava que haveria um rompimento tão grande, que ela ficaria sozinha na banda. Ainda bem que ela sempre foi forte e tinha objetivos muito claros, pois assim lembrou do meu e-mail (risos gerais). Você sabe, é difícil levar uma banda adiante, pois você não está lidando apenas com pessoas diferentes, mas também com sonhos diferentes, ambições diferentes, visões musicais diferentes e assim por diante. Chega um ponto em que não dá mais para conciliar e acho que foi isso que aconteceu na época. Filippa foi muito forte, ela é uma grande líder, e vou te dizer, era em uma banda com esse tipo de liderança que eu sempre quis estar. É bom trabalhar com uma pessoa que sabe o que quer, que tem uma clareza absoluta na sua forma de pensar, que não fica te surpreendendo a todo momento ao propor sempre o contrário daquilo que havia dito antes. Filippa é clara, forte e concisa, assim como a música da Thundermother. Nossa música é nenhuma besteira, tem bons riffs e um bocado de energia, essa sempre foi a fórmula que ela queria, e hoje somos uma banda que divide essa mesma visão. Todas temos esse mesmo objetivo, então acho que é por isso que vocês sentem a diferença. E acho que temos ficado mais fortes nesse sentido, ao menos é isso que sinto quando ouço *Black and Gold*.

BLACK AND GOLD
AFM - Imp.

***Black and Gold* chega dois anos depois de *Heat Wave* (2020), um álbum muito elogiado, mas que vocês não puderam promover como imaginavam. O quanto isso afetou o trabalho no novo álbum?**

Guernica: Acho que afetou no sentido de nos deixar ainda mais conscientes do quanto queríamos dar o próximo passo, de como teríamos que fazer as coisas para conseguir subir de nível. Quer dizer, todas as bandas estavam usando o 'tempo extra' para trabalhar mais nas canções, então nós também tínhamos que subir o tom, algo que é bem natural na postura de Filippa. Escrevemos um bocado de canções, acho que umas vinte no total. Trabalhamos muito nelas, tocamos até ter uma ideia de quais soavam mais fortes, inclusive para alguns colegas que nos ajudaram a selecionar o produto final, por assim dizer. Não sentimos uma 'pressão' vinda do álbum anterior ou da época que vivíamos, mas nos impusemos certa pressão para que esse fosse nosso melhor trabalho até o momento.

Bem, parece ter funcionado. Pessoalmente, adorei quando Filippa descreveu *Hot Mess*, como 'uma mistura de Aretha Franklin com Aerosmith'. Realmente, parece Aretha fazendo cover de uma daquelas baladas dos anos 90 da banda de Boston.

Guernica: Pior que parece mesmo (risos gerais). O que posso dizer? Temos recebido elogios sobre essa música e não sei o que dizer (risos gerais). Pessoalmente, não sou a maior fã de baladas no mundo, mas às vezes baladas são legais e ajudam na promoção. Mas, se for pra ter uma música assim, que seja ao nosso estilo, misturando Aretha e Aerosmith.

***I Don't Know You* faz mais o seu estilo, certo?**

Guernica: Ah, com toda certeza! Tem aquela 'vibe' de rock clássico, bem AC/DC no começo e um 'hardão' em seguida. Adoro! E ainda tem a letra, que fala sobre essas pessoas que todos conhecemos, que aparecem na nossa vida e nos fazem sentir um lixo (risos). Mas sempre existe o dia do pagamento, certo? É uma música sobre deixar essas pessoas de lado, devolvê-las ao nada e não perder mais tempo.

Jesper Sunnhagen, Madeleine Liljestam e Rikard Ekberg mergulham em versões acústicas no novo EP

Divulgação

ELEINE

INFERNO AO VIOLÃO

Nova aposta do cenário escandinavo apresenta novo EP *Acoustic In Hell* e parte em suporte ao Sonata Arctica

Por Valtemir Amler

Com uma cena tão prolífica e tão bem sucedida em nível global há tanto tempo, é natural a convicção de que a Suécia tem também um dos cenários mais abrangentes e variados do metal mundial. Embora essa ideia seja absolutamente verdadeira, o país escandinavo não costuma ser o primeiro lugar para onde os fãs de symphonic metal olham em busca das grandes novidades no estilo. Fundada em 2014 em Landskrona, a Eleine é uma das boas exceções à regra e vem despontando entre seus pares. Criada pela dupla Rikard Ekberg (guitarra) e Madeleine Liljestam (vocal), a banda já alterou sua formação ao longo dos anos, enquanto apresentou três álbuns e dois EPs, incluindo o recente *Acoustic in Hell*, que cai como uma luva neste momento em que os suecos viajam em suporte à turnê acústica dos seus colegas finlandeses de selo, o Sonata Arctica. Para conhecer mais detalhes desse forte início de jornada, conversamos com a dupla de fundadores.

A Eleine nasceu em 2014. Ela representou o primeiro mergulho de vocês no mundo do metal autoral?

Rikard Ekberg: Sim. Na verdade, a Eleine foi minha primeira banda. Pelo menos quando falamos sob um ponto de vista mais sério.

Madeleine Liljestam: A mesma coisa da minha parte. A única outra banda de que participei antes foi na época da escola e era algo apenas para nos divertirmos, então acho que não conta. Do aspecto de música autoral, acho correto afirmarmos que a Eleine é nossa primeira banda, pois foi com ela que realmente aprendemos a compor.

Imagino que a banda tenha nascido a partir de vocês dois, que são o núcleo dela.

Madeleine: Isso mesmo. Eu e Rikard nos conhecemos quando ainda éramos muito jovens e formamos a banda dois anos depois. Foi interessante, porque, como já falamos, tínhamos participado de bandas antes, mas nenhuma delas tinha alguma intenção mais séria, embora eu encarasse com seriedade a possibilidade de ser vocalista e sei que ele também pensava em algo mais sério no mundo da música.

Rikard: Sim. A questão antes é que nós tentamos ter uma visão mais séria em nossas respectivas bandas, mas ninguém lá compartilhava dessa visão, estávamos meio que sozinhos nesse desejo de levar a música como algo mais profissional. E então nos conhecemos, o que mudou completamente o jogo.

E quanto aos outros integrantes, foi complicado encontrar pessoas que compartilhassem dos mesmos sonhos?

Madeleine: A verdade é que você encontra várias pessoas que sonham em viver de música, mas poucas dispostas a fazer o que é necessário para isso. Formar

uma banda é um processo longo, que demanda muito esforço em todos os sentidos, e nem todos estão preparados física e mentalmente para isso, pois acho que têm uma visão um pouco diferente de como são as coisas no mundo da música.

Rikard: É verdade. Para encontrar parceiros de banda, você acaba meio que fazendo testes, pois conhece as pessoas, elas às vezes são ótimas, mas não contribuem musicalmente para o seu progresso. Outras vezes, são ótimos instrumentistas, mas pessoas muito difíceis de lidar, e aí as coisas acabam não fluindo também. Acho que é por isso que tantas bandas mudam tanto ao longo dos anos.

Madeleine: Sinto que parte do problema para se tornar um músico é que romantizamos muito o que é estar em uma banda. É natural, amamos a música, ela nos apresenta um novo mundo e idealizamos o que seria a vida na estrada, as viagens, os shows, sua música chamando atenção etc. E então, de repente você percebe que se dedica muito, que acaba fechando outras portas na sua vida em nome dessa sua paixão pela música e muitas vezes ninguém dá a mínima para isso. Quer dizer, se você estiver fazendo isso por qualquer outro motivo que não seja paixão, é muito fácil se desiludir e desistir.

De fato, existe muito mais para ser pensado do que apenas a música, especialmente para uma banda que está iniciando e não tem todo um time para gerenciar os negócios.

Madeleine: Sim, é por isso que tantas bandas têm listas tão grandes de ex-integrantes. São pessoas que descobrem tarde demais o quanto essa vida demanda e então simplesmente decidem que não querem ou não podem fazer isso. Essa vida não é para todos, com certeza. Mas uma coisa eu digo para você: se você tem esse sonho, deve tentar. Ao menos tente, pode valer muito a pena, não desista antes mesmo de tentar. Do contrário, você nunca saberá.

Rikard: Nunca deixe outra pessoa dizer se você pode ou não fazer algo. Descubra por si mesmo, apenas lembre-se de manter os pés no chão.

Madeleine: Não entre no mundo da música para viver o seu sonho, mas para viver o seu objetivo. Defina suas metas e o que precisa para alcançá-las, e suas chances vão aumentar.

Dito isso, imagino que já tivessem uma ideia muito clara do que queriam com *Eleine* (2015).

Rikard: Ah, sim. Acho que quando nos conhecemos e começamos a falar sobre música, já percebemos do que ambos gostávamos e quais objetivos eram mútuos também. Então, ao menos musicalmente tínhamos uma ideia muito firme do que queríamos conseguir. Embora talvez ainda não fôssemos os músicos mais hábeis para alcançar aquele nível, sempre compusemos pensando no nível em que estávamos naquele momento, sabendo até onde conseguiríamos ir. Uma vez que alcançávamos outro nível, começávamos a trabalhar duro, estudar, ensaiar e treinar para chegar ao próximo nível.

Isso já explica por que sentimos uma diferença clara nas composições de *Until the End* (2018) e de *Dancing in Hell* (2020). Existe um núcleo bastante específico na música de vocês, mas é inegável que ao longo dos anos ganharam muita habilidade nos arranjos que cercam esse núcleo.

ACOUSTIC IN HELL
Atomic Fire/Shinigami - Nac.

Rikard: Muito obrigado, fico feliz ao ouvir isso porque para nós sempre foi um trabalho muito duro e disciplinado para alcançar cada etapa. Lembro que quando gravamos *Eleine* estávamos tendo a nossa primeira experiência em um estúdio de verdade e, claro, crescemos lendo e ouvindo histórias das nossas bandas favoritas em estúdio. Existem estúdios que são tão famosos quanto as bandas que gravaram lá, então óbvio que aquela era a maior experiência que havíamos tido no mundo da música até então. Então, nos preparamos muito para aquilo, queríamos fazer valer cada passo do caminho até ali.

Madeleine: É verdade. E isso me traz de volta a questão anterior, pois desde o começo tínhamos uma visão muito clara do que queríamos que fosse a Eleine, como deveríamos soar, como deveria ser nossa imagem, a performance no palco, os clipes e todo o resto. Mas a verdade é que nem sempre tivemos os recursos para chegar nesse lugar que queríamos, então fizemos o que pudemos com o que tínhamos e trabalhamos muito para dar um passo mais largo da próxima vez. É ótimo estar diante de pessoas que percebem e valorizam isso. E é legal estar no mundo do metal, pois as pessoas realmente valorizam a sua música, o gênero todo é sobre isso.

E vocês chegam a 2022 com um EP acústico, mas o que motivou o lançamento de *Acoustic in Hell*?

Rikard: Bem, para responder apropriadamente, precisamos voltar um pouquinho no tempo, até a época de *Dancing in Hell*. Ele foi nosso terceiro álbum e foi lançado no estranho ano de 2020. Apesar disso, ele foi completamente escrito e composto, lírica e musicalmente, antes de a pandemia acontecer, então não sabíamos o que viria a seguir. Gravamos todo o álbum e chegou um momento em que não sabíamos se ele seria lançado ou não.

Madeleine: Ao menos é certo afirmar que não sabíamos quando ele seria lançado, pois de repente tudo estava sendo jogado para depois. Primeiro foram os lockdowns, depois a falta de material que colocou as gravadoras em cheque. A verdade é que chegou um momento em que sabíamos que *Dancing in Hell* tinha que ser lançado, por dois motivos básicos: primeiro, ele era cheio de temas que seriam importantes para as pessoas naquele momento. Apesar de não lidar com a pandemia, ele fala sobre lutas internas, sobre superação, e não importa o que está acontecendo no mundo, você precisa vencer os seus demônios e seguir em frente. Em segundo lugar, nós precisávamos viver, precisávamos colocar comida na mesa, e com o mundo fechado e sem chances de shows, não podíamos ficar com um álbum já gravado parado. Graças aos nossos fãs, conseguimos passar muito bem por aquele momento difícil, pois eles compraram a ideia e apoiaram a banda.

Rikard: Então, *Acoustic in Hell* acabou acontecendo como um agradecimento aos fãs. Você sabe, o Sonata Arctica está em turnê com seu show acústico, então foi oferecida para nós a oportunidade de acompanhá-los, mas deveríamos também fazer um show acústico. Essa era a única demanda, mas nós pensamos: 'Que tal regravar algumas das nossas canções em formato acústico e disponibilizar em disco, para que todos os nossos fãs possam ter acesso, em vez de só aqueles que puderem comparecer a um show?' Estamos felizes com o resultado, mas já estou com vontade de empunhar uma guitarra de novo (risos).

MANNY CHARLTON

✶ 25/07/1941 † 05/07/2022

Por Antonio Carlos Monteiro

Divulgação

A história da música está repleta de casos de artistas de grande importância, mas que não tiveram o reconhecimento que seus talento e trabalho mereciam. Um exemplo bem claro é o do espanhol Manuel Charlton. Nascido na cidade de La Línea de la Concepción, em Cádiz, na região da Andaluzia, aos 2 anos foi com a família para Dunfermline, na Escócia. Logo a música começou a despertar seu interesse e passou a se dedicar à guitarra. Ao mesmo tempo, deu uma "americanizada" em seu Manuel, adotando o nome artístico de Manny Charlton.

Após passar por algumas bandas locais, como Mark 5 e The Red Hawks, em 1961 montou um grupo chamado The Shadettes com Dan McCafferty (vocal), Pete Agnew (baixo) e Darrell Sweet (bateria). Logo o quarteto mudou o nome para Nazareth, inspirado em um trecho da letra de *The Weight*, de The Band. Em 1970 mudaram para Londres em busca de melhor sorte. Os dois primeiros discos, *Nazareth* (1971) e *Exercises* (1971), só renderam "uma montanha de dívidas", conforme lembrou Manny em entrevista ao site LRI em 2012. Porém, em seguida o Nazareth embarcou em uma tour abrindo para o Deep Purple e na estrada ficaram próximos de Roger Glover, que se dispôs a produzir o álbum seguinte. Antes disso, tinham convidado Jimmy Page e Pete Townshend, que sequer responderam... *Razamanaz* (1973) levou o grupo às paradas e rendeu o primeiro Disco de Platina, no Canadá. "Roger fez um trabalho incrível e nós seremos eternamente gratos a ele", rasgou-se o guitarrista na mesma entrevista.

Glover também produziu os dois discos seguintes, *Loud'n'Proud* (1973) e *Rampant* (1974), este último em parceria com Manny. A partir de então, Manny Charlton assumiu a produção do Nazareth, assinando os quatro lançamentos seguintes.

A despeito de já ser uma banda consagrada, foi o trabalho seguinte, *Hair of the Dog* (1975), que alçou o Nazareth ao estrelato, graças principalmente à versão de *Love Hurts*, balada escrita pelo compositor americano Boudleaux Bryant e gravada primeiro pela dupla The Everly Brothers em 1960. A voz rasgada de McCafferty e o solo com slide de Manny Charlton ajudaram a tornar a música marcante.

Em 1986 Manny recebeu um convite inesperado: uma banda iniciante queria conversar com ele sobre a produção de seu disco de estreia. A banda se chamava Guns N'Roses. "Dan é o cantor favorito de Axl Rose", explicou Manny, "e ele queria na produção o mesmo cara que produzira *Hair of the Dog*." Manny foi a Los Angeles para conhecer a banda e deixou o pessoal do Nazareth furioso, já que eles estavam em meio à produção do álbum *Cinema* (1986). Sob seu comando, o Guns registrou 25 músicas no Sound City Studios, mas Manny teve que voltar para completar as gravações do Nazareth e Mike Clink acabou produzindo *Appetite for Destruction* (1986). As faixas gravadas com Charlton acabaram saindo em um box lançado em 2018. Ele conta que não ganhou nada pelo trabalho, mas anos depois o Guns N'Roses gravou *Hair of the Dog* no disco *The Spaghetti Incident?* (1993). "Foi assim que eles me pagaram", concluiu Manny.

Em 1990, após o lançamento do álbum *Snakes'n'Ladders* (1989), Charlton deixou o Nazareth. Ele explicou na mesma entrevista: "Aquele disco foi um desastre! Havia muitos problemas pessoais entre os membros da banda, nós jamais deveríamos ter entrado em estúdio naquele momento. E eu assumo minha parcela de culpa por tudo aquilo que estava acontecendo..."

Nos anos seguintes, Manny lançou onze discos solo tanto em seu nome com em nome de The Manny Charlton Band, mas nenhum deles chegou perto do sucesso alcançado com o Nazareth, mesmo tendo gravado com nomes como Tim Bogert, Steven Adler e Vivian Campbell.

Em 2006, passou a fazer parte da banda sueca From Behind, com quem lançou um disco, *Game Over*, e fez uma tour pela Europa antes de encerrar atividades no ano seguinte.

Desde 2015 havia voltado a morar na Espanha, na cidade de Córdoba. E em 5 de julho último, durante viagem aos EUA, Manny Charlton faleceu. As causas da morte não foram reveladas e a discrição foi mantida por parte da família. Apenas seu neto Jamie Charlton se manifestou, postando uma foto ao lado de Manny numa rede social com a legenda "RIP vovô."

Nazareth
Razamanaz (1973)

Nazareth
Hair of the Dog (1975)

Nazareth - Close Enough for
Rock'n'Roll (1976)

From Behind
Game Over (2006)

The Manny Charlton Band
Helacious (2013)

MIDNIGHT DANGER

ESCUTE AGORA

Com participações de:

Rafael Bittencourt
Kane Roberts
Martin Sweet
Danny Rexon
Sonia Anubis

MIDNIGHTDANGER.COM

Carlos, Claudio e Hardcore fizeram da Dorsal um dos maiores nomes do metal extremo dos anos 80

Paulo Goveia

DORSAL ATLÂNTICA PARTE 2

CONQUISTANDO SEU ESPAÇO

Misturando ousadia e muita personalidade, a Dorsal Atlântica encerra a década de 80 lançando dois álbuns definitivos

Por Antonio Carlos Monteiro

A consolidação do nome da Dorsal Atlântica após o lançamento de *Antes do Fim* era algo indiscutível. Como disse Carlos Lopes em conversa exclusiva para este Background, "pra muita gente nós éramos a maior banda do mundo." E uma das consequências diretas disso foi a série de convites para abrir shows internacionais, que começavam a se tornar comuns por aqui. "A Dorsal foi a banda mais convidada para abrir show internacional entre 86 e o começo da década de 90" garante ele. "E a gente era pago, era um trabalho." Isso se repetiu quando as bandas Venom e Exciter vieram ao Brasil no final de 1986. Só que não foi tudo um mar de rosas como se poderia imaginar: "Foi muito foda...", resume Carlos. "Um gringo que estava produzindo o show queria o apoio de uma revista e a escolhida foi a Rock Brigade", lembra ele. As bandas selecionadas foram Dorsal Atlântica, Vodu, Vulcano e Sepultura, sendo que cada uma abriria um show da turnê. A banda foi chamada para uma reunião na sede da revista em São Paulo e um dos empresários, Chris Vaughan, segundo Carlos, disse que cada banda teria vinte minutos para se apresentar, não iam receber nada, mas iam assinar um contrato. O sujeito ainda teria dito: "Se em vinte minutos vocês não saírem, eu chuto vocês pra fora do palco."

Chegado o dia do show, 7 de dezembro, a Dorsal foi comunicada que deveria emprestar o amplificador de baixo para o Venom. Carlos não topou. O equipamento era alugado, então se quisessem usar, que dividissem os custos. Aí o empresário se irritou e disse que a Dorsal não ia tocar. Mas lembram daquele contrato que a banda teve que assinar? Lá não dizia nada sobre empréstimo de equipamento e se a banda fosse proibida de se apresentar poderia dar problema para os gringos. A Dorsal acabou fazendo seu show e a reação do público foi totalmente positiva: "Parecia a beatlemania do capeta", brinca ele. Acabado o show, plateia ensandecida, outro dos empresários gringos, assustado, encosta em Carlos e dá a ordem: "Contenha seu público!" A resposta foi no melhor estilo Vândalo: "Não contenho coisa nenhuma, caguei pra você!"

O show do Venom já começou tumultuado uma vez que a banda "entrou com fitas coloridas penduradas nos braços. Teve início um burburinho na plateia. E começou a voar tênis, chave, um monte de coisa no palco. Por isso que colocaram a rede na frente do palco em São Paulo." Além disso, sabia-se que o tal Chris havia dado cano na equipe de som e luz no show de Brasília, realizado quatro dias antes. "Quando acabou o show, apareceu a Polícia Federal e prendeu todo mundo. Chris tentou fugir pela janela do banheiro."

Carlos lembra que Dan Beehler, baterista e vocalista do Exciter, "foi muito gentil com a gente." Beehler ainda disse que os caras do Venom eram "um bando de idiotas". "Imagina eu, garoto, que tinha os discos do Venom, vendo alguém como Dan Beehler falar que os caras eram uma cambada de idiotas."

E numa das muitas provas de que o mundo é minúsculo, no início dos anos 90 a Dorsal foi a Fortaleza tocar com o Raimundos "E quando me apresentaram o empresário deles era o gringo do 'contenha seu público'."

Mudando tudo

Apesar de a situação ter beirado o patético, Carlos diz que a experiência foi "um tratamento de choque pra mim." E ali foi tomada uma decisão relativamente radical: a banda ia abandonar as roupas de couro e as tachas, passando a adotar os triviais jeans e camisetas, e os pseudônimos também seriam deixados de lado. Ajudou nisso o radicalismo que tomava conta da cena no Rio de Janeiro. "As pessoas começaram a brigar nos shows, eram conflitos entre Zona Sul e Zona Norte. Aquilo foi me enchendo o saco, era muita imaturidade." E ele lembra de um dia em que houve uma briga no Baixo Gávea "entre o pessoal mais radical e o pessoal farofa." Ele se recorda que "do lado do pessoal farofa estava o Metalmorphose, que já estava naquelas de usar roupa colorida,

Carlos ao vivo

Daniel Oliveira

Paulo Gouvea
A banda abandonou o couro e as tachas

e do lado radical estava Explicit Hate, que eram dois irmãos muito playboys e que nunca poderiam estar encabeçando aquilo." Segundo ele, "veio um cara do Metalmorphose, que era meu amigo, e apontou o dedo na minha cara: 'Você e o responsável por esse radicalismo todo e por essa violência!'" Ele rebateu dizendo que não era responsável por nada. "Esses aí é que são sem noção", respondeu ele. "Eles vão passar do mesmo jeito que vocês também vão porque isso aqui é tudo moda."

A mudança proposta por Carlos não se limitava às roupas e aos pseudônimos, mas também a uma mudança na sonoridade "para ficar mais distante daquelas pessoas." A ideia era fazer algo mais intelectualizado, nas palavras de Carlos. "Resolvemos começar a ousar! A gente não esperou a cena dizer pra gente que estávamos ultrapassados. Eu sempre tive o senso político de me antecipar. Preferia levar a bordoada antes..." O resultado é *Dividir & Conquistar*, que Carlos define como "um disco mais refinado, com letras mais refinadas e com o objetivo de continuar fiel à proposta da banda e se afastar do infantilismo." Era uma mudança no mínimo arriscada, já que o sucesso de *Antes do Fim* era incontestável. "Já me disseram que eu sou o rei de dar tiro no pé (risos)", brinca ele. "Se eu tenho uma porta aberta na minha carreira pra crescer, eu nunca entro por ela. Eu construí algo e tenho o direito de viver as benesses disso, tudo bem, só que se vai me favorecer financeiramente, mas vai aumentar a alienação das pessoas, aí meu lado radical fala mais alto."

3 Dias de Muito ROCK Pauleira
Venha comemorar conosco.
20 Anos do mais puro Rock
MADE IN BRAZIL
A Lenda viva do Rock Brasileiro
TEATRO IPANEMA
DIA 4 - SEXTA - 21 HS.
Participação Especial AZUL LIMÃO
DIA 5 - SABADO - 1.a Sessão - 21 hs.
Part. Especial DORSAL ATLANTICA
DIA 5 - SAB. - Sessão maldita - 24 hs.
Participação Especial ANJO CAIDO
DIA 6 - DOMINGO - 21 HS.
Part. Especial DORSAL ATLANTICA
Apoio: GOPE Instrumentos Musicais
HEAVY - Major Avila, 200 - Tijuca
Escreva p/ FÃ CLUBE MADE IN BRAZIL e receba Grátis
o Jornal MADEMANIACO - End.: Rua Caraibas n.o 93
Pompéia - SP - Capital - Cep 05020 - Junte-se a nós!!!
ATENÇÃO: — DIA 30 DOMINGO - MADE IN BRAZIL
+ 3 BANDAS DE HEAVY — CIRCO VOADOR

O pontapé inicial para o novo disco veio através de uma parceria com a loja Heavy, que ficava na Tijuca, na Zona Norte do Rio. "O dono da loja, José Nilton, acabou ficando meu amigo. E como ele viu que *Antes do Fim* vendia que nem água, propôs fazer um disco especial, com capa dupla e várias horas de estúdio." A proposta foi que a gravação acontecesse no estúdio Master, o mesmo em que foi registrado *Antes do Fim*, mas o empresário consultou a banda para saber se havia ficado algum trauma da experiência anterior.

Carlos Lopes
Fotos: Divulgação

Progressivo

Já o título do álbum, Carlos diz que foi inspirado em uma entrevista concedida por Mau, vocalista da banda Garotos Podres. "Nessa matéria, ele dizia que os punks eram do proletariado e o heavy metal roubou tudo do punk, mas na verdade era um movimento lúmpen (N.R.: de acordo com o marxismo, o termo se aplica à população situada socialmente abaixo do proletariado, do ponto de vista das condições de vida e de trabalho). Carlos acredita que "ele não está muito longe da verdade. E ele citou Julio Cesar, o Imperador, que atravessou o rio Rubicão porque o senado o tinha exilado e dito que se ele atravessasse o Rubicão de volta haveria guerra. Ele atravessou com sua tropa e se tornou ditador. E aí o Mau disse que ele colocou em prática a política de dividir e conquistar." O vocalista e guitarrista diz que "quando li isso, eu disse: 'Caralho, é o nome do disco!' Porque a cena já estava dividida e era perfeito para falar sobre o metal desunido. Era o que eu via na cena, uma coisa meio infantil."

Exceto pelo fato de ter mais horas de estúdio, a gravação não foi muito diferente das anteriores: "A gente ainda não tinha equipamento, então o pessoal que tinha um equipamento melhor emprestava pra gente. Isso aconteceu no *Ultimatum*, no *Antes do Fim* e se repetiu no *Dividir & Conquistar*." A bateria, por exemplo, foi emprestada por um amigo. Era um instrumento novo, "mas não afinava de jeito nenhum." Acabaram achando uma bateria empoeirada e com as peles velhas largada num canto do estúdio. "Era a mesma com que tínhamos gravado *Antes do Fim*! Trocamos as peles e ela afinou que foi uma beleza, um som de bumbo maravilhoso." Carlos lança o desafio: "E como você explica um negócio desses?"

O encontro com o ídolo

Ele também lembra que "o técnico de gravação trabalhava na Globo e ele chegava lá virado de trabalhar, morrendo de sono, porque a gente gravava de noite, até de madrugada. Um dia, a gente chamou o cara, ele não respondeu, a gente foi ver e o cara estava dormindo em cima da mesa de som."

Surpreendendo dez entre dez pessoas, Carlos Lopes afirma que "*Dividir & Conquistar* é um disco de metal, mas eu prefiro dizer que é rock progressivo. Não tem a ver com Yes ou Emerson Lake & Palmer, é o meu progressivo, é a minha forma de ouvir o rock progressivo." E dá um exemplo: "O baixista do Azul Limão, Vinícius (Mathias), era assistente de estúdio e ele gravou um piano no disco; o Silvio, que era vocalista do Mutilator, estava no Rio e eu pedi pra ele botar uma voz em *Preso ao Passado*, tem uma risada dele lá; o Rodrigo (Esteves), ex-vocalista do Azul Limão, canta numa faixa. Hoje ele é cantor de ópera e eu pedi pra ele botar um vocal operístico num trecho que eu tinha escrito em *Preso ao Passado*. Ou seja, estava todo mundo lá e todo mundo foi ajudando. Isso pra mim é progressivo."

Provocado a dizer o que acha de *Dividir & Conquistar* hoje, Carlos confessa que "é difícil ouvir meus discos porque eles têm uma carga emocional muito forte. Eu ouço e lembro da minha namorada da época, dos amigos, de gente que morreu, das dificuldades.... Um disco não é uma coisa profissional. Não é uma empresa em que você obriga a pessoa a te entregar determinado produto. Você chega lá e é no coração, apesar de ter muito trabalho envolvido."

Gravado em 1987 e lançado no ano seguinte, *Dividir & Conquistar* teve

ótima repercussão, vendendo mil cópias em um único dia na Galeria do Rock, em São Paulo. Foi a grande abertura para a banda no estado, já que só a partir daí o público paulista começou a consumir *Antes do Fim*, que tinha passado quase despercebido em São Paulo. "Tem coisas que a gente não consegue compreender na hora", explica Carlos.

Já no geral, Carlos não sabe quanto o disco vendeu, mas o que a banda recebeu permitiu que viajasse, ensaiasse e melhorasse os equipamentos. "É importante que todo mundo ganhe dinheiro junto pra máquina funcionar. E que a gravadora não ganhe dinheiro sozinha, deixando a banda se foder. Você mata o artista, mas tem lucro com a obra. Zé Nilton entendeu isso perfeitamente." Com o dinheiro que entrava a banda criou uma caixinha da qual cada um tirava uma porcentagem e o que sobrava financiava clipes, ensaios, viagens para tocar etc. "Isso acabou sendo causa de umas brigas, porque não tinha dinheiro sobrando", revela ele. "A gente tocava no Brasil inteiro, mas não sobrava muito porque os custos eram altos. E começaram a surgir umas piadinhas dentro da banda dizendo que eu estava roubando, desviando grana pra me dar bem etc. Mas aí eu percebi que isso era uma característica humana."

Ele conclui dizendo que *Dividir & Conquistar* "é um disco humanista. Eu estou falando sobre mim. As músicas são pequenas obras que se conectam pelo viés da humanidade e isso não é uma coisa muito comum. Por isso que eu digo que é progressivo. E o curioso é que hoje tem muito mais gente que entende o disco do que tinha naquela época, tem muita gente que prefere *Dividir & Conquistar* ao *Antes do Fim*."

Apertando a mão do ídolo

O lançamento do novo álbum permitiu que a Dorsal Atlântica atingisse outro patamar. "A gente conseguiu viajar de avião!", comemora ele. "Na época do *Antes do Fim* nós íamos de ônibus pra todo lugar." Já nessa nova fase, a Dorsal foi contratada para dois shows, em Belém e Manaus. "Tinha dois atores da Globo no voo. Os dois saíram na nossa frente, chegaram na porta e disseram pra nós: 'Acho que esses gritos não são pra nós, são pra vocês.' Aí quando a gente botou o pé na escada, tinha um monte de gente com faixa esperando a gente! E eu falei: 'Caralho, como a gente está popular!'"

Fotos: Divulgação

Claudio Lopes no palco do Circo Voador

Incialmente, *Dividir & Conquistar* deveria sair no exterior através da SPV, "mas na última hora os caras amarelaram." Então, foram lançadas duas versões do disco no Brasil: o *Dividir & Conquistar* inteiro em português, com capa gatefold e um selo colado na capa avisando que se tratava do álbum na íntegra, e uma versão em EP chamada *Cheap Tapes from Divide and Conquer* com cinco das oito faixas em inglês. Carlos lembra que "a capa do EP é uma sátira sobre a antropofagia, mistura a carta de Pero Vaz de Caminha, os índios comendo o Bispo Sardinha e a fonte das letras é igual à do álbum *Cheap Thrills*, da Janis."

Disco novo devidamente lançado e

André Barcinski

Hardcore

reconhecido, em 1989 a Dorsal Atlântica recebeu mais um convite para abrir um show internacional. Só que dessa vez não seria um show qualquer, mas o Motörhead, banda favorita de Carlos Lopes. "Um empresário ligou dizendo que queria que a gente abrisse pro Motörhead em Porto Alegre. Só que não ia ter nenhum pagamento e os custos iam ser por nossa conta." Mesmo assim, o trio encarou o negócio. Uma greve de motoristas de ônibus fez com que o show fosse adiado. E nada de a produção entrar em contato... Carlos ligou pro sujeito que tinha combinado com a banda: "Ele disse: 'Não te prometi nada...' Aí fomos pro hotel do Motörhead e chamamos o empresário da banda. Ele falou que ninguém tinha avisado que ia ter banda de abertura, mas acreditou da gente, deu credenciais e disse pra gente aparecer no Gigantinho, que é onde aconteceria o show."

Na passagem de som, o guitarrista Phil Campbel e o batera Animal Taylor estavam assistindo. "Quando acabamos, o Phil veio, muito bêbado, e falou: 'A banda é muito boa!'" Depois Carlos encontrou com Lemmy. "Pedi pra tirar uma foto, ele ficou meio assim, mas tirou. Terminado o show, a gente não tinha camarim nem nada. Eu estava lá sentado no chão, sem camisa, suado, e apareceu o Lemmy, copo de cerveja na mão. Ele lembrou que eu tinha falado com ele. Estendeu a mão e falou: 'Parabéns pelo seu show, você tem uma grande banda e eu sei reconhecer pessoas que dão duro.' Eu levantei com uma vontade de chorar da porra e apertei a mão dele sem acreditar." (risos)

André Barcinski

Dorsal Atlântica e Nasty Savage

A ópera-rock

A criatividade inesgotável de Carlos Lopes já programava algo diferente de tudo que havia sido feito até então para o disco seguinte. "Minha cabeça estava cobrando isso." Ele conta que seu pai começou a comprar uns fascículos vendidos em bancas de jornal com discos de ópera. Em paralelo, Carlos sempre foi fã da ópera-rock *Tommy* (1969), do The Who. "As duas fontes para o novo álbum foram essas: os discos de ópera do meu pai e *Tommy*." O resultado foi uma ópera-rock que tinha o que ele chama de "história de brasilidade." "Eu ia de disco a disco tentando ser mais brasileiro e resolvi contar uma história mostrando como era a sociedade brasileira." Só que no meio desse processo surgiu um convite para o disco ser lançado nos EUA e, para isso, teria que ser gravado em inglês. "E continuando na minha saga de dar tiro no pé (risos)", prossegue ele, "pensei em fazer alguma coisa inusitada. Então é um disco inteiro com letras que não têm rimas."

Intitulado *Searching for the Light*, o disco conta a história de um personagem chamado Ian, "nome que eu botei muito provavelmente por causa do Ian Gillan", que vivia numa sociedade em que os pobres moravam nos bueiros e os ricos, nas coberturas. Carlos conta mais: "Uma vez por ano tinha o carnaval, que era quando os turistas apareciam, e essa elite tinha o direito de usar armas de fogo. E enquanto os pobres desfilavam, os ricos atiravam na cabeça deles. Era uma forma de conter o aumento da população." Só que além da cidade havia um muro que ninguém podia

Claudio Lopes

Daniel Oliveira

atravessar. Ian atreveu-se a atravessá-lo imaginando que do outro lado existia um lugar melhor. Descobriu que lá havia um campo de concentração. "Ele fica tão desiludido que volta pra casa, deita em posição fetal e morre. Só que então ele compreende que o espírito existe além do sofrimento da matéria. E ele consegue ver o mundo através de uma vivência espiritual", explica o autor. "*Searching for the Light* é uma mistura de um monte de coisas: cultura pop, Planeta dos Macacos, os livros do Orwell, que também me influenciaram a escrever *Pandemia* décadas depois, e aquele período do Brasil, em que estava começando com o governo Collor."

O poderoso chefão

Aparentemente, estava tudo perfeito: uma proposta de uma gravadora do exterior, uma ideia criativa, um selo nacional disposto a continuar apoiando a banda. Só que nunca as coisas foram fáceis para a Dorsal Atlântica. Antes de começar as gravações, o batera Hardcore avisou que estava saindo: "Ele queria que a banda desse dinheiro, o que a banda não dava. A gente era popular, tocava no Brasil todo, mas dava aquela grana mínima. O Hardcore trabalhava no restaurante do pai dele, meu irmão era funcionário público e eu fazia faculdade e dava aula de guitarra o dia todo. Todo mundo ia se virando. Como é até hoje."

Nada convenceu o baterista a permanecer, mas ele ao menos gravou o disco. Que, como sempre acontece em se tratando de Dorsal, teve um lado insólito: "O dono da Heavy disse que descobriu um estúdio no mesmo nível dos estúdios do Rio, só que bem mais barato." Ele ficava em uma fazenda na cidade de Valença, no interior do estado. O nome não poderia ser outro: Farm. Por conta da localização, a banda teve que ficar por lá durante a gravação. E nessa estadia Carlos descobriu que a fazenda tinha sido do Barão do Rio Branco. Mais que isso: que a dona do lugar na época era Lily Marinho, esposa de Roberto Marinho, então todo-poderoso da Rede Globo. Ela tinha construído o estúdio para um filho dela, que tinha problemas com drogas. "O garoto tocava e dona Lily imaginou que se desse um estúdio, ele ia segurar a onda com as drogas." Num belo dia, ouviu-se um barulho de motor de helicóptero. O técnico de gravação deu a letra: "É o doutor Roberto." Carlos conta: "Aí abre a porta e aparecem Roberto Marinho, dona Lily e toda uma entourage. Ele cumprimentou a gente e ficou olhando tudo lá. Então, o Roberto Marinho esteve na gravação de *Searching for the Light*."

Dorsal em São Paulo

É campeão!

Carlos resume a saga dizendo que "na minha cabeça, esse disco era pra ser um negócio muito grande. Mas a gente teve muito problema, como tivemos nos anteriores. E os técnicos não conseguiam gravar a gente, eles não sabiam gravar a gente. E ainda Hardcore pedindo pra sair. Aí o Botafogo foi campeão! (N.R.: pra quem não sabe, Carlos é botafoguense), depois de 22 ou 25 anos (N.R.: na verdade, foram 21 anos; o jogo decisivo foi uma vitória por 1 a 0 em cima do Flamengo, gol de Maurício, em 21 de junho de 1989). São coisas que dão um alívio, porque o clima não estava bom."

No fim das contas, *Searching for the Light* acabou saindo lá fora. "*Dividir & Conquistar* era pra sair pela SPV, mas não saiu. Quando chegou a vez de *Searching for the Light* apareceu um monte de selos, mas ninguém batia martelo. Aí surgiu um selo de Los Angeles (EUA), Wild Rags. O dono disse que lançava o disco e ofereceu uma turnê underground pelos EUA. Essa turnê nunca saiu e eu nunca recebi um centavo pelo disco. É assim que funciona..."

Uma das últimas fotos com Hardcore

Mesmo com todos os percalços e sem fazer uma turnê de divulgação por conta da troca de baterista, *Searching for the Light* teve boa repercussão. "Eu diria que foi o primeiro disco nosso que levaram a sério", garante ele. "Os dois jornais do Rio, O Globo e Jornal do Brasil, fizeram matérias com a gente, Maurício Kubrusly me ligou pedindo o disco. Ou seja, *Searching for the Light* conseguiu, mesmo independente, sair daquele nicho e chegar nessas pessoas. Isso mostra que teve uma barreira que foi cruzada. Mas não conseguimos dar o pulo do gato porque a gente não tinha dinheiro."

Ele afirma que naquela época, entre o final dos anos 80 e o começo da década seguinte, "eu consegui entender que as coisas estavam deixando de ser românticas e ficando mais profissionais. E que quem não tivesse dinheiro não se estabeleceria. Tanto que a gente parou de ser chamado para abrir shows internacionais porque as bandas passaram a pagar para tocar. Perguntaram se eu queria fazer parte daquilo e eu disse: 'Claro que não!' Eu não chamo isso de corrupção, mas de um lado do profissionalismo de que eu não gosto. É o mesmo que você se interessar por uma menina e ela ficar com outro cara porque ele tem um carro."

Mas o caminho ainda seria longo para a banda. E ele começaria pela escolha do novo baterista. *Continua...*

Dividir & Conquistar (1988)

Cheap Tapes From Divide And Conquer (1988)

Searching for the Light (1989)

ClassiCrew

1973 DEEP PURPLE
Who Do We Think We Are

Todo mundo quer lançar um álbum definitivo, daqueles que vai ser chamado de "clássico" por décadas a fio. O problema é que tem o "day after". Ou seja, lançar o quê depois de colocar no mercado um álbum inesquecível? Era mais ou menos esse o dilema que o Deep Purple enfrentava após soltar não um, mas dois discos platinados: *Machine Head* e o ao vivo *Made in Japan*, que saíram em um intervalo de nove meses durante 1972. Só

que, mais do que isso, Gillan, Blackmore, Glover, Lord e Paice, como toda banda que se vê repentinamente no auge do sucesso, estavam excursionando direto, o que costuma ser explosivo para as relações internas.

O momento seria ideal para umas férias, mas os executivos não davam a menor importância para o que rolava e queriam aproveitar ao máximo a onda de sucesso que envolvia o grupo. Mais e mais shows eram marcados e, ao mesmo tempo, havia a pressão para que um novo disco fosse lançado. Assim, a gravação do álbum seguinte aconteceu em duas etapas, em folgas da turnê: a primeira delas aconteceu em Roma, em julho de 72, quando foram registrados o maior hit do disco, *Woman from Tokyo*, e o outtake *Painted Horse*. Já o restante das faixas foi gravado em Frankfurt, em outubro seguinte, sempre usando a unidade móvel de gravação dos Rolling Stones. Repetindo o time do disco anterior, a produção ficou a cargo da própria banda, enquanto Martin Birch cuidou da engenharia de som.

Lançado em 12 de janeiro de 1973, *Who Do We Think We Are* é um disco com forte participação de Jon Lord (tanto que várias músicas têm os riffs comandados pelo teclado), porém se ressentiu da falta de hits como os que recheavam o antecessor – aqui, só *Woman from Tokyo* atingiu o status de hit – o que não significa, de forma alguma, que se trata de um trabalho de menor qualidade. De todo modo, as vendas iniciais foram bastante significativas, sendo o álbum do Purple que mais rápido conquistou Disco de Ouro.

No fim das contas, as tensões internas foram mais fortes e em meados de 73 tanto Gillan como Glover saíram da banda. Rapidamente, David Coverdale e Glenn Hughes foram convocados e teve início outra fase extremamente criativa na história do Purple. Mas Lord não se conformava com a saída dos dois. Depois de chamar o episódio de "maior vergonha da história do rock", ele abriu o coração: "Deus sabe onde poderíamos chegar nos três ou quatro anos seguintes. Estávamos compondo muito bem!"

Antonio Carlos Monteiro

KARISMA 1983
Sweet Revenge

O material de luxo lançado pela gravadora Classic Metal no ano passado chamou a atenção dos fãs do metal brasileiro. Tratava-se do relançamento, repleto de bônus, do debut do Karisma, *Sweet Revenge*. O trabalho fez história porque se a banda paraense Stress foi a primeira a gravar um disco de heavy metal no Brasil em 1982, o trio andreense, formado pelos irmãos Helmut Fritz (vocal e guitarra) e Rudolf Leschonski (bateria) e o baixista Nelson "Otho" Fountain, foi o primeiro a registrar um trabalho cantando em inglês.

Com nome inspirado na música *Charisma, de Dynasty* (Kiss), o trio iniciou fazendo um som que se aproximava do estilo do Rush, mas com letras em português. "Depois que passamos a curtir Judas Priest, AC/DC e Motörhead não fazia mais sentido cantar em português. De início, não pensávamos só em atingir o mercado externo, era mais por uma questão de estilo", observa Helmut.

Assim, em setembro de 1983, com um repertório novo, o Karisma partiu para o estúdio São Quixote, em Santo André, para gravar *Sweet Revenge*. O local era de propriedade de Cláudio Lucci, músico de MPB, e depois passou a se chamar estúdio Cameratti. O trio gravou as oito faixas – *We Are Here to Fuck Your Ears*, *We've Got Rock*, *Far Away from Home*, *In My Bed*, *Orient Fucker*, *Honey You Got Money*, *Too Much Drugs* e *Stairway to Heavy* – praticamente ao vivo. "O disco foi feito com poucos overdubs porque a gente não tinha dinheiro. Pagamos por uma quantidade de horas e por isso que passaram algumas falhas. Tudo foi feito em apenas um dia", explica Helmut.

Andreas Kisser (Sepultura) sempre lembra que o primeiro show de uma banda brasileira que viu de perto foi o do power trio do ABC, fato que também ocorreu com o vocalista e baterista do MX, Alexandre Cunha. Kisser, no entanto, fez questão de comprar sua cópia autografada das mãos dos próprios músicos.

Pois é, a receptividade foi acima das expectativas e a banda passou a promover o disco fazendo shows. Um fato curioso foi a vinda de Dee Snider (Twisted

Sister) ao Brasil para uma promo-tour. Os integrantes do Karisma e Beto Peninha, apresentador da Sessão Rockambole (97 FM), acabaram entrevistando-o e Dee, que foi presenteado com o vinil e uma camiseta do Karisma, prometeu que quando o Twisted Sister viesse ao Brasil, o trio faria a abertura. O fato nunca ocorreu, mas o nome Karisma jamais sairá da história do heavy metal do Brasil.

Ricardo Batalha

1993 SEPULTURA
CHAOS A.D.

Embora coisas muito interessantes ainda aparecessem em intervalos irregulares, em 1993 algo já era visível: a era de ouro do death/thrash havia terminado. Naqueles dias, nomes como Messiah, Dead Head, Devastation, Protector, Demolition Hammer, Sadus e o próprio Sepultura haviam seus grandes clássicos, ao passo que as bandas rumavam ou para uma grande transformação musical ou para um ostracismo discográfico que, em alguns casos, dura até os dias de hoje.

Para o quarteto Max Cavalera (vocal e guitarra), Andreas Kisser (guitarra), Paulo Jr. (baixo) e Igor Cavalera (bateria), até hoje referenciada como a "formação clássica" do Sepultura, o ostracismo não era sequer uma opção, já que a banda vivia o auge da sua popularidade em todo o mundo. Portanto, transformação era a palavra e, para o bom ouvinte, ela era muito clara já nas primeiras linhas desse quinto álbum completo do grupo.

Para o fã de death/thrash, as primeiras dicas já vinham nos créditos: se o anterior, *Arise* (1991). havia sido gravado na Flórida, no lendário Morrisound Studio, ao lado do não menos lendário produtor Scott Burns (que produziu todos os gigantes da cena death da época), o novo trabalho havia sido gravado na Grã-Bretanha, no Rockfield (Christian Death, Bauhaus, Judas Priest) com o produtor Andy Wallace (Slayer, Helmet, White Zombie). Mais do que isso, bastava o primeiro minuto de *Refuse/Resist* para perceber que o death/thrash havia definitivamente cedido seu lugar ao groove/thrash.

Sim, *Chaos A.D.* era um álbum bastante diferente dos seus antecessores e inseria de forma inequívoca o Sepultura na nova sonoridade que dominaria a década de 90, mas isso de forma alguma falava contra o repertório do disco, que se firmou como mais um dos clássicos da banda. Destacada antes, *Refuse/Resist* é clássica nos seus riffs repletos de groove até seu clipe icônico, um dos melhores do metal nacional até hoje. *Territory* é outra que tem presença obrigatória nos shows, mas para este que vos escreve *Chaos A.D.* traz alguns outros atrativos, que acabam fazendo dele um grande álbum e não apenas um bom disco com dois ótimos singles: ouça a temperamental *We Who Are Not as Others*, a intempestiva *Propaganda* e a ótima versão para *The Hunt*, do New Model Army. Definitivamente, um passo abaixo de *Beneath the Remains* (1989) e *Arise*, mas o melhor de toda uma nova era musical, que se iniciava justamente com *Chaos A.D.*

Valtemir Amler

2003 RUSH
Rush In Rio

Olhando para trás, existem alguns sentimentos em relação ao premiado *Rush in Rio*, sendo o primeiro o orgulho em poder dizer: "Eu estava lá fazendo a cobertura e vendo esta lenda do rock mundial pela primeira vez." Não efetivamente no show que deu origem a este CD triplo, DVD duplo (com o documentário *The Boys in Brazil*) e vinil quádruplo, gravado no estádio do Maracanã (RJ), mas no Morumbi (SP), em 22 de novembro de 2002. O segundo é justamente poder rever tudo o que Geddy Lee, Alex Lifeson e o saudoso Neil Peart fizeram em sua primeira passagem pelo Brasil na turnê de *Vapor Trails*, 17º da carreira dos canadenses e que também passou por Porto Alegre (RS).

Antes disso, apenas especulações de que o trio viria ao Rock in Rio e outros rumores que surgiam e logo desapareciam. Pois é, demorou quase trinta anos, contando pela estreia fonográfica em 1974, mas valeu a pena. "Não tínhamos ideia de que tínhamos tantos fãs no Brasil. Logo que chegamos, ficamos surpresos", recordou Lifeson à ROADIE CREW.

"*YYZ* foi um dos destaques. O que foi incrível sobre o público brasileiro é que quando tocávamos algumas de nossas instrumentais, eles cantavam partes como se tivessem sido escritas para isso", declarou Geddy Lee.

O repertório foi basicamente o mesmo da turnê americana, mas na entrevista coletiva, realizada antes do show em São Paulo no auditório do hotel Sheraton Mofarrej, Lee havia prometido uma música especial para os brasileiros, *Closer to the Heart*, que não estava no set usual. É, poderiam tê-los avisado de que aqui *Subdivisions* é hino. Seja como for, não há do que reclamar. "Durante o show, nós três trocamos um olhar ocasional, uma expressão irônica de perplexidade compartilhada naquela cena bizarra. O estádio de futebol de São Paulo tinha capacidade para sessenta mil pessoas, de longe o maior público para o qual já tocamos como atração principal", descreveu Peart. "Para o show no Rio de Janeiro, parecia que tínhamos uma adrenalina extra, sabendo que seria o último e que estava sendo gravado e

filmado" – a título de curiosidade, o áudio foi mixado no estúdio Metalworks, de Gil Moore, baterista e vocalista de outro orgulho canadense, o Triumph, que jamais passou pelo Brasil.

Bem, a vantagem de ter ficado na cara do palco é que até hoje ainda sinto o calor do fogo expelido pela boca do dragão que, na capa, veio ornamentado como se fosse Carmen Miranda. Coisa de gringo...

Ricardo Batalha

Divulgação

ARCH ENEMY

ENGANAÇÃO? SÓ NO TÍTULO

O novo álbum, o caminho percorrido no Arch Enemy até agora, veganismo, causa animal... Alissa White-Gluz abre o jogo numa conversa fora do lugar-comum

Por Daniel Dutra

A essa altura, Alissa White-Gluz (vocal), Michael Amott e Jeff Loomis (guitarras), Sharlee D'Angelo (baixo) e Daniel Erlandsson (bateria) já colheram muitos dos louros de *Deceivers*, o 11º disco de estúdio do Arch Enemy, lançado em agosto último. Mas sempre há muito que falar, especialmente se do outro lado da linha está Alissa, cuja imagem ultrapassa facilmente o campo musical. Tem o veganismo ligado à causa animal, por exemplo, mas tem também um detalhe bem curioso - e literalmente familiar - a respeito de sua entrada na banda sueca, em 2014. Curioso? Só começar a ler...

Antes de qualquer coisa, como você está e tem passado por esse momento de pandemia?

Alissa White-Gluz: Da melhor maneira possível, e estou bem, obrigada por perguntar! E você?

Voltando cada vez mais a uma vida normal (risos). E você aproveitou para começar a trabalhar em seu primeiro álbum solo. Em que pé está?

Alissa: Quando concordei em fazer um disco solo, pensei que era algo que eu poderia fazer no meu tempo livre, para continuar sendo criativa e usando esse tempo extra para compor música nova. Só que eu ainda estou esperando ter uma folga do Arch Enemy (risos), ou seja, o tal tempo livre para fazer isso (risos). Brincadeira! Eu até tenho muitas músicas, e olha que devo ter canções suficientes para uns dois CDs, mas preciso terminá-las. Temos um álbum novo do Arch Enemy que ainda está cheirando a novo, e isso é obviamente a prioridade.

***Deceivers* tem algumas surpresas, então preciso falar de *Handshake With Hell*. Eu me pergunto como as pessoas ficariam surpresas se vocês não tivessem lançado a música como single e vídeo, mas quais eram suas expectativas? Porque é realmente um novo passo para o Arch Enemy...**

Alissa: Honestamente, quando eu componho uma música, não penso em como as pessoas reagirão a ela, apenas no que vai soar melhor, e foi o que eu fiz nesta música. Foi ótimo que *Handshake With Hell* tenha sido escolhida como single, porque escolher quais músicas do disco serão carro-chefe e terão videoclipes é sempre a parte mais difícil. Gostei de ela ter sido um dos singles, mas fico feliz mesmo de as pessoas terem gostado.

De qualquer maneira, nem mesmo o "grito limpo" no começo de *House of Mirrors* prepararia os fãs para *Handshake With Hell*, assim como *Reason to Believe*, de *Will to Power* (2017), não pode ser considerada um prenúncio. Assim, como você e a banda trabalharam para encaixar os vocais limpos?

Alissa: É algo definitivamente orgânico. *Reason to Believe*, por exemplo, foi composta pela Michael, que escreveu as letras e os arranjos vocais. Quando ele me mostrou a música, ela fazia sentido para o Michael por causa da voz dele... Bom, se você já conversou com Michael antes, sabe que ele tem um tom barítono muito baixo (risos), mas esse não é o meu alcance favorito, apesar de eu conseguir cantar. Quando eu componho as músicas, faço isso de modo que minha voz se sinta bem, para que eu possa aplicar mais força, e a minha voz é obviamente mais alta do que a do Michael, porque sou mulher. Acredito

que em *Handshake With Hell* é a primeira vez que canto limpo porque se trata da primeira canção com vocal limpo que eu compus. Trabalhei nela da maneira como eu queria usar a minha voz, e isso também é muito importante. Do contrário, seria como se eu escrevesse as partes de guitarra para o Michael, o que não faria nenhum sentido para ele (risos). É lógico que ele vai compor da forma com a qual se sente mais confortável para tocar, por isso fica melhor quando ele compõe. No caso do vocal limpo, eu conheço a minha voz tão bem que, em *Handshake With Hell*, vi a oportunidade de usar um pouco mais dela natural do que nas demais músicas.

Interessante, e vou citar uma declaração do Michael para explicar: "Alissa pode fazer o que Angela fez e pode fazer o que Johan fez, mas também pode fazer essa outra coisa". Embora estejamos falando de vocais limpos, o Arch Enemy teve que soltar a besta...

Alissa: (rindo bastante) Sim, é isso mesmo! (N.R.: Alissa entende o trocadilho, já que é chamada de "Queen Beast") Tudo se resume ao que vai soar melhor, ao que faz sentido, e fazia sentido usar vocal limpo em *Handshake With Hell*, mas eu não queria forçar isso. Em *Deceiver, Deceiver*, por exemplo, não faria sentido algum cantar assim. Ainda que de primeira nem todo mundo estivesse de acordo, eu vi a oportunidade de usar minha voz de outra maneira em *Handshake With Hell* e apostei nela. Fico feliz por ter insistido, porque acredito que ela se tornou uma música mais interessante, se destaca, e acho legal poder mostrar mais do que somente o vocal extremo.

De fato, você trouxe diversidade para o Arch Enemy, novas camadas vocais, mas o que faz para cuidar da sua voz? Não só o estudo e o uso da técnica vocal, mas também para manter suas cordas vocais em forma?

Alissa: Eu treino basicamente todos os dias, gosto dessa ideia de malhar a voz. Mesmo quando estou em turnê, faço meus exercícios vocais diariamente, e isso tanto me ajuda a manter a boa forma vocal quanto me auxilia a aprender novas técnicas, o que me facilita manter em atividade a conexão entre o cérebro e as cordas vocais. Além disso, preciso ter cuidado com a minha alimentação e meu ritmo de vida, por isso tento manter um estilo saudável de maneira geral.

E há uma diversidade musical, também. Pegue *In the Eye of the Storm*, que hoje é minha favorita absoluta. É heavy metal dos anos 1980 feito para o rádio, mas com vocais extremos. Isso faz sentido para você?

Alissa: Olha que curioso: a banda toda é altamente influenciada pelo heavy metal clássico da década de 1980, menos eu (risos). Até curto, mas não posso dizer que é a minha influência, até porque nasci em 1985 (risos). Os rapazes são totalmente influenciados por aquelas bandas, e eu entendo perfeitamente esse background deles. E quis brincar um pouco com isso, então no videoclipe de *Handshake With Hell* eu incluí esse detalhe na minha roupa, por exemplo. *In the Eye of the Storm* é bem contagiante, sendo que o refrão é bem típico de banda sueca de metal. A música ficou muito boa.

E quais foram as suas influências musicais?

Alissa: Difícil dizer. Sei que existem dois tipos diferentes de músicos: os que ouvem uma tonelada de músicas e as absorvem, se lembrando de tudo exatamente como é; e os que estão trabalhando no seu próprio estilo. Acredito que me encaixo nesta última categoria. Lógico que adoro música, mas não me influencio por bandas. É difícil de explicar, e sempre que alguém me pergunta algo assim, eu não sei responder (risos). Ouço bastante coisa, mas não me lembro de um momento em que eu estava escutando algum grupo e pensei: 'Ah! É isso que eu vou fazer!'. Isso nunca aconteceu.

DECEIVERS
Century Media - Imp.

Para fechar, *One Last Time*, e por um motivo simples: ela mostra como o Arch Enemy criou uma identidade própria. É muito mais do que metal extremo ou death metal melódico, e isso é uma conquista e tanto, considerando que mudar a vocalista acabou abrindo portas. Angela fez isso quando substituiu Johan, e depois veio você...

Alissa: Obrigada por colocar dessa maneira, porque é realmente ímpar nesse sentido. Mesmo antes de eu entrar para a banda, sempre achei o som bem distinto. Eu conseguia reconhecer imediatamente nos primeiros acordes, mesmo antes de o vocal começar, que se tratava de Arch Enemy. Acho que isso vem do fato de que cada músico tem um estilo único, não somente Michael e Jeff, mas Sharlee e Daniel, também. Os vocais são 20% disso, então a minha parte, ou a da Angela ou a do Johan, são 20% da banda. Esses 20% podem mudar, mas os outros 80% continuam os mesmos, então é como uma atualização da banda que você já conhece, mas que não a altera completamente. O que faz da Arch Enemy tão único é não ser focado apenas em uma pessoa, em apenas um integrante. O foco está em todos.

Saindo da música, gostaria de falar sobre sua opção pelo veganismo. Como começou?

Alissa: Tornei-me vegana em 1998, mas fui vegetariana a vida toda. Eu fui criada assim, porque na minha família sempre tivemos a percepção do que significam comida e nutrição. Foi-me dada a opção que muitas crianças não têm, a de querer matar animais para comer ou não. Explicaram para mim o que era carne e falaram que, se eu quisesse comer, eles prepariam para mim. É claro que eu não quis, afinal, por que eu iria querer comer um animal quando há tantas outras opções de alimentos? Foi a criação que recebi desde criança, aprendendo sobre micro e macronutrientes presentes nos alimentos. Quando me tornei vegana, fiz puramente por causa dos animais, porque eu não queria a morte de nenhum deles. Pesquisando a respeito, também entendi que é bastante saudável e mais sustentável, então é algo que resolve muitos problemas de uma só vez. Se fosse algo que salvasse os animais, mas que não fosse sustentável, aí sim seria uma situação difícil. Eu não gostaria de apoiar algo que eliminasse tantos outros recursos, mas não é esse o caso. É saudável, é sustentável e ainda protege a vida dos animais, então foi como encontrar uma mina de ouro. Eu me pergunto como não existem mais pessoas seguindo o veganismo, porque é realmente muito bom! Bem, não era tão popular antigamente, mas agora está ficando cada dia mais conhecido.

E eu perguntei exatamente porque seu veganismo também está relacionado a uma causa muito importante: os direitos dos animais. É muito mais do que apenas não comer carne, mas creio que você tem que lidar não só com quem não entende,

mas também com quem é desrespeitoso...

Alissa: Verdade, e o veganismo é algo com o qual estou completamente confiante. Questiono-me sobre muitas coisas, até mesmo sobre o veganismo, mas sobre isso eu sei que estou fazendo a coisa certa. Estou nessa há duas décadas e, durante todo esse tempo, venho enfrentando gente que não entende. Assim, quando aparece alguém questionando os meus níveis de proteína, eu já tenho a resposta; quando me perguntam sobre animais que são mortos nas plantações, eu tenho resposta para isso; e é assim para cada argumento que as pessoas têm para questionar o veganismo, porque eu já os ouvi, já os estudei, conheço os fatos, e o principal é que veganismo ainda é a melhor opção. Entendo que as pessoas fiquem na defensiva, e isso normalmente acontece porque se sentem culpadas, veem alguém fazendo algo que acham que provavelmente é a coisa certa a se fazer, mas querem uma desculpa para continuar não fazendo. Tudo bem, eu entendo, porque comida é algo pessoal e, também, social. É uma tradição, uma questão familiar, e fazer alguém questionar a comida pode soar como um ataque à sua cultura ou à sua família, afinal, comida é algo que seus pais fornecem a você durante a vida, então pode parecer como um ataque a eles, por isso sempre tento ver a razão de a pessoa estar agindo na defensiva, saber por que é contra o veganismo. Normalmente, as pessoas concordam com a causa vegana, e a maioria não quer matar os animais, não gosta disso. Quando é esse o caso, procuro explicar o que está por trás, o que significa e o que elas podem fazer. Muitas vezes, as pessoas gostam dessa atitude.

De volta à música, permita-me uma observação antes da pergunta. Já se passaram oito anos desde que você entrou no Arch Enemy, e sinto que a banda conseguiu muito mais do que o esperado, e não apenas porque você teve e ainda tem a bênção de Angela. É como se você sempre pertencesse ao Arch Enemy, que não deu um passo para trás. Na verdade, continua crescendo e evoluindo. Isso faz sentido para você? Como você explicaria o papel que desempenhou naquela época e ainda está desempenhando?

Alissa: Boa pergunta, porque é meio estranho, sim, realmente parece que sempre estive na banda, e não sei explicar por quê (risos). Mesmo quando tinha acabado de chegar, parecia natural, não me causou surpresa, então é mesmo esquisito. Quando eu cheguei, e lembre-se que as coisas ainda estavam em segredo, pensávamos se ia dar certo, se deveríamos gravar um disco... Sabe, não havíamos contado a ninguém, mas eu contei para a minha mãe que estava numa nova banda, e ela perguntou: 'Espera! É o Arch Enemy?', e eu respondi que sim. Eu estava em turnê com o Kamelot quando recebi o telefonema com o convite, e o Kamelot também tinha passado por uma troca de vocalista, então eu falei com o Tommy Karevik, que substituiu o Roy Khan: 'Estou prestes a fazer a mesma coisa com uma banda que gosto muito', e ele disse: 'Espera! É o Arch Enemy?' (risos). Ele sabia de cara! Até a Floor Jansen, que também havia passado pela mesma situação ao se juntar ao Nightwish, também adivinhou imediatamente. E tudo isso aconteceu quando ninguém sabia que Angela tinha decidido sair, então acho que foi uma boa escolha. Parecia natural, e creio que essa é a razão por que fãs me aceitaram tão bem.

As histórias com a Floor e o Tommy são bem legais, mas devo dizer que nada se compara a ter uma mãe que curte heavy metal e já conhecia o Arch Enemy! (risos)

Alissa: (rindo bastante) Olha, é muito bom ter o apoio da família dessa forma! Eu tenho pessoas incríveis ao meu lado, extremamente apoiadoras. Sei que nem todo mundo possui uma família assim, então eu valorizo demais a que tenho.

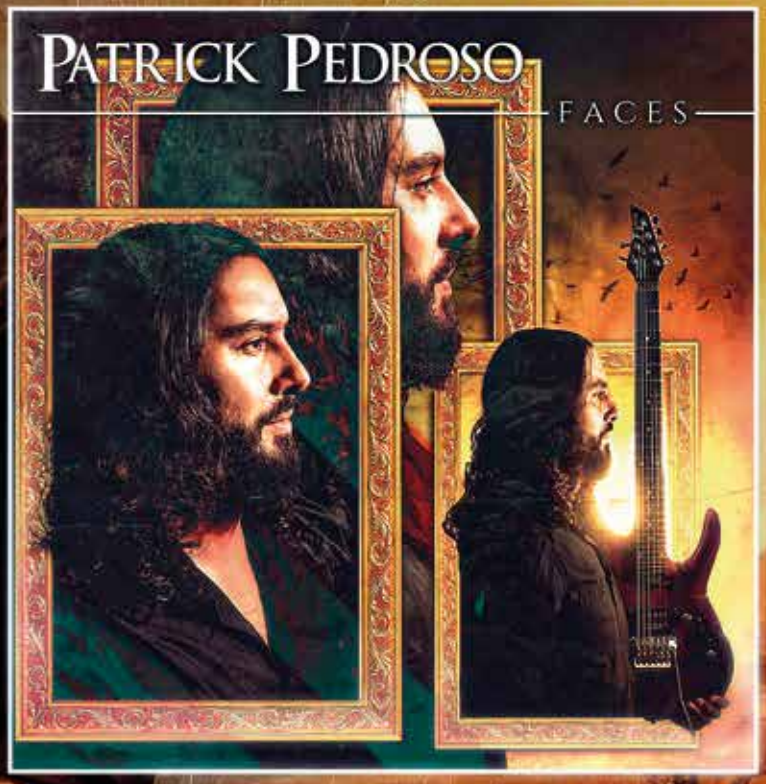
Jeff Loomis, Michael Amott, Alissa White-Gluz, Sharlee D'Angelo e Daniel Erlandsson: a consolidação do Arch Enemy 3.0

Divulgação

O QUE FAZ DA ARCH ENEMY TÃO ÚNICO É NÃO SER FOCADO APENAS EM UMA PESSOA, EM APENAS UM INTEGRANTE. O FOCO ESTÁ EM TODOS.

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

PATRICK PEDROSO
FACES



O MAIS NOVO TRABALHO DO GUITARRISTA PATRICK PEDROSO. COM UMA MISTURA DE PESO E MELODIA PATRICK TRANSITA EM VÁRIOS ESTILOS MUSICAIS NESSE DISCO MOSTRANDO AS SUAS FACES EM 12 FAIXAS COM MUITAS PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

EM BREVE EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER amazon prime music Available on iTunes

MS METAL AGENCY

MS METAL RECORDS

foto: Paulo Belotto - anúncio: www.jduartedesign.com

Anders Nyström, Jonas Renkse, Nick Holmes e Tomas Åkvik, nova formação e 'velho' death metal

Ester Segarra

UM NOVO BANHO DE SANGUE

Nick Holmes fala sobre o seu terceiro álbum completo ao lado de um dos gigantes do death metal sueco

Por Valtemir Amler

Sob muitos aspectos, é fácil perceber que a cena sueca do início dos anos 90 foi tão importante para o death metal quanto a cena da Bay Area de São Francisco foi seminal para o thrash metal nos anos 90. A quantidade de bandas, a qualidade dos discos, as diferentes fórmulas musicais aplicadas em nome de uma sonoridade característica, praticamente tudo o que acontecia no país escandinavo naqueles dias se tornou clássico e digno de louvor pelos fãs do metal da morte. Pois foi justamente com o intuito de reviver a glória clássica do death metal sueco que nasceu o Bloodbath em 1998, pelas mãos de um time de respeito: Mikael Åkerfeldt (Opeth) assumiu os vocais, Dan Swanö (Edge of Sanity, Nightingale, Witherscape etc.) a bateria, Jonas Renkse (Katatonia) o baixo e Anders Nyström (Katatonia, ex-Diabolical Mascarade e Bewitched) a guitarra. Com o passar dos anos, o projeto ganhou status de banda e, a despeito das várias mudanças de formação, o Bloodbath se manteve como uma das lideranças do atual death sueco. Promovendo o novo *Survival of the Sickest*, Nick Holmes (Paradise Lost) fala como se tornou o vocalista que, neste momento, mais gravou álbuns completos com o Bloodbath.

O Bloodbath nasceu como uma espécie de tributo ao 'old school death metal'. Você faz parte dessa história com o Paradise Lost, em uma geração incrível do metal extremo britânico, que teve bandas como Bolt Thrower, Napalm Death, Benediction e tantas outras. É uma sensação especial ver esse ciclo se fechando, certo?

Nick Holmes: Sem dúvida, é uma sensação bem especial. E, falando sobre aquele início do cenário death metal na Inglaterra, acho que foi um momento único na nossa história. Como posso dizer, o death metal naquela época era... Bem, havia alguns álbuns do estilo lançados, mas ainda não era algo realmente estabelecido, com uma sonoridade específica, como acontecia com o thrash metal, por exemplo. Naqueles dias, todo mundo conhecia e todo mundo sabia como deveria soar uma banda de thrash metal e isso pode ser um problema para novas bandas, pois você não tem muito espaço para inovar. Acho que foi por isso que o thrash teve alguns anos bem ruins na década de 90 antes de retomar o seu espaço, mas, enfim, a questão é que no death metal esses limites de estilo ainda não eram uma coisa tão definida quando nós começamos, e essa foi uma grande vantagem para nós. Você mencionou Bolt Thrower, Napalm Death e Benediction. Perceba, cada uma dessas bandas tocava algo muito diferente da outra, mas todas eram death metal e extremas. Com o Paradise Lost também estávamos no metal extremo, assim como no death metal. Mas, de novo, éramos diferentes de todos os citados, e isso era definitivamente algo especial.

Sim, posso imaginar a sensação de novidade e o sentimento de liberdade que isso proporcionava para uma nova banda.

Nick: Sim, era incrível! A cena era muito nova e ainda eram poucas pessoas, uma coisa muito underground. Com o Paradise Lost nós estávamos começando algo à parte, mas a verdade é que não tínhamos o desejo de fazer isso, o que queríamos era apenas nos encaixar na cena death metal com a nossa música, fazendo-a à nossa maneira. Ao mesmo tempo que fazíamos isso na Inglaterra, outros garotos faziam a mesma coisa nos EUA, no Brasil, na Holanda, e claro, na Suécia. E isso é uma coisa curiosa, pois o Bloodbath nasceu com essa orientação no death metal sueco do início dos anos 90. Pois bem, nos anos 90 o Paradise Lost estava no circuito de 'tape-traders', trocando fitas e informações com as bandas que serviram de referência para o Bloodbath. Parece loucura, mas aqui estou eu, três décadas depois.

Old Nick.

Nick: Pois é. Depois de relembrar tudo isso, o apelido faz muito mais sentido (risos gerais).

Você citou o Brasil, mas conhecia o metal extremo brasileiro naquela época?

Nick: Mas é claro! *Morbid Visions* (Sepultura, 1986) foi um dos primeiros álbuns de death metal já lançados e até hoje é um dos melhores! Para mim, está lado a lado com *Seven Churches*, do Possessed (1985), e acho que isso já diz tudo (risos).

Você ainda lembra a sensação que teve ao pegar pela primeira vez um disco do Paradise Lost nas mãos?

Nick: Sim, acho que até aquele momento havia sido a sensação mais impactante da minha vida. Você sabe, naquela época nós montávamos uma banda, fazíamos músicas, gravávamos e sonhávamos em ser tão bem sucedidos quanto o Slayer, mas a verdade é que o cenário era muito pequeno e muito restrito, as chances de viver disso eram mínimas para uma banda extrema. Nós mal tínhamos começado e já tínhamos lançado *Lost Paradise* (1990), talvez fosse cedo demais, mas acabou funcionando. Foi incrível pegar aquele disco nas mãos pela primeira vez, ver nossos nomes lá! E quando o selo me avisou que tínhamos vendido dez mil cópias dele eu fiquei atônito: 'Como assim, é possível vender dez mil cópias desse tipo de música, você está maluco?' (risos gerais) Só então comecei a entender que nós talvez tivéssemos uma chance no mundo da música (risos).

E ao entrar no Bloodbath você voltou ao mundo do death metal, que sempre foi importante na sua história.

Nick: É verdade. A história com o Bloodbath é que amamos o mesmo estilo de música e todos já nos conhecíamos muito bem. Nossas bandas, Paradise Lost e Katatonia, vinham excursionando juntas há vários anos, então já existia uma familiaridade que deixava todos muito confortáveis uns com os outros. Talvez o resultado não tivesse sido tão bom ou duradouro se não nos conhecêssemos antes.

Foi interessante a sensação de ser 'o novato' em uma banda após cerca de três décadas de experiência no mundo do metal?

Nick: Quando você coloca sob essa perspectiva, sim, foi um bocado desafiador. Mas que tipo de pergunta é essa, olha em que situação você me coloca! (risos gerais) Mas, é verdade, houve um certo desafio, pois quando entrei para o Bloodbath já fazia alguns anos que eu estava longe dos vocais de death metal, não era mais parte do meu dia-a-dia cantar esse estilo. O lado bom é que não foi algo que tive que aprender, foi mais uma questão de recordar como eu fazia aquilo, sabe? Assim que me reconectei com o passado, foi simples e até mesmo prazeroso voltar a cantar no estilo, pois essa sempre foi minha primeira paixão. Digamos que entrar para o Bloodbath me deu a chance de recordar um dos melhores momentos da minha vida, quando estava começando na música e o death metal era um mundo incrível de possibilidades para um jovem vocalista.

SURVIVAL OF THE SICKEST
Metal Army - Nac.

Você começou com *Grand Morbid Funeral* e havia certa expectativa com os seus vocais no Bloodbath.

Nick: Sim, as pessoas estavam em dúvida na época, tanto os fãs do Bloodbath quanto os do Paradise Lost. Eu sabia que seria assim e os caras também, mas isso nunca foi um problema para nós. Claro que minha voz não era mais a mesma de trinta anos atrás, mas não tinha como ser, eu amadureci. A questão é que ainda sei fazer isso, assim como os caras no Bloodbath sabem o que fazer para soar old school. De certa forma, todos aqui somos 'especialistas' nisso, então era apenas questão de tirar as ideias do papel. Tem sido incrível ser novamente tratado como um 'vocalista de death metal'. Eu tinha esquecido do quanto é bom ser visto assim.

Você voltou a ser a referência que sempre foi, e acho isso justo.

Nick: Obrigado, de verdade. Bem, vou lhe contar uma coisa engraçada sobre isso: você sabe, todos crescemos em uma vizinhança, temos amigos, envelhecemos e nos desligamos de certas coisas. Bem, um monte de meus velhos amigos havia deixado o circuito metal, não iam mais a shows, não compravam discos, estavam ocupados demais com suas vidas, enfim. Hoje, todos eles estão comprando discos de metal, indo a shows, influenciando os filhos e os garotos mais novos a curtirem som pesado. Sei lá, acho que virei uma espécie de 'tiozão descolado' da vizinhança. Sou 'o cara que canta death metal', 'o cara que viaja o mundo tocando rock' (risos). Não vou mentir, tem sido uma ótima sensação (risos).

Eu imagino, é como ser jovem de novo, só que agora sendo um maduro hipster britânico...

Nick: É, mais ou menos isso (risos gerais).

Sua sequência com o Bloodbath impressionou, primeiro com *The Arrow of Satan Is Drawn* (2018), que traz elementos de black metal, e agora com *Survival of the Sickest*, que para mim é o melhor desde *Nightmares Made Flesh* (2004).

Nick: Muito obrigado. Aliás, estou lhe agradecendo demais para alguém que acabou de me chamar de hipster (risos gerais). Bem, *The Arrow of Satan Is Drawn* realmente tem algo de black metal, e claro que devemos destacar a presença de Joakim Karlsson (guitarra, Craft), ele simplesmente entende tudo sobre isso. Agora, em *Survival of the Sickest* até mantivemos algo do black metal sueco, mas os elementos do 'old school death metal' sueco estão muito mais evidentes e acho que de novo isso tem a ver com as guitarras. A presença de Tomas Åkvik definitivamente joga muito a favor dessa sonoridade, afinal, isso já é algo que ele persegue com o Lik, sua outra banda.

PROFILE

EDGARD BRITTO (TUATHA DE DANANN/KERNUNNA)

Por Claudio Vicentin • Fotos: Divulgação

Primeiro disco que comprou:
"*No Rest For The Wicked* - Ozzy Osbourne."

Melhor disco de Heavy Metal:
"*Vol. 4* - Black Sabbath."

Último disco que comprou:
"*Utgard* - Enslaved."

Disco que mudou sua vida:
"*Alternative Four* - Anathema."

Disco que mais ouviu na vida:
"Difícil só um... *Gothic* (Paradise Lost) e *Headless Cross* (Black Sabbath)."

Melhor capa de disco:
"*Images and Words* - Dream Theater."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Algum de sertanejo atual. Ô, negócio torturante!"

Disco que gostaria de ter gravado:
"*Duke* - Genesis."

Música que gostaria de ter composto:
"*Heathaze* - Genesis."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Selling England by the Pound* - Genesis."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Diary of a Madman* - Ozzy Osbourne."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Rust in Peace* - Megadeth."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*A Natural Disaster* - Anathema."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Geralmente ouço mais estilos que tenho afinidade. Não lembro agora de uma assim."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Anathema, In Flames, Enslaved e Riverside."

Três hinos do rock/metal:
"*Painkiller* (Judas Priest), *Bark at the Moon* (Ozzy Osbourne) e *Heaven and Hell* (Black Sabbath)."

Música que mais gosta de tocar:
"*Battle Song* (Tuatha de Danann)."

Música que melhor define sua carreira:
"*Dreamer* (Kernunna)."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Enslaved seria uma boa para regravar músicas do Tuatha lado B, tipo *The Arrival, The Wheel*!"

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"Na banda Ghost. Seria bem legal tocar aqueles teclados e ainda estar mascarado (risos)."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"Qualquer música do Anathema."

Site:
www.tuathadedanann.art.br

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Acho que não citaria um, mas geralmente não me agradam músicos que desvalorizam a música pesada."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo dela a Kenny G.:
"Sou tão fã de Anathema que compraria."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Theremin"

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Depende do dia; mas de acordo com o humor vou mudando o estilo."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Clássico, jazz e música brasileira, principalmente instrumental e contemporânea."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Curador de arte."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Acho que foi no Wacken (ALE). Estava no palco com o Tuatha me preparando para tocar quando alguém, do nada, gritou meu nome e falou que era de Pouso Alegre, cidade vizinha à minha (risos). Foi inacreditável estar tão longe do Brasil e encontrar um fã vizinho de cidade. Depois do show conversamos e demos boas risadas."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Consigo compartilhar música boa com amigos, alunos e fãs!"

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

ARE YOU READY!?

January 30 – February 3, 2023

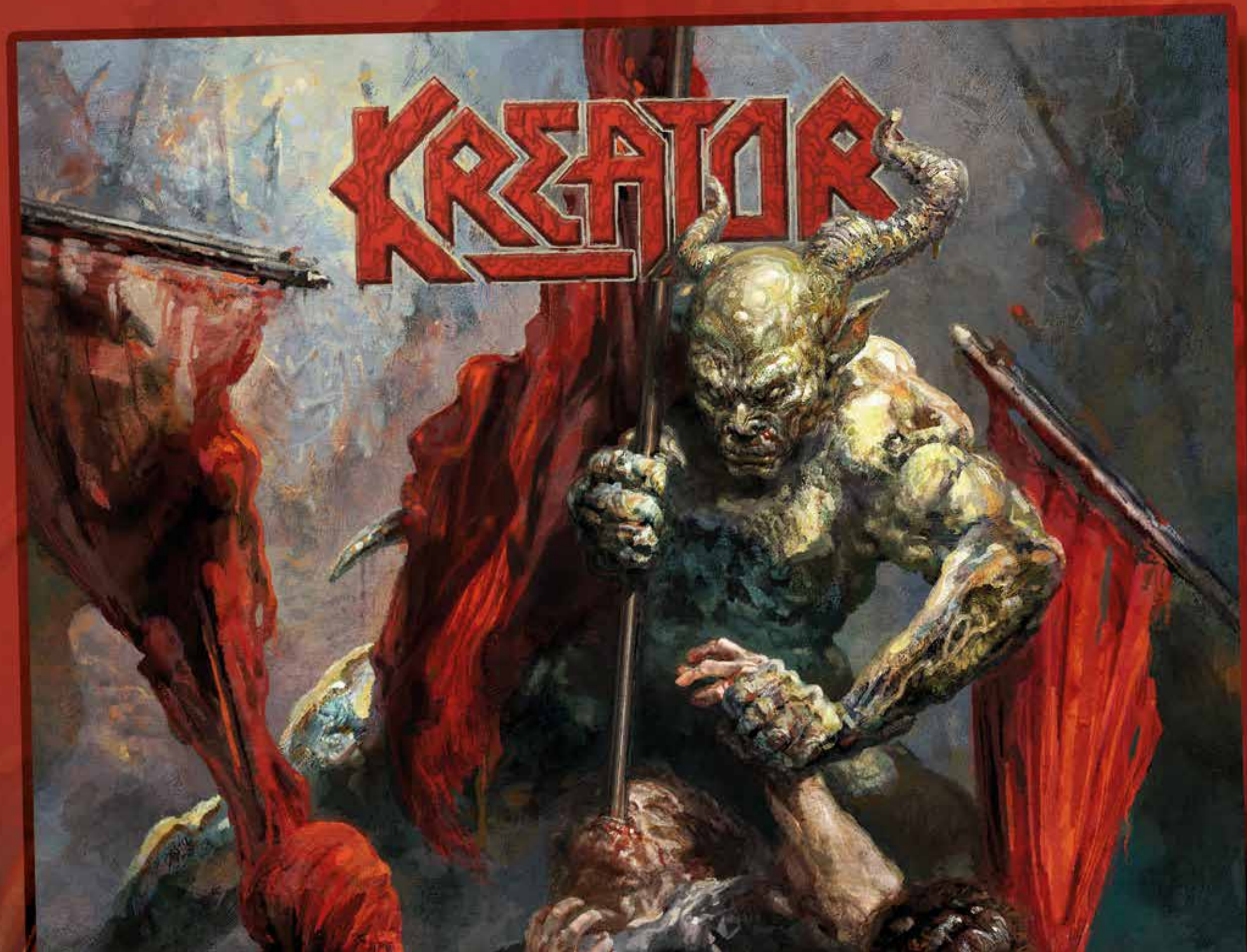
Miami, Florida – Bimini, Bahamas

THE WORLD'S BIGGEST
THE ORIGINAL
HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

Tel.: +1 305 777 4878


KREATOR

HATE ÜBER ALLES
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock
Christoph Voy

MASAKI
VOCALS

TARO
BASS

SHOYO
GUITAR

HIRO
DRUMS

E·Z·O

House of 1,000 Pleasures – Flashback Heart Attack – Mr. Midnight
Here It Comes – I Walk Alone – Destroyer
Big Changes – Kiss of Fire – Desiree

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

SUMMER BREEZE

SÃO PAULO • BRASIL

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

29 · 04 · 2023 - SÁBADO

Blind Guardian

lamb of god

Stone Temple Pilots

Accept

Sepultura

Skid Row

Apocalyptica

Benediction

Marc Martel

Bruce Dickinson
(palestra)

Crypta

Perturbator

Lord of the Lost

Brutal Brega

Shaman + Viper + Angra
(Felipe Andreoli e Rafael Bittencourt)
celebram Andre Matos

Tuatha de Danann

Voodoo Kiss

Andre Matos
(Première: episódio 2)

30 · 04 · 2023 - DOMINGO

Parkway Drive

Kreator

The Winery Dogs

Tobias Sammet's Avantasia

Stratovarius

Testament

Evergrey

H.E.A.T.

Grave Digger

Napalm Death

Krisiun

Finntroll

Beast in Black

Bury Tomorrow

Project46

Palestra Surpresa

Vixen

Bittencourt Project

VENDAS: ticket 360.com

INFORMAÇÕES: SUMMERBREEZEBRASIL.COM

REALIZAÇÃO: FREE PASS · NOVOPALCO · ROADIE CREW · SILVERDUST

MEDIA PARTNERS: T · KISS FM

APOIO: SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO